

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUANA PEDROSA VITAL GONÇALVES

UM PAÍS ESCORRE PELAS TERRAS DOS RIOS GIGANTES: Representações sociais de
universitários do Pará sobre o Brasil

RIO DE JANEIRO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Luana Pedrosa Vital Gonçalves

UM PAÍS ESCORRE PELAS TERRAS DOS RIOS GIGANTES: Representações sociais de
universitários do Pará sobre o Brasil

1 volume

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Arruda

Rio de Janeiro

2008

G635

Gonçalves, Luana Pedrosa Vital.

Um país escorre pelas terras dos rios gigantes: representações sociais de universitários do Pará sobre o Brasil / Luana Pedrosa Vital Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

143f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2008.

Orientador: Angela Arruda.

1.Representação social.. 2.Psicologia social 3.Universitários – Identidade. 4. Brasil – Aspectos sociais. I. Arruda, Angela. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 302

Luana Pedrosa Vital Gonçalves

UM PAÍS ESCORRE PELAS TERRAS DOS RIOS GIGANTES: representações sociais de universitários do Pará sobre o Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Angela Maria Silva Arruda

Aprovada em 06 de março de 2008.

Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^ª Dr^ª Clarilza Prado de Sousa - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Prof. Dr. Ricardo Vieiralves de Castro - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Suplentes: Prof^ª Dra^a Jane Correa - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tarso Bonilha Mazzotti - Universidade Estácio de Sá

Aos meus pais, Leny e Jorge, que sempre me incentivaram a estudar. Nenhuma palavra traduz o meu agradecimento.

Ao meu companheiro Osmar, pela presença constante e pelo amor irreversível.

Agradecimentos

Às Forças Superiores que me permitiram chegar até aqui.

À professora Angela Arruda, que me despertou o interesse acadêmico ainda durante a graduação e me deu a oportunidade de participar de seu projeto de pesquisa me fazendo chegar até aqui. Por estar sempre disposta a oferecer estímulos e a propor desafios e por ouvir com interesse e ânimo todas as questões, dúvidas e problemas. Pela paciência, pela generosidade, pela compreensão silenciosa em momentos difíceis, mas, sobretudo, pelos anos de parceria e amizade.

À professora Lilian Ulup, pelo trabalho de educadora sempre atuante com a sinceridade dos sentimentos e a força do exemplo.

Aos professores Clarilza Prado de Sousa e Ricardo Vieiralves de Castro, pelas críticas e sugestões que fizeram a este trabalho por ocasião do exame de qualificação.

Às amigas Ana Carolina Dias Cruz, Cristal Oliveira Moniz de Aragão e Patrícia Simon Lorenzutti, pela amizade que nos une e pelas muitas manhãs, tardes e noites de estudos, conversas e risos.

A todos os estagiários do “Projeto Imaginário e Representações Sociais do Brasil”, pelas muitas idéias trocadas e pelo trabalho sempre agradável.

À Ana Cristina Arcos, secretária da Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, por fazer o impossível quando estamos mais desesperados.

Ao meu irmão Rafael Pedrosa Vital Gonçalves, pelas tardes de dissertação musicadas, pelo empréstimo do computador e pelo acompanhamento tecnológico.

E en tal maneira hé graciosa
Que querendo a aproveitar darse a neela tudo
Per bem das ágoas que tem
Para o mjlhor fruto que neela se pode fazer
Me parece que será salvar esta jemte
E esta deve ser a principal semente que Vosa Alteza
Em ela deve lamçar
(Pero Vaz de Caminha)

Há 500 anos sobre a terra
Vivendo com o nome de Brasil
Terra muito larga e muito extensa
Com a forma aproximada de um funil

Aquarela feita de água benta
Onde o preto e o branco vem mamar
O amarelo almoça até polenta
E um resto de vermelho a desbotar

Sofá onde todo mundo senta
Onde a gente sempre põe mais um
Oh! berço esplendido agüenta
Toda essa galera em jejum

Apesar de Deus ser brasileiro
Outros deuses aqui tem lugar
Thor, Exu, Tupã, Alá, Oxossi
Zeus, Roberto, Buda e Oxalá

Aqui não tem terremoto
Aqui não tem revolução
É um país abençoado
Onde todo mundo põe a mão

Brasil, potência de nêutrons
35 watts de explosão
Ilha de paz e prosperidade
Num mundo conturbado
E sem razão

A mulher mais linda do planeta
Já disse o poeta altaneiro
Que o seu rebolado é poesia
Salve o povão brasileiro

Mais do que um piano é um cavaquinho
Mais do que um bailinho é o carnaval
Mais do que um país é um continente
Mais que um continente é um quintal¹

¹ PREMEDITANDO O BREQUE (PREMÊ). **Bem Brasil**. Rio de Janeiro: EMI, 1985. Disco sonoro, lado B, faixa 1.

RESUMO

GONÇALVES, Luana Pedrosa Vital. Um país escorre pelas terras dos rios gigantes: representações sociais de universitários do Pará sobre o Brasil. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Mesmo uma observação superficial do cotidiano revela a persistente presença do tema nacional nas discussões contemporâneas. Por um lado há quem diga que somos uma nação incompleta, que ainda está se fazendo. Por outro lado, enfrentamos na vida diária desafios que a todo o momento põem em questão os esquemas conceituais de que lançamos mão para explicar realidades do país. Pensando em contribuir com reflexões sobre essa questão, esta dissertação teve como objetivo analisar as representações sociais de universitários paraenses sobre o Brasil, tendo como bases a Teoria das Representações Sociais, tal como proposta por Serge Moscovici e a Metodologia dos Mapas Mentais, conforme Stanley Milgram e Denise Jodelet. Originou-se do “Projeto Imaginário e Representações Sociais do Brasil”, que faz parte do grupo de pesquisa “Imaginários Latino-Americanos”, do Laboratório Europeu de Psicologia Social (LEPS) da Maison des Sciences de l’Homme de Paris, ambos coordenados pela professora Angela Arruda. O instrumento de coleta consistiu num questionário em que os sujeitos desenharam livremente seu mapa mental do Brasil, descrevendo e justificando suas escolhas. A amostra foi composta por 177 universitários de instituições públicas e privadas dos cursos de Serviço Social, Enfermagem, Pedagogia, Medicina e Engenharia. A análise dos dados foi feita por meio de metodologia qualitativa, recorrendo-se ao paradigma indiciário proposto por Ginzburg. Os resultados indicaram que os desenhos se revelaram como ferramenta bastante útil para a exploração do papel das imagens na construção das representações e também para a coexistência de três tipos de representações que se superpõem em um movimento oscilante entre resistência e mudança, formando um

continuum. Representações hegemônicas mais antigas vinculadas à positividade da natureza e às raças, convivem com outras posteriores, de maior valorização da mistura e da cultura, mas que apresentam críticas, e com outras, polêmicas, em que o aspecto crítico, dirigido principalmente aos problemas socioeconômicos, parece possuir maior prevalência. Tais representações se ancoraram não só em elementos do imaginário a respeito do país como também em situações concretas das vidas e experiências diretamente ligadas às questões da região Norte, o que pôde ser evidenciado pela forte presença do regionalismo nos mapas.

PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL. PSICOLOGIA SOCIAL. JOVENS. UNIVERSITÁRIOS. BRASIL (ASPECTOS SOCIAIS).

ABSTRACT

GONÇALVES, Luana Pedrosa Vital. A country passes through the gigantic rivers land: social representations of Brazil to students of Pará. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Even a brief observation of everyday life discloses persistent presence of the national theme in contemporary discussions. One says we are an incomplet nation, that is still constructing itself. On the other hand, in daily life, challenges question conceptual schemes we use to explain country realities. Taking this into account, the objective of this research was to analyze the social representations of Brazil that college students of the state of Pará possess. It is theoretically based on the Theory of Social Representations, formulated by Serge Moscovici and the methodology of mental maps, used by Stanley Milgram and Denise Jodelet. The research stemmed from the project “Imaginary and Social Representations of Brazil”, coordinated by professor Angela Arruda, member of the research group “Latin-American Imaginaries”, of the European Laboratory of Social Psychology, of the Maison des Sciences de L’Homme of Paris. Data were collected by a questionnaire in which the subjects were asked to sketch their own mental maps of Brazil and, afterwards, to explain in written form what they had drawn, justifying their choices. The questionnaire was filled in by 177 college freshmen of public and private institutions in the state of Pará. The courses they attended were: Social Work, Nursing School, Pedagogy, Medical School and Engineering. Data were analyzed using qualitative methodology, based on sign paradigm as defined by Ginzburg. The results showed that drawings are a very useful methodological tool, which can contribute to investigate how images are involved in social representation construction. Also, they indicated the coexistence of three kinds of representations forming a continuum: older hegemonic representations related to nature and to racial discourse; more recent hegemonic

ones that set great store by mixture and culture, but also have an inclination to criticize; and polemic representations, in which critical think predominate. These representations were anchored in elements of the imaginary about the country and also in concrete situations related to northern life style in Brazil.

KEYWORDS: SOCIAL REPRESENTATIONS. SOCIAL PSYCHOLOGY. COLLEGE STUDENTS. BRAZIL (SOCIAL ASPECTS).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição dos estudantes segundo a cor/raça.....	49
Gráfico 2 - Distribuição da renda familiar mensal dos estudantes de Serviço Social, Pedagogia e Enfermagem.....	50
Gráfico 3 – Distribuição da renda familiar mensal dos estudantes de Medicina e Engenharia	50
Gráfico 4 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento.....	50
Gráfico 5 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento do pai.....	51
Gráfico 6 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento da mãe.....	51
Gráfico 7 - Distribuição dos cursos segundo a lógica de apreensão.....	62
Gráfico 8 - Distribuição dos tipos de elementos desenhados segundo o curso.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de mapa com lógica de apreensão por regiões.....	60
Quadro 2 – Exemplo de mapa com lógica de apreensão geral.....	61
Quadro 3 – Exemplo de mapa que mostra diferenças entre o Norte e o Sul.....	75
Quadro 4 – Exemplo de desenho da floresta associada à visão econômica.....	79
Quadro 5 – Exemplo de desenho da floresta associada a uma visão crítica	80
Quadro 6 – Exemplo de mapa em que se observa o princípio de proximidade.....	89
Quadro 7 – Exemplos de desenhos da natureza no Pará/Norte.....	91
Quadro 8 – Exemplo de desenho de rio associado à vida cotidiana	92
Quadro 9 – Exemplos de desenhos de problemas ambientais do Pará/ Norte.....	93
Quadro 10 – Exemplos de problemas socioeconômicos do Pará/Norte.....	93
Quadro 11 – Exemplos de desenhos sobre a urbanização na região Norte.....	95
Quadro 12 – Exemplos de desenhos relacionados à questão da terra.....	96
Quadro 13 – Exemplos de desenhos relacionados à religião e à fé.....	97
Quadro 14 – Exemplo de mapa com tonalidade crítica.....	99
Quadro 15 – Exemplo de mapa com tonalidade ambivalente.....	100
Quadro 16 – Exemplo de mapa com tonalidade valorizante.....	101
Quadro 17 – Exemplos de desenhos cujos temas são os problemas socioeconômicos segundo as três tonalidades.....	104
Quadro 18 – Exemplos de desenhos cujo tema é a natureza segundo as três tonalidades.....	106
Quadro 19 – Exemplos de respostas à primeira questão aberta segunda as três tonalidades.....	107
Quadro 20 – Exemplos de respostas à segunda questão aberta segundo as três tonalidades.....	109
Quadro 21 – Exemplos de desenhos de pessoas mais freqüentes.....	113
Quadro 22 – Exemplos de desenhos de personagens poderosos e de personagens lutadores.....	115
Quadro 23 – Exemplos de personagens que se unem, buscam paz e mantêm a esperança	116
Quadro 24 – Exemplos de desenhos de crianças.....	117
Quadro 25 – Exemplos de desenhos de índios.....	117
Quadro 26 – Exemplos de desenhos de pessoas cujo tema é a miscigenação.....	119
Quadro 27 – Exemplos de desenhos de tipos regionais.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição dos estudantes segundo o curso e o tipo de instituição.....	48
Tabela 2 – Distribuição dos temas presentes nos desenhos e em suas descrições/explicações	65
Tabela 3 – Distribuição das regiões geográficas presentes nos mapas.....	88
Tabela 4 – Distribuição dos temas dos desenhos da região Norte e do estado do Pará.....	91
Tabela 5 – Distribuição dos desenhos e seus temas entre as três tendências de tonalidade..	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A IMAGEM.....	19
2.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	19
2.2 CONHECER POR INTERMÉDIO DE IMAGENS.....	24
3 RECONSTITUINDO O CENÁRIO.....	31
3.1 REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA: DO PARAÍSO AO VAZIO.....	32
3.2 OUTRO PAÍS DENTRO DO BRASIL.....	35
3.3 PASSAGEM POR QUESTÕES ATUAIS: DESMATAMENTO, VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E CULTURA.....	42
4 METODOLOGIA.....	45
4.1 INSTRUMENTO	45
4.2 O CAMPO.....	46
4.3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PARTICIPANTES.....	48
4.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	52
4.4.1 <i>O paradigma indiciário</i>	52
4.4.2 <i>A análise das imagens</i>	55
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	59
5.1 UMA VISÃO GERAL.....	59
5.2 TERRITÓRIO.....	67
5.2.1 <i>O Brasil de baixo e o Brasil de cima</i>	69
5.2.2 <i>A floresta</i>	76
5.2.3 <i>O litoral</i>	83
5.2.4 <i>O Pará e a região Norte</i>	88
5.3 OS MAPAS GERAIS.....	98
5.4 QUEM SÃO OS PERSONAGENS BRASILEIROS?.....	111
5.4.1 <i>Os descendentes dos tapuios?</i>	111
5.4.2 <i>O passado, o presente e o futuro</i>	116
5.4.3 <i>Outros destaques: cultura, região, ação, condição</i>	120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXOS.....	137

1 INTRODUÇÃO

Mesmo uma observação superficial do cotidiano revela a persistente presença do tema nacional nas discussões contemporâneas. Apesar de existirem muitas sínteses explicativas sobre o Brasil, a necessidade de se pensar a nação é ainda veemente. Por um lado há quem diga que somos uma nação incompleta, que ainda está se fazendo. Por outro lado, enfrentamos na vida diária desafios que a todo o momento põem em questão os esquemas conceituais de que lançamos mão para explicar realidades do país. Pensando em contribuir com reflexões sobre essa questão, esta dissertação tem como objetivo analisar as representações sociais de 177 universitários de instituições de ensino da cidade de Belém (estado do Pará) sobre o Brasil, tendo como bases a Teoria das Representações Sociais, tal como proposta por Serge Moscovici e a Metodologia dos Mapas Mentais, conforme Stanley Milgram e Denise Jodelet.

Ao longo de mais de cinco séculos, diversas formas de interpretar, descrever, definir, explicar e criar raízes do país e de sua gente foram elaboradas e difundidas em um processo de simbolização que se construiu socialmente e por intermédio de processos comunicativos, contribuindo para a formação de campos de conhecimentos nas mais diversas áreas do saber, incluindo o senso comum. Imagens fantásticas sobre as terras onde atualmente é o Brasil foram criadas e propagadas pelos europeus antes e depois de sua chegada a elas. Muitas dessas idéias permanecem no imaginário sobre o país até os dias atuais. Contudo, diversas situações de ruptura no decurso da história modificaram a dinâmica desse imaginário e abriram espaço para o surgimento de outras tantas representações, já que estamos sempre em busca de informação sobre o mundo à nossa volta, interpretando-o e posicionando-nos frente a ele (JODELET, 2001).

Na atualidade, as discussões sobre a identidade nacional e sobre o Brasil enquanto

Estado-Nação ganham força por conta da influência que a globalização vem exercendo sobre os países ocidentais, visto que as sociedades contemporâneas estão marcadas pelas rápidas e constantes mudanças e pela coexistência tanto do sentimento de pertencimento a uma comunidade global como a uma comunidade local. Dessa forma, a sensação de proximidade entre diferentes culturas pode nos levar a experimentar uma identificação de cidadãos do mundo, ao mesmo tempo em que pode nos levar ao estranhamento dos “outros”, o que favorece o processo de reforçamento das identidades nacionais decorrente de uma maior identificação com a cultura nacional (HALL, 2002). Diante das mudanças acarretadas por essa nova conjuntura político-econômica e social, estariam novas formas de representar o Brasil em processo de reelaboração? Poderíamos identificar alguns dos elementos relacionados a esses possíveis processos de mudança das mentalidades sociais?

A população cujo pensamento se deseja estudar é composta por jovens residentes na região Norte do país, que apesar de ocupar a maior parte do território (cerca de 50%) e de ser reconhecidamente uma das mais importantes em termos de recursos naturais, contém terras e gentes freqüentemente esquecidas e ignoradas pelo resto do Brasil. É até hoje uma região esparsamente povoada, desigualmente desenvolvida e com graves problemas sociais (IBGE, 2007).

O território do atual estado do Pará durante largo período não fez parte do Brasil. Desenvolveu ao longo dos tempos uma sociabilidade e uma política interna distintas, permanecendo alijado da prosperidade nacional até o início do século XX. Trata-se de uma região de fronteira e com cultura de forte herança indígena, mesclada por levas de tantas outras migrações. Viver nessa terra banhada por rios suscitaria singularidades nas representações, imagens e investimentos afetivos em seus habitantes de modo a contribuir para elaboração de modelos específicos do espaço do Brasil e de seus habitantes?

Nessa pesquisa, as opiniões e expectativas que os jovens expressaram se ancoraram

não só em elementos do imaginário a respeito do país como também em situações concretas de suas vidas, de suas experiências como brasileiros da região Norte. Permitiu-nos visualizar não só formas como compreendem o Brasil, mas também posições em que situam sua própria região dentro dele. A importância de nos debruçarmos sobre a compreensão que esses jovens constroem sobre o Brasil reside no fato de que futuramente, como profissionais, estarão exercendo papel importante nos processos de construção e difusão de representações.

Assim, no primeiro capítulo fizemos sucinta exposição da teoria que nos serviu de fundamento teórico, tentando focar na relação entre as representações sociais e a imagem, já que a expressão por meio de desenhos fez parte dos procedimentos metodológicos. No segundo capítulo, fizemos breve passada por algumas idéias que marcaram a visão do objeto de representação relacionando-o ao contexto do Pará. O terceiro capítulo se reserva aos procedimentos de coleta, ao perfil dos participantes e à descrição da metodologia de análise escolhida. Em seguida, são apresentados os dados acompanhados de sua análise. Por último, se tentou mostrar como os indícios reunidos apontavam para a existência de novas representações em curso.

|
|
|
|
|
|

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A IMAGEM

2.1 A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais é o suporte teórico que orienta essa pesquisa por oferecer elementos cruciais para a abordagem do objeto sob investigação. Essa teoria se configura como uma ferramenta que nos permite “entender os entendimentos” (JOVCHELOVITCH, 2001) e o que eles expressam, isto é, nos auxilia no estudo do que uma sociedade, comunidade, grupo ou instituição sabe de si mesma e dos objetos que a rodeiam. Utilizando-a como ferramenta, é possível investigar como um grupo de estudantes do Pará constrói para si um mundo de idéias e imagens acerca do Brasil, país em que nasceram e onde vivem.

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente elaborados e partilhados, forjados na interação e contato com os discursos que circulam no espaço público e que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, organizando e orientando as condutas e as trocas cotidianas (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001).

Um dos pressupostos dessa teoria é a idéia de que realidade é representada, isto é, é apropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída e integrada ao seu sistema de valores dependendo de sua história e do contexto social que o envolve. Moscovici (1988, 2001) assinala que as representações são ao mesmo tempo construídas e adquiridas, não possuem o mesmo caráter estático dado a elas pela visão clássica representacionista. Algo que é individual pode tornar-se social ou vice-versa, embora o individual nunca se divorcie do atravessamento pelo social. O fato de “criarmos” uma realidade significa que nós geralmente experimentamos e pensamos em termos de mundos “potenciais” existentes nos mundos

“reais”, embora ressalte que esse processo não seja algo completamente arbitrário, já que as regularidades do pensamento, da linguagem e da vida em sociedade atuam em conjunto na delimitação de possibilidades. O estudo das representações permite-nos perceber que o pensamento social elabora a realidade segundo diferentes modelos (JOVCHELOVITCH, 2001).

As representações sociais podem ser hegemônicas, quando compartilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado, como, por exemplo, uma nação (MOSCOVICI, 1988). Uma representação hegemônica costuma perdurar por longo tempo, atravessando gerações. Mesmo assim, toda representação social é um processo em que se pode localizar uma origem sempre inacabada, a tal ponto que outros discursos emergentes sempre podem nutri-la, corrompê-la ou transformá-la (MOSCOVICI, 2003). Significações inovadoras também podem emergir da relação dinâmica entre diversos grupos que trocam informações sobre um mesmo objeto, promovendo a produção de representações emancipadas, que se caracterizam por certa autonomia em relação aos grupos dos quais se originam. Quando produzidas em situações de conflitos e negociações sociais, as representações são marcadas por relações antagônicas ou de diferenciação entre grupos que as elaboram e expressam pontos de vista distintos e particulares sobre um mesmo objeto, situação em que podem ser identificadas como representações polêmicas (MOSCOVICI, 1988).

Representações sobre o Brasil vêm sendo elaboradas e difundidas desde antes da chegada do colonizador europeu à América, por intermédio de produções literárias e artísticas em geral e também das diversas produções culturais e científicas. Atravessando os tempos, algumas dessas representações se mantiveram. Nesse sentido, observa-se que uma representação social tende a resistir à incorporação de conceitos, conhecimentos e atividades que de alguma forma ameacem a identidade do grupo que a produz. É uma espécie de função

de resistência, em que inovações simbólicas são evitadas. Essa resistência, no entanto, não impede a incorporação de inovações. Novas idéias após passarem por um controle criterioso e serem de alguma forma neutralizadas podem ser assimiladas às já existentes. Tanto a nova idéia quanto o sistema que a hospeda sofrem modificações nesse processo de incorporação (BAUER, 2002). É provável que existam representações hegemônicas do Brasil que vieram se configurando e se re-configurando por séculos e séculos, na relação com tantas outras que se diluíram em confrontos de interesses dos diferentes grupos sociais de cada época. Por outro lado, é também provável que todo o tempo, problematizações e posicionamentos críticos instiguem essas representações, favorecendo o surgimento de novas significações.

A construção de significações a respeito da nação e da nacionalidade passa tanto pelo campo do imaginário social como pelo conjunto de representações sociais que nele circulam, na medida em que ambos informam a visão que cada indivíduo tem de si e de seu grupo e são dinamizadores das práticas sociais. Dessa forma, as representações podem ser pensadas como uma rede de conceitos e imagens que interagem e cujos conteúdos se desenvolvem continuamente no tempo e no espaço, e que possuem muito mais um caráter de reconstrução do que de re-apresentação da realidade. Sua elaboração, portanto, não é uma atividade passiva que visa à reprodução do mundo exterior, mas possui um caráter autônomo, criativo, imaginante. Moscovici (1988) indica que a representação está na interface de duas realidades: a psíquica, diretamente ligada ao reino da imaginação e dos sentimentos; e a externa, mais ligada às estruturas da vida coletiva e suas regras. Ele sinaliza, assim, que uma representação não provém obrigatoriamente de processo racionais de projeção da realidade, até porque são permeadas todo o tempo pelo afeto (JODELET, 2005).

Denise Jodelet (1984) aponta outras características das representações que devem ser levadas em consideração ao longo do processo de suas descrições e análises. Primeiramente é importante destacar que a representação é sempre de um objeto. Não existe representação sem

objeto. Sua natureza pode ser variada, mas ele é sempre essencial. O objeto pode ser abstrato, se referir a uma categoria de pessoas, acontecimentos materiais, psíquicos ou sociais, fenômenos naturais, uma idéia, uma teoria, ou ser tanto real quanto mítico, mas é necessária essa relação com ele (JODELET, 2001). No entanto, nem todo objeto é socialmente representado. É necessário que esse objeto tenha relevância cultural e espessura social dentro do grupo estudado e “se encontre implicado, de forma consistente, em alguma prática do grupo, aí incluída a da conversação e a da exposição aos meios de comunicação de massa (SÁ, 1998, p.50)”. O nosso objeto de estudo, o Brasil, é sem dúvida de relevância para o grupo estudado – um grupo de brasileiros. O pensamento social elaborado a respeito do Brasil tem impacto direto sobre sua vida cotidiana, sobre suas práticas e suas possibilidades de se organizarem e de (re)avaliarem problemas e soluções.

Em segundo lugar, o objeto está sempre em relação ao sujeito. A representação é o processo pelo qual se estabelece essa relação. É interessante destacar que o estudo das representações sociais está sempre interessado no fenômeno de interação entre um sujeito e um objeto, mas esse sujeito nunca está sozinho no mundo porque “o caminho que leva o sujeito até o objeto é sempre mediado pelo outro” (JOVCHELOVITCH, 2001, p. 6).

As representações sociais possuem várias funções. Uma é a função cognitiva: elas permitem aos indivíduos integrar dados novos a seus quadros de pensamento. Elas têm a função de interpretação e de construção da realidade. Elas são uma maneira de pensar e de enxergar o mundo e a vida cotidiana (JODELET, 2001). Os valores e o contexto nos quais elas se elaboram são uma incidência sobre a construção da realidade e existe sempre uma parcela de criação individual ou coletiva nas representações. Pode-se dizer que é por esse motivo que elas não são fixas, embora seu processo de modificação seja lento.

Elas têm também a função de orientação da conduta. As representações sociais são portadoras de sentidos. Elas criam vínculos. Nisso consiste também uma função social. Elas

ajudam as pessoas a se comunicarem, a se conduzirem no seu meio e a agirem. Elas engendram, dessa forma, as atitudes, as opiniões e os comportamentos, ao mesmo tempo em que são engendradas por eles.

Possuem ainda uma função identitária. Elas situam os indivíduos e os grupos no campo social. Permitem a elaboração de uma identidade social e pessoal compatível com o seu sistema de normas e valores socialmente e historicamente construídos. “Partilhar uma idéia, uma linguagem é afirmar um laço social e uma identidade (JODELET, 2001, p. 34)”. A identidade é ao mesmo tempo psicológica e social, resultado das experiências sociais, modelada e modeladora das percepções, cognições e comportamentos sociais. Como afirma Baugnet (1998) é uma apropriação simbólica do sujeito em relação ao meio. Por estar em constante mudança, a identidade social leva o grupo a se definir em relação ao objeto e ao outro, e as representações sociais funcionariam, nesse processo, como “imagens de ligação” presentes no centro dos processos identitários.

Por último, certas representações justificam algumas práticas. Elas referem-se particularmente às relações entre grupos. As representações que cada grupo tem de si e dos outros e justificam *a posteriori* as tomadas de posição e de comportamentos (JOFFE, 1995).

É necessário ainda examinar a organização e a estrutura das representações, isto é, o modo como elas se formam. No momento da criação de uma representação, dois processos entram em ação simultaneamente: a objetivação e a ancoragem. Esses mecanismos foram descritos por Moscovici. “Objetivar é reabsorver um excesso de significações e as materializar (citado por SÁ, 1993, p.40)”. O processo de objetivação permite às pessoas se apropriarem dos fenômenos ou os saberes complexos e de os integrarem. Ele comporta três fases:

- 1) a seleção de informações em função de critérios culturais e normativos, o que provoca a exclusão, deslocamento e defasagem de elementos percebidos;

2) a formação de um modelo ou núcleo figurativo. As informações retidas/criadas se organizam em um núcleo simples, concreto, com imagem coerente com a cultura e as normas sociais;

3) a naturalização dos elementos aos quais se atribui propriedades ou caracteres. Dessa forma, o núcleo figurativo ganha *status* de evidência e se torna realidade para o grupo considerado. É em torno dele que se constrói o conjunto da representação social.

O outro processo, a ancoragem é o “enraizamento social da representação e de seu objeto (JODELET, 1984)”. É através desse processo que o objeto representado é investido de um sentido através de sua classificação e acomodação aos quadros de pensamento já socialmente estabelecidos. O sentido que é dado ao objeto exprime a identidade social e cultural do grupo que representa.

A partir dessas idéias, este trabalho de pesquisa busca identificar e discutir as representações sociais do Brasil para jovens universitários residentes no estado do Pará, colocando-se as seguintes questões norteadoras:

- Como jovens universitários paraenses representam o Brasil?
- Essas representações trazem elementos que indicam mudanças no pensamento social?

2.2 Conhecer por intermédio de imagens

Em sua obra “Representação Social da Psicanálise”, Moscovici (1978)² já apontava a existência de uma lacuna na Psicologia Social, que ainda não havia se dedicado ao estudo da imagem em uma abordagem que não estivesse atrelada ao modelo representacionista clássico. Mais recentemente, De Rosa (2005) destacou a necessidade de estudos na área que tratem do

² O original, de 1961, se intitulou, em francês, “La psychanalyse – Son image et son public”.

aspecto figurativo das representações, de forma que se possa colocar a imagem como peça fundamental no entendimento dos processos de construção da realidade social. Em pesquisas atuais, os aspectos não verbais da comunicação, tais como as imagens ou representações musicais, têm se revelado como fecundas fontes de informações para estudos de representações sociais (MAMALI, 2006). É com o intuito de explorar com mais profundidade o aspecto figurativo do processo representativo que se retomará aqui a questão da imagem, no nosso caso, da imagem como um componente do pensamento social à luz da Teoria das Representações Sociais.

Encontramos na literatura vasta utilização do termo imagem. A despeito disso, Joly (1996) aponta que, apesar da diversidade das significações dessa palavra, conseguimos compreendê-la como algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e depende da produção (imaginária ou concreta) de um sujeito. Seja qual for a posição teórica adotada para defini-la, parece difícil escapar da idéia de que a imagem seja algo utilizado para representar um *ser* na sua ausência.

Em breve consulta a um dicionário da língua portuguesa (HOUAISS, 2001), encontramos 13 definições distintas para o termo. A maior parte oferece sentidos figurados e bastante amplos. O que se pode perceber é que a imagem é freqüentemente definida pelos processos que a configuram, tais como representação, reprodução, percepção, evocação, abstração, imaginação etc. Esses processos que a compõem são descritos pelas mais diversas áreas – a literatura, as artes em geral, a matemática, a óptica, a psicologia, a antropologia, a sociologia, a publicidade etc. – nas quais ganha sentidos específicos.

Um dos sentidos atribuídos à imagem é o de primeira ferramenta do pensamento humano. Mamali (op. cit.) afirma que as imagens existiram em primeiro lugar filogeneticamente, ontogeneticamente e historicamente. Também a tradição da filosofia antiga em linhas gerais, considerava que a imagem era o ingrediente principal da mente e do

pensamento (LAVAUD, 1999). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Mansell (1999) afirma que as linguagens alfabéticas foram precedidas por linguagens-imagens mais primitivas, que, por sua vez, tiveram seus primórdios nas imagens tomadas por si só. Para ele, a imagem e seu discurso seriam primários, uma forma de pensamento original, enquanto a linguagem organizada em tipos (por exemplo, letras, palavras, frases) seria secundária. Evidências tais como as pinturas rupestres pré-históricas, os códices pré-colombianos, os hieróglifos egípcios e os registros de atividades de representação cênica em tempos remotos nos levam a crer que as imagens funcionaram de fato como forma original de comunicação e expressão de idéias. Assim, é provável que ela tenha desempenhado importante papel no percurso do longo caminho da humanidade rumo à abstração e ao uso de padrões de códigos absolutamente simbólicos.

Dando um grande salto até os tempos da Filosofia Moderna, verificamos que o termo imagem foi retomado por Bacon e Hobbes, mas logo perdeu espaço para a *idéia* em Descartes e para a *representação* em Wolff (LOPES, 2003). Durand (2001) discorre sobre como a imagem foi negligenciada e até evitada como tergiversadora da razão. A partir de Descartes, então, a Filosofia passou a utilizar a imagem somente quando desejava destacar algum aspecto sensível da idéia ou da representação (LOPES, op. cit.). O termo passou a ter seu sentido fortemente atrelado aos processos perceptivos.

Recentemente no campo da psicologia cognitiva e das neurociências, a imagem foi recolocada em um lugar central na compreensão de certos processos psíquicos (MELLETT, 2000). Encontra-se vasta utilização do termo imagem tomado como uma representação ou imagem mental na descrição de certas atividades, tais como sonhos, percepção, memória, fantasia etc. Um exemplo desses é o estudo de Damásio (2000) que aponta que a compreensão de palavras e de conceitos passa necessariamente pela exibição mental de imagens, que funcionam como padrões mentais construídos e ativados por sinais das diversas

modalidades sensoriais toda vez que uma informação precisa ser utilizada.

Ainda no campo das neurociências, têm destaque os estudos de Kosslyn (1985), que define imagem de forma bastante abrangente, supondo que esta seja um tipo especial de representação quase pictórica que descreve a informação e ocorre num meio espacial. Conforme pontua Santaella (1992), Kosslyn propõe uma definição de imagem extremamente generalizada, pois inclui imagens mentais, perceptivas, verbais e se estende também a processos sonoros, auditivos e puramente táteis, já que não delimita o termo como algo exclusivamente pictórico e fala apenas de um “meio espacial” que pode ser alcançado por diversos aspectos do sensível que não sejam necessariamente o visual.

O uso da noção de imagem no domínio da psicologia tem longa história. Entretanto, observa-se que boa parte dos estudos está restrita ao campo da psicologia cognitiva, freqüentemente associada a um modelo perceptivo, em que a imagem é concebida como o reflexo interno de uma realidade externa; uma cópia interna de algo que é externo ao espírito; uma reprodução passiva do que é imediato. Herança de certa tradição filosófica que considera que o indivíduo carrega uma “coleção de imagens do mundo”, que são construções combinatórias análogas às experiências visuais, “sensações mentais”, impressões deixadas no cérebro (MOSCOVICI, 1978). Essa forma de entender a imagem, embora tenha trazido importantes contribuições, tem como base, conforme aponta De Rosa (2005), um modelo informativo e computacional e que a coloca como um estímulo perceptivo puro ou como uma imagem mental, ou seja, uma produção individual descontextualizada e dessocializada.

Moscovici (op. cit.), questionando o modelo representacionista clássico do conhecimento, retoma explicações de pensadores ilustres, tais como Heider e Köhler, que consideravam que representar era transformar um objeto em imagem, era conferir ao objeto o *status* de um signo para, a partir daí, conhecê-lo, tornando-o significativo. É partindo desse raciocínio que o autor considera que, de fato, o processo de organizar as idéias em imagens

pode nos levar rapidamente de um ponto do conhecimento a outro e nos auxiliar no entendimento de conceitos que à primeira vista nos pareçam demasiado abstratos.

No entanto, a relação entre as imagens percebidas e as imagens transformadas em parte de um modelo representacional não é de simples tradução, ou seja, não reproduzimos imagens internas como reflexos de objetos externos, até porque atuam nesse processo os afetos e os imaginários social e individual. A face figurativa de uma representação é, ao mesmo tempo, uma *expressão* e uma *produção* do sujeito, que possui relações complexas e constitutivas com um objeto. A imagem é o resultado de um processo que é ao mesmo tempo cognitivo e social e não apenas resultado de uma atividade psíquica individual.

Moscovici (1978) também destaca que essa face figurativa da representação não é obrigatoriamente uma imagem visual, pode ter outra natureza material. A imagem aqui possui exclusivamente um conteúdo não-verbal e pode ser a imagem de uma palavra, a imagem pictórica ou uma imagem sonora. De qualquer forma, ele aponta que as imagens estão envolvidas em um dos processos mais enigmáticos do pensamento humano: o de materialização de uma abstração.

Piaget (1971) acreditava que a imaginação mental era usada para ilustrar um significado conceitual (concebido como uma classe abstrata). Para ele, a raiz da imagem era a imitação. Primeiro a criança imitava um ato, no sentido de gerar uma reprodução mimética de um objeto. Em seguida, essa imitação se tornava mais interiorizada e era transformada em esquemas motores que serviam como base à elaboração para a imagem mental, o jogo e o desenho. Dessa forma, explicava que a produção do conhecimento da criança passava necessariamente pela produção de imagens mentais. Piaget separou imagem e conceito e entendeu a imagem como um recurso explicativo, informativo ou sintético para a compreensão do conceito.

Moscovici também considera que fazemos essa duplicação de um conceito em uma

imagem, processo que nomeou objetivação. Ele diz: “Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser impreciso” (2003, p. 71), ou seja, é dar um aspecto figurativo a um conceito. Entretanto, essa ligação de um conteúdo verbal a um não verbal não é automática e nem sempre ocorre. Nem tudo pode ser figurado porque vivemos inseridos em uma sociedade com certo estoque preexistente de imagens e, embora esse estoque possa ser vasto, podemos não encontrar uma imagem para uma palavra ou encontrarmos uma imagem que é um tabu. As imagens que podem ser representadas serão selecionadas segundo as crenças, valores, cultura da sociedade a que pertence o sujeito (MOSCOVICI, 2003).

Moscovici prossegue o raciocínio apontando que daí decorrem algumas colocações pertinentes às investigações sobre representações sociais. Ele deduz que nem todos os conceitos são objetiváveis. Por esse motivo, é interessante estudarmos as representações buscando entender quais conceitos podem ou não ser objetivados dentro do esquema representativo de um dado grupo a respeito de um objeto específico. Ele também aponta que é relevante considerar porque certos conceitos foram objetivados, ou seja, como certos conceitos conseguem estabelecer relações logicamente possíveis com imagens existentes em um dado sistema sócio-cultural.

Atendidas as condições de seleção para associação das imagens, aquelas escolhidas unem-se e formam um padrão de núcleo figurativo que reproduz um complexo de idéias e passa a ser aceito como um paradigma (MOSCOVICI, id.). Falar sobre o que se relaciona a esse paradigma torna-se logo tarefa fácil e uma série de palavras e de emoções se aglomera ao redor dele, formando um esquema carregado de sentido. Os conceitos, imagens, juízos a partir daí se tornam naturalizados e se transformam em categorias autênticas e naturais da comunicação.

Moliner (1996) considera que a imagem difere da representação social. Enquanto a representação social é o processo por intermédio do qual nós apresentamos novamente e sob

outra forma uma paisagem social, a imagem é entendida como um produto. Assim, a representação social é o fenômeno produtor de imagens sociais. São as imagens sociais que constituem o que é realidade para os sujeitos. Moliner inverte a relação estabelecida por Moscovici, que, conforme podemos deduzir de tudo que foi anteriormente explicado, entende a imagem como uma dimensão icônica que concorre para a formação da representação social.

Moscovici considera que a representação social possui uma face icônica, isto é, que imagens não verbais também contribuem para a formação do núcleo figurativo. Todavia, trata-se de um aspecto da representação de difícil captura. Mesmo assim, novos trabalhos caminham no desenvolvimento da questão. A pesquisa recente de Wagner & Hayes (2005 apud MAMALI, 2006), que tem como referencial a teoria das representações sociais, indicou que o núcleo figurativo de uma representação parece ser composto também por unidades de significação verbais e não-verbais. Os dois pesquisadores concluíram que as representações sociais comportam uma forma de pensamento por imagens, metáforas e ícones que em muitos casos não tomam uma forma proposicional. Além disso, mostraram que novas representações tendem a utilizar essas três formas de substrato do pensamento como pontos de ancoragem.

Com o intuito de aprofundar essa questão da existência de conteúdos imagéticos na composição do núcleo figurativo da representação social, o desenho foi adotado como uma das ferramentas metodológicas. Nossos participantes da pesquisa, ao desenharem mapas do Brasil, nos fornecem pistas de imagens que vão compor o núcleo figurativo de representações do Brasil?

3 RECONSTITUINDO O CENÁRIO

Algumas idéias percorrem espaços e conectam homens e épocas. Idéias que, viajando de um lado a outro, alimentam os imaginários coletivos dos grupos. Idéias que possuem a capacidade de se estabelecerem como sistemas de pensamento predominantes a partir dos quais se passa a sentir e a perceber o mundo, para nele agir.

Não só o repertório de idéias, mas também de imagens, valores e crenças a partir dos quais percebemos e representamos o Brasil hoje tem suas matrizes em um conjunto de representações que se cristalizaram e se transformaram ao longo de nossa história. As transformações históricas ocorridas no Brasil influenciam o modo como seus habitantes se relacionam com o país e, conseqüentemente, influenciam as representações que dele possuem.

O objetivo desse capítulo é explorar algumas dessas idéias que historicamente se configuraram e ajudaram a compor representações sobre o Brasil no contexto do Pará. Trata-se de mapear, no trajeto do pensamento, um pouco das origens de algumas noções que de alguma forma possam ter diferenciado o olhar dos paraenses sobre seu país, com o objetivo de situar as condições de produção das representações no grupo estudado.

Uma breve passada pela difusão de idéias sobre a Amazônia e o Pará ao longo dos últimos cinco séculos nos permite vislumbrar o lugar social de onde falam esses brasileiros, suas heranças, memórias, desejos, realidades, projeções futuras, enfim, seus recursos disponíveis como observadores. Supõe-se que o grupo em questão, composto de jovens universitários paraenses, retomando e combinando os conceitos de Brasil e em consonância com sua visão da história e com as suas atitudes políticas, tenham recortado um modelo próprio de seu país, inventando-o a partir de suas próprias questões. A história servirá de contraponto para o estabelecimento de nexos entre teorias hegemônicas existentes no plano

nacional e noções, conceitos e idéias produzidas na Amazônia ou pelo olhar externo sobre ela.

3.1 Representações da Amazônia: do paraíso ao vazio

Conta a história oficial que os espanhóis foram os primeiros europeus a adentrarem a Amazônia pelos idos de 1500, em viagem realizada por Vicente Pinzón, que inaugurou no Velho Mundo uma percepção positiva sobre a região: águas doces, aparente fertilidade da terra e presença de muitas riquezas. Por esse motivo batizou o atual rio Amazonas de Santa Maria de la Mar Dulce, cuja largura extraordinária com que foi descrito causou espanto e suscitou curiosidade (SOUZA, 1994). Outros aventureiros e exploradores ali estiveram e em suas descrições espalharam mitos sobre a região, muitas vezes apenas recriando imagens já existentes em suas mentes.

No entanto, foi a viagem de Orellana entre 1541-1542 que instaurou o momento fundador dos primeiros mitos, como o das amazonas – denominação atribuída a bravas índias guerreiras que habitavam aldeias sem homens e que combateram os espanhóis durante sua expedição – uma incorporação da mitologia clássica ao imaginário do Novo Mundo. O relato de Orellana sobre sua viagem ao longo do rio Marañón (outro nome com que foi batizado o atual rio Amazonas) teve grande repercussão nos meios sociais e cartográficos da América e da Europa. Sobre esse aspecto cartográfico é importante destacar que as imagens mentais sobre a Amazônia foram muito rapidamente absorvidas, de forma que a partir de 1544 as ilustrações e mapas da América do Sul já destacavam de alguma forma a região. Apareciam tanto as informações objetivas como as expectativas e elementos do maravilhoso sobre a região, introduzindo-a de vez no imaginário europeu e despertando o interesse de conquistadores sobre ela. Relatos fantásticos, superlativos, maravilhados, que sugeriam uma espécie de paraíso perdido, um novo mundo onde seria possível viver em paz: o reino da

exuberância; da imensidão das águas e da floresta; da diversidade da fauna e flora, vista muitas vezes como paisagem uniforme; um lugar ainda não explorado. Descrições da natureza da Amazônia que apenas reforçavam o padrão predominante nos relatos sobre o território americano desde o século XV, de uma natureza “intocada”, o paraíso terrestre (UGARTE, 2003; LOUREIRO, 2002; GONDIM, 1994).

Além do mito da existência do Éden, o mito do El Dorado, atualizado como Reino de Omágua, foi outro elemento que impulsionou a aventura de espanhóis na região amazônica no século XVI. Eles acreditavam na existência de uma região às margens de um lago salgado onde se encontraria um fabuloso mundo em que o ouro era abundante e sem igual. Ora se pensava que essa região estava em Nova Granada, ora na Venezuela, ora em algum ponto do rio Amazonas. Mesmo realizando incursões na tentativa de encontrar o velocino de ouro, os espanhóis não tomaram posse definitiva do território, nem tentaram colonizá-lo, deixando um vazio de poder sobre ele (GONDIM, id.).

Os próximos europeus que investiram na chegada a El Dorado foram os ingleses. Uma expedição comandada pelo Sir Walter Raleigh até o rio Orenoco difunde mais elementos sobre a região. Relata sobre as mulheres amazonas, confirma a existência de ouro e reativa um antigo mito contado pelos espanhóis de que ali existiam índios acéfalos, que tinham os olhos, o nariz e a boca sobre o peito. Associada a essa imagem dos indígenas e seus costumes, a região tem uma representação que se aproxima mais ao inferno. Mais tarde o inferno estará também ligado à floresta, designada por alguns como o “inferno verde” (SAMPAIO, 2003).

A descrição que Padre Antonio Vieira fez das matas da ilha paraense expressa a tensão do confronto entre o homem, que tentava entrar em terras desconhecidas, e a natureza infernalmente paradisíaca da Amazônia: “He a Ilha toda composta de hum confuso, & intrincado laberinto de Rios, & bosques espessos, aquelles com infinitas entradas, & sahidas, estes sem entrada, nem sahida alguma” (VIEIRA, 1660). A mata é um espaço ambíguo no

imaginário, desperta fantasmas, assusta, oculta mistérios e perigos – animais ferozes, insetos peçonhentos, doenças –, uma natureza cuja força não se controla, o desconhecido que nos espreita (TUAN, 1980). Ao mesmo tempo é vista, devido à sua paisagem, fauna e flora, como um dos últimos redutos que ainda se aproxima da imagem mítica do paraíso terrestre – imagens citadas nos relatos dos viajantes desde o século XVI, e que parecem ser uma forma de exorcizar os temores que aquele espaço provoca. Em todos os séculos e vindos das mais variadas origens, a quase totalidade dos cronistas que passaram pelo rio e pela mata amazônica não deixou de exprimir sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial (GONDIM, 1994).

Mais recentemente, as políticas federais desde o primeiro governo Vargas até os anos da década de 1970 enfatizaram a Amazônia como a região de um imenso vazio e de uniformidade da paisagem à espera de colonizadores. Na década de 1980, o vazio deixa de ser a causa do projeto de integração da região amazônica e o perigo de uma internacionalização toma esse lugar nos discursos de forma geral (MORBACH, 2001). É também sob o governo dos militares que o Brasil se oferece para receber indústrias expulsas de outros países devido à poluição. Como havia um grande espaço, podia-se poluir à vontade. De forma geral, a instituição imaginária da Amazônia como o inferno verde serviu como justificativa à sua exploração devastadora (VIOLA, 1998).

As representações hegemônicas da Amazônia foram disseminadas preponderantemente pelo Estado e pelos meios de comunicação de massa, mas não foram as únicas. Para algumas populações locais, por exemplo, a floresta não é um espaço perigoso, mas, ao contrário, tranqüilo (GODELIER, 1984). Os movimentos ecológicos também fazem a sua disseminação de um outro imaginário, com representações da Amazônia politicamente correta, que reúne beleza, riqueza, exuberância, biodiversidade, milagre da natureza “pulmão do mundo” com o perigo de devastação, exploração, motosserra, ameaça internacional, a

vulnerabilidade contra a qual é preciso lutar. Retornam as noções de paraíso/inferno no discurso ambientalista, de paraíso ecológico, reapropriado, aliás, por setores interessados pelas atividades turísticas (VIOLA, 1998).

Bueno (2002) aponta alguns dos conteúdos veiculados nos livros escolares e nas principais revistas que circularam no século XX. Até 1945, a Amazônia era estudada apenas como natureza. Após essa data, observa-se a inclusão de aspectos sociais e econômicos. Apenas nos anos 80 são incluídas discussões sobre o tratamento ecológico na região. Nas revistas, observa-se a predominância das características naturais da região ligadas a atividades econômicas: o extrativismo e a exploração de minerais; a derrubada da floresta em nome do progresso; desmatamentos; destruição do tesouro ecológico; abertura de estradas como caminho para a devastação etc. O enfraquecimento ou a ressurreição dessas imagens foi acontecendo em função dos interesses em destaque em cada época determinada. Assim, com relação à região amazônica percebemos um convívio de representações hegemônicas mais antigas e mais recentes com representações polêmicas e emergentes.

3.2 Outro país dentro do Brasil

Antes da presença do colonizador, a região do Pará era habitada por diferentes povos com costumes, crenças e línguas próprias. A cerâmica desenterrada na Ilha de Marajó sugere a existência de sociedades mais avançadas do que as tribos que os europeus encontraram ao longo do século XVI. Já cultivavam a terra, possuíam formas próprias de organização social e certa divisão do trabalho em tarefas diferenciadas em função do sexo e da idade. Praticavam uma espécie de “comunismo primitivo”, pois embora possuíssem objetos e roças particulares, todos podiam aproveitar-se dos bens livremente. Ignoravam a exploração econômica do trabalho escravo. A imposição de práticas, idéias e costumes gerou resistências e confrontos,

expressos em atitudes imediatas ou na formação de sentimentos aprisionados. Mesmo assim, terminaram sendo expulsos ou sucumbindo diante dos poderes do colonizador, que além de possuírem superioridade tecnológica, souberam utilizar bem rivalidades inter-tribais a seu favor. No entanto, a ocupação efetiva da região do Pará como parte de um território único foi um processo demorado (BRAGA, 1913; COLARES, 2003; SOUZA, 1994).

No início do século XVII, a presença de franceses, ingleses e holandeses ainda exigia esforço de soldados portugueses e “brasileiros” vindos do Nordeste para consolidar a conquista da região. Após a expulsão dos franceses do Maranhão, na desembocadura do Rio Amazonas foi fundada a cidade de Santa Maria do Grão Pará (atual Belém do Pará), definida por Sérgio Buarque de Holanda (1963) como “núcleo de expansão”, pois logo passou a ocupar posição fundamental no processo de dominação portuguesa no vale amazônico (CARDOSO; CHAMBOULEYRON, 2003).

Durante longo tempo o atual estado do Pará não fez parte do Brasil. O relatório de 1616 escrito pelo capitão-mor Alexandre de Moura, um dos responsáveis pela expulsão dos franceses do Maranhão, anunciava uma das peculiaridades da região paraense: dali era mais fácil ir a Portugal do que ao Brasil e por isso era aconselhável que seus governos fossem distintos (RICCI, 2003). Limitações tecnológicas desenharam na América do Sul duas colônias portuguesas. A dificuldade de controlar o imenso território através do governo central e interesses mercantilistas sobre os produtos da região também justificavam essa separação.

A colônia situada mais ao Norte, inicialmente conhecida como Grão-Pará e Maranhão (que compreendia os atuais estados do Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão e Piauí) e mais tarde como Grão-Pará e Rio Negro (que compreendia os atuais estados do Amazonas, Roraima, Pará, Amapá) era administrada por governadores militares diretamente ligados a Lisboa e não à Corte do Rio de Janeiro e seus habitantes eram chamados portugueses-

americanos e não brasileiros. O território do atual estado do Pará não dependia do resto do Brasil, desenvolveu ao longo dos tempos uma sociabilidade e uma política interna distinta e permaneceu alijado da prosperidade nacional até o apogeu da exploração da borracha na virada do século XIX para o XX (SAMPAIO, 2003; RICCI, 2003; SOUZA, 2005).

Um dos mitos da brasilidade é o da unidade nacional, embora na prática encontremos distribuídos pelo nosso território diferentes modos de falar, de ser, de pensar e de viver. A construção do Brasil enquanto unidade, isto é, enquanto nação, como em outros países, foi feita a partir da ação do Estado, antes que seu povo se sentisse unido por uma mesma origem (CARVALHO, 1994). A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural que depende também da formação de uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1992), uma abstração simbólica sócio-cultural e politicamente construída, que permite que um gaúcho se sinta tão brasileiro quanto um amapaense.

Após a tarefa da descoberta e conquista, o governo colonial dividiu o Brasil em um conjunto de capitanias que freqüentemente ignoravam a existência umas das outras (CARVALHO, *op. cit.*). Segundo Oliven (1994), a unidade territorial brasileira, garantida pela força das armas da Coroa, foi mantida porque no Brasil Imperial os governantes possuíam uma visão muito precisa do que um Estado construído sobre a herança portuguesa deveria ser. Foi construída uma tradição ancorada em um passado colonial que se adequasse às dimensões continentais da nação que se pretendia inventar, de forma que especificidades e divergências regionais fossem superadas.

As discussões sobre nação e região são constantes no estado do Pará. Atualmente discute-se nova divisão política dos territórios. Há um grupo que defende a fragmentação do estado do Pará em 4 outras unidades da federação (MARTINS, 2001). Projetos de decretos legislativos que propõem a criação dos outros 3 estados – Carajás, Tapajós e Marajó -

tramitam na Câmara e Senado. A polêmica gerada em torno da divisão toca novamente em discussões sobre a relação que o Estado brasileiro estabelece com a parte nortista da nação. Encontramos posicionamentos dos grupos a favor e contra a divisão. Independente da posição escolhida o sentimento dos amazônidas permanece atravessado por essa noção de que pertencem a um lugar à parte dentro do país, idéia que pode ser sintetizada pela fala do jornalista paraense, Lúcio Flávio Pinto (2006), que deseja um dia ver “um Brasil verdadeiramente amazônida e uma Amazônia genuinamente brasileira”.

O Pará e o Amazonas, se não eram províncias totalmente ignoradas, tinham apenas suas existências como dadas (BARÃO DO MARAJÓ apud RICCI, 2003). Os estados do sul, a despeito de seu pouco conhecimento, construíam e difundiam nacionalmente suas próprias concepções sobre a região: uma terra de hordas selvagens heterogêneas, lentas, preguiçosas e insubordinadas; uma área insalubre, pestilenta, com poucos e minguados povoados, habitados mais por aves e outros animais do que por gente; com clima impróprio, ardente e inviabilizador de atividades produtivas, enfim, um cenário de atraso e letargia. Lutando contra essa imagem negativa, no início do século XX, o governador do Pará mandou organizar uma brochura chamada “O Pará em 1900” para tentar desconstruir a imagem de que ali era impossível prosperar uma sociedade “civilizada”: ressaltou a proximidade geográfica com a Europa e conseqüentemente sua forte ligação cultural e política; construiu a floresta como um espaço possível para o homem e suas atividades; enfatizou a higiene e o crescimento da cidade de Belém, de ruas largas e compridas “sem becos ou vielas” e com clima quente amenizado pela umidade dos rios e da floresta (FONTES, 2002).

O mesmo discurso que os estrangeiros faziam com relação ao Brasil, o Brasil fazia para o Pará. Se o Brasil era ruim e atrasado, o Pará e a região Norte eram a sua pior parte. Observamos também outra dicotomia presente nos discursos não só sobre a região amazônica, mas também atribuídos ao Brasil: a ambivalência natureza/cultura. A natureza estaria

vinculada à barbárie, à selvageria, ao inculto, ao desconhecido. A cultura, associada à idéia de progresso, desenvolvimento, organização, disciplina. Sendo a região amazônica predominantemente de cultura indígena associada à natureza, a ênfase sobre o atraso na região era maior.

Todavia, os argumentos em prol de uma região Amazônica atrasada não são unânimes. As colocações feitas por Souza (2002, 2005), escritor amazônida, resumem o sentimento de quem está do outro lado. Ele argumenta que a modernidade sempre esteve presente lá: das colônias portuguesas, o Grão-Pará era a única a possuir uma pauta de exportações cujos produtos manufaturados suplantavam a matéria-prima; sua agricultura era de pequenos proprietários, lá havia uma participação alta de mão-de-obra assalariada, de gente livre. Os escravos eram minoria e o povo podia trabalhar para seu sustento, sem ter obrigação de entrar na cadeia produtiva de grande escala. Ainda, segundo ele, o apogeu da cidade de Belém foi atingido nas primeiras décadas do século XIX com a exploração da borracha, época em que era considerada uma das maiores cidades da América do Sul, com cerca de 60.000 habitantes. Fruto das experiências do Marquês de Pombal, exibia uma urbanização avançada, introduzia o estilo neo-clássico na arquitetura, possuía uma casa de ópera exuberante e se orgulhava em contar com uma elite liberal que se organizava para fazer do Grão-Pará uma nação republicana.

Antonio Ladislau Monteiro Baena, professor e militar português, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), designado em 1830 para organizar as estatísticas do estado do Pará, escreveu em seu “Ensaio coreográfico sobre a província paraense”, sua visão sobre a natureza e o homem da região, como forma de contribuir para a organização de um cadastro completo sobre o Brasil, tendo como principais preocupações desvendar sua origem e formação. Defendeu ele também uma visão de valorização da terra paraense, descrita como lugar de natureza variada, cuja riqueza estava associada à sua

diversidade e ao uso cuidadoso que poderia ser feito de cada recurso ali reconhecido:

A Província do Pará é uma região imensa, amena e fértil, que a natureza acobertou de viçosos vegetais munidos de raras virtudes, e de selvas majestosas, povoadas de excelsas árvores, todas próprias do serviço náutico e civil; e que talhou de máximos lagos, de altas serras, de espinhaços de montes, e de vastas veigas; o número dos rios capitais, e dos seus afluentes que formam a sua admirável hidrografia, é portentoso, seria íngreme empresa formalizar uma lista hidrográfica. (...)

A natureza as [as terras] dotou de qualidades as mais próprias para a produção e fertilidade; elas podem ser florescentes e abundantes, assim os seus habitantes mais eficazmente se aproveitam delas (BAENA, 2004, p. 18).

Baena também trata do homem do extremo norte, descrevendo seu temperamento: "os paraenses em geral são essencialmente dóceis, amantes das delícias dos festins, do repouso e branduras da vida, e com todos gasalhosos (p.108)". Atribui-lhes mais adjetivos: francos, amantes da liberdade e da ordem, desenvolvem fora da província (pois lá não havia lugares apropriados para os estudos) sua habilidade intelectual. Descreveu não só os homens como também as mulheres de forma alinhada aos ideais modernos: "as mulheres são espirituosas, a sua modéstia natural não dá lugar a que se suspeite do seu pudor, dedicam-se às importantes fundações de mães de família, e são distintas pela fidelidade conjugal (p. 109)".

Foi também preocupado com o desenvolvimento e progresso do país, que o crítico literário paraense José Veríssimo pensou a questão da formação da nacionalidade brasileira à luz da questão racial. A interpretação das origens do país baseada na miscigenação foi desenvolvida por diversos pensadores, tais como Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, entre outros. Cada um tinha sua própria visão sobre as características específicas em cada uma das raças e entendia a miscigenação como algo benéfico ou não para a formação da nação brasileira.

Para José Veríssimo (1970), a Amazônia era o espaço ideal para o cruzamento entre as raças e o homem amazônico era o produto desses cruzamentos. A Amazônia não era somente

o espaço exótico da floresta, pois sua adversidade influenciava as raças impuras que ali viviam a desenvolver um “caráter vil”, que lhes dificultava a civilização. Todos: índios, curibocas, mamelucos, mulatos, cafuzos e tapuios precisavam vencer o “clima enervante” e não se entregar ao ócio e à indolência (conseqüências da abundância de recursos que lhes facilitava a sobrevivência). Mesmo assim, Veríssimo não condenava a mestiçagem. Para ele, a mestiçagem em si mesma não era um problema para a constituição da sociedade brasileira civilizada. A situação de abatimento dos mestiços da Amazônia era resultado da influência negativa da natureza e do meio social em que se encontravam inseridos desde a época colonial, convivendo constantemente com a ausência de políticas públicas perante os desajustes econômicos, sociais e culturais. De qualquer forma, segundo Veríssimo, eram os tapuios que constituíam a maior parte da população paraense. Tapuio era o nome dado ao indivíduo descendente de índio destribalizado que vivia nas vilas, povoados e cidades. Eles serviam de forma compulsória em trabalhos de particulares e em obras públicas. Era um termo empregado com desprezo para designar indivíduos de outras tribos. O tapuio não possuía nem as características de ligação da natureza e coragem atribuídas ao índio nem era visto como um homem que se aproximava da civilização, ao contrário eram considerados perigosos ou selvagens. Em suma, boa parte da população paraense era composta por indivíduos representados como o “mau selvagem”.

Pode-se pensar o Pará como um espaço “desterritorializado”: onde portugueses americanos não eram brasileiros (e não se sabe até que ponto eram portugueses); os índios se destribalizavam, enfim, todos pareciam habitar uma terra que não os enraizava, ou não os reconhecia: identidades nômades.

O processo de anexação do território de Pará ao Brasil foi bem mais complexo do que conseguimos descrever aqui. Entretanto é importante ressaltar que apesar de as relações entre a região Norte e a parte mais ao Sul do país serem por vezes conflituosas, certas idéias como

um modelo de país desenvolvido e discussões sobre a miscigenação e outras questões nacionais, certamente transitaram pelas cabeças de seus habitantes de forma muito parecida. Conforme pensou Veríssimo, o Pará e o Brasil possuem histórias separadas que não se incorporam jamais, mas ao mesmo tempo suas histórias não são diversas porque feitas pelos mesmos elementos, mesmos fins, mesmas necessidades, mesmos problemas. A história do Pará não é diferente, mas é independente o que lhe dá um interesse especial (Veríssimo, 1970).

3.3 Passagem por questões atuais: desmatamento, violação dos direitos humanos e cultura

Desde que se definiram planos oficiais de ocupação da Amazônia, a integração física acelerada foi consolidada, depois dos anos 1970, com a construção de estradas. As políticas governamentais para a região mesclaram a visão de que era necessário explorar seu imenso potencial com a idéia de “domesticar o ambiente”, transplantando o modelo de desenvolvimento do Sul do país calcado na necessidade de urbanização (KOHLHEPP, 2002).

Dados recentes indicam que a abertura de estradas e o processo desordenado de ocupação do Pará reativou antigas fronteiras econômicas, desencadeando um processo de expropriação e exploração irracional do território e resultando em desmatamento e muita violência. As políticas implementadas a partir dos governos militares, além de estimularem a migração de agricultores e trabalhadores da região Nordeste para o Norte, transformaram os capitalistas do Sul e Sudeste em grandes latifundiários que investiram na região, favorecendo a expansão da fronteira agropecuária e devastando a área florestal da Amazônia Legal (SAUER, 2005).

A situação da grilagem de terras na região Norte é a mais grave de todo o país. Ela vem servindo de pano de fundo para os mais variados problemas, com a expulsão violenta de

pequenos posseiros, práticas de trabalho escravo, assassinatos, formação de milícias privadas, corrupção e desvio de verbas públicas, como se pode ver continuamente na mídia.

O Pará carrega o triste título de campeão dos conflitos de terra e de mortes. A pobreza e a falta de oportunidade de acesso à terra tem resultado na exploração escrava de trabalhadores rurais. As políticas governamentais para o Pará se caracterizam por uma dubiedade. Por um lado há intervenção estatal na implementação de obras de infra-estrutura que viabilizam as atividades econômicas. Por outro lado, o Estado permanece ausente ou insuficiente na promoção de políticas públicas que possam gerar distribuição de riquezas e proteção de direitos e interesses difusos (SAUER, 2005).

Dessa forma, tanto o Pará como toda a região amazônica continuam a ser percebidos como pontos estratégicos por sua riqueza natural, não só pelo Estado brasileiro como por países estrangeiros. A população vive ou convive, principalmente, com graves problemas sociais e ambientais.

Entretanto não só o lado problemático da região tem sido abordado nos últimos tempos. Os aspectos culturais que caracterizam a região amazônica e o estado do Pará têm recebido maior destaque nos meios de comunicação nacionais. Recentemente foram exibidas minisséries com temáticas relacionadas à região Norte. Escritores atuais que registram em seus romances algo do modo de vida e da história da região alcançam público nacional. Além disso, algumas de suas festas e outras manifestações culturais vêm compondo também algumas pautas de notícias.

No estado do Pará, a manifestação cultural mais divulgada é o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, considerado como a maior procissão religiosa do Brasil. Segundo Amaral (1998), o olhar sobre o evento permite que se faça uma leitura de sua sociedade e cultura. No caso paraense, é uma festa que reúne comemorações da ordem e da hierarquia sacralizada e também intensa gama de informalidade festiva, confraternização e solidariedade,

estabelecendo uma tensão entre o sagrado e o popular (AMARAL, 1998). O resultado dessa tensão é a prevalência da religião popular (não necessariamente cumpridora do que subscreve a Igreja Católica) e a incorporação de elementos não religiosos à religiosidade local. Cerimônias religiosas da dimensão do Círio proporcionam momentos em que grande carga emocional, associada a símbolos, ritos e objetos sagrados, faz com que a sociedade experimente sua dimensão de força coletiva e impessoal, se recriando como realidade superior às individualidades (MATOS, s.d.).



4 METODOLOGIA

4.1 Instrumento

A metodologia do projeto do qual emana este trabalho foi inspirada na pesquisa de Milgram & Jodelet (1976) sobre os mapas mentais de Paris e Nova Iorque, que estudou os processos psicossociais envolvidos na representação da cidade. A proposta desse estudo foi investigar como um grupo de parisienses e um de nova iorquinos representavam mentalmente suas cidades. Para isso foi pedido que os sujeitos desenhassem um mapa de sua cidade contendo os elementos que viessem à sua mente. O desenho foi a ferramenta que tornou possível o acesso a idéias espaciais e não-verbais que os sujeitos tinham sobre suas cidades que não seriam facilmente traduzidas por palavras.

³ Esta dissertação está vinculada ao projeto “Imaginário e Representações Sociais do Brasil” (coordenado pelas professoras Angela Arruda e Lilian Ulup, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pela professora Clarilza Prado de Sousa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Ele teve como objetivo estudar as representações sociais de universitários brasileiros das cinco regiões do Brasil sobre o país e seu povo. O projeto foi financiado pela FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa de São Paulo) pela FCC (Fundação Carlos Chagas) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa). Atualmente, está em fase de finalização, com a produção de artigos e com o aprofundamento de alunos de pós-graduação das duas universidades envolvidas. Adelina de Oliveira Novaes concluiu, em janeiro de 2006, o Mestrado em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da professora Clarilza Prado de Sousa, com a dissertação intitulada “Brasil: Representações Sociais de Estudantes de Pedagogia”, e agora dá andamento ao doutoramento na mesma instituição, ainda inserida no programa de pesquisa citado. Ana Carolina Dias Cruz concluiu em dezembro de 2006, o Mestrado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Angela Arruda, com a dissertação intitulada “Representações sociais de universitários do Rio de Janeiro sobre o Brasil”. A aluna Cristal Oliveira Moniz de Aragão também desenvolve sua Dissertação de Mestrado mantendo essa vinculação.

Para esta dissertação, utilizou-se um recorte do material obtido pelo projeto de pesquisa “Imaginário e Representações Sociais do Brasil”³ com a aplicação do seu instrumento, cuja elaboração contou com a contribuição da prof^a. Denise Jodelet. Ele foi composto de três partes: questionário 1 (Q1 – Anexo A), questionário 2 (Q2) e questionário de perfil (QP – Anexo B). O primeiro questionário foi composto de 6 questões. Na primeira, os participantes foram convidados a desenhar o contorno do mapa do Brasil e os elementos que imaginavam existir dentro dele. Nas questões seguintes, solicitou-se que eles explicassem o que haviam desenhado, justificando a escolha e numerando os desenhos segundo a ordem de importância. Em seguida, pediu-se que dessem um título ao desenho. Por fim, foram feitas duas perguntas: “Por que tudo isso que você desenhou é o Brasil?” e “O que você acha que diferencia o Brasil de outros países?”.

O segundo questionário foi constituído de 18 questões, entre as quais 14 objetivas e 4 abertas. Basicamente foi solicitado aos participantes que assinalassem em mapas políticos do Brasil a distribuição, segundo a sua opinião, de diversas características do Brasil, como: cultura, imigração, distribuição socioeconômica da população, atividades econômicas, religião, grupos étnicos, localizações de estados e capitais, lugares conhecidos. Também foi apresentado um mapa do continente americano e pedido que a América Latina fosse destacada. Por fim, foi requisitado que os estudantes preenchessem frases a respeito das 27 naturalidades das unidades da federação. O segundo questionário não foi analisado nessa dissertação. O questionário de perfil abordou os principais dados demográficos da população.

Esse projeto, por sua vez, faz parte do programa do Grupo de Trabalho “Imaginários Latino-Americanos”, vinculado ao Laboratório Europeu de Psicologia Social (LEPS) da Maison de Sciences de L’Homme de Paris (MSH), França, sob coordenação da professora Angela Arruda, grupo que conta com a participação de: Alfredo Guerrero Tapia (Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México), Martha de Alba (Universidad Autónoma de México, Cidade do México), Maria Auxiliadora Banchs, Mireya Lozada e Álvaro Agudo (Universidad Central de Venezuela, Caracas), Lilian Ulup (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Clarilza Prado de Sousa (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Tunico Amancio (Universidade Federal Fluminense) e Denise Jodelet (École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris).

4.2 O Campo

A aplicação baseou-se em um manual de aplicação previamente elaborado e para sua realização foram oferecidos aos participantes caneta, caixa de lápis de cor, lápis preto e borracha. As aplicações foram coletivas, nas salas de aulas das respectivas universidades, em um curso de cada vez. Foi estipulado o tempo de 30 minutos para o preenchimento do 1º questionário. O tempo médio total para a finalização de todos os três questionários foi de 1h30min a 2h. A coleta de dados foi realizada entre o segundo semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2004. A autora desta dissertação participou da mesma no Rio de Janeiro, tendo naquele momento iniciado o percurso que conduziria ao trabalho ora apresentado.

A escolha de estudantes universitários visou garantir escolaridade média completa, necessária para assegurar o preenchimento do instrumento. A escolha do primeiro ano de curso foi devida ao fato de necessitarmos garantir o nível médio como escolaridade mínima do universo pesquisado, devido à complexidade do instrumento, e ao mesmo tempo por quisermos tratar com uma população que ainda não tivesse passado pelo processo de formação universitária, ou seja, sem que ainda não tivesse incorporado um discurso próprio da carreira. Já a opção dos cursos universitários dos respondentes foi determinada com o intuito de obter uma população mais heterogênea com relação aos níveis socioeconômicos: Serviço Social, Enfermagem e Pedagogia constituem o grupo em que os estudantes possuem menor condição econômica e Medicina e Engenharia, os que possuem maior. O critério dessa

separação foi direcionado por estudos realizados no Brasil ⁴ que apontam similitudes e diferenças entre os cursos quanto ao nível socioeconômico dos alunos. Em função desses critérios e dessas análises prévias, foi possível definir quais os cursos de graduação seriam pesquisados.

4.3 Perfil socioeconômico dos participantes

Constituíram a população deste estudo 177 estudantes universitários de duas instituições (uma pública e outra privada), residentes na cidade de Belém, no estado do Pará. A tabela 1 mostra a distribuição dos estudantes segundo o curso e o tipo de instituição. Não há cursos de Medicina nem de Enfermagem em instituições particulares no estado do Pará, razão pela qual não há quantitativo referente na tabela.

Tabela 1- Distribuição dos estudantes segundo o curso e o tipo de instituição

CURSO	INSTITUIÇÃO PRIVADA	INSTITUIÇÃO PÚBLICA	TOTAL POR CURSO
Medicina	-----	29	2
Engenharia	18	27	45
Serviço	24	26	50
Pedagogia	8	25	33
Enfermagem	-----	20	20
TOTAL	50	127	177

⁴ Sobre tais resultados, ver: BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A. (Org.). Família e escola: trajetória de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 171-183; CUNHA, L. A. Educação e desenvolvimento educacional no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975; FRANCO, C; MANDARINO, M. et al. O projeto pedagógico e os resultados escolares. Pesquisa e planejamento, v. 32, n. 3, 2002; GOLDSTEIN, H. Modelos da realidade: novas abordagens para a compreensão de processos educacionais. In: FRANCO, C. Ciclos de Avaliação Educacional. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 85-99; PASTORE, J; SILVA, N.V. Mobilidade social no Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000; SILVA, N. V.; HASNBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. Dados, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.

Todos os universitários que participaram da pesquisa moram na cidade de Belém ou em cidades de sua região periférica. A amostra foi composta predominantemente por mulheres (66%). No entanto, o sexo não é apontado como fator que influencia a construção de mapas mentais (SAARINEN, 1973). A grande maioria dos sujeitos (76%) de todos os cursos está dentro da faixa etária de até 24 anos, o que significa que a amostra é composta por uma população de jovens.

Em relação ao seu grupo étnico (gráfico 1), mais da metade dos graduandos (58%) responderam que se consideravam pardos⁵. Em seguida estão os que se declararam brancos (21%) e negros (12%). É possível que amarelos e índios sejam a mesma coisa no entendimento dos respondentes. De todo modo, ainda que pequena, nota-se a presença da auto-declaração como indígena.

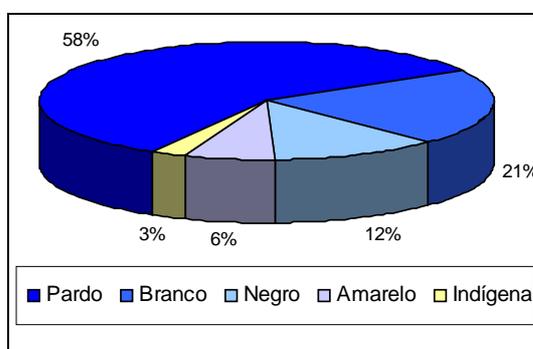


Gráfico 1- Distribuição dos estudantes segundo a cor/raça

Os dados confirmam uma diferença importante entre o nível socioeconômico dos alunos dos dois grupos. Os estudantes de Serviço Social, Pedagogia e Enfermagem com renda até R\$ 960,00 (na época, até quatro salários mínimos) representam 41% do total. Por outro

⁵ Segundo critérios do IBGE, na auto-atribuição de cor / raça, a categoria negros inclui pardos e pretos. No questionário correspondiam, contudo, a opções distintas para o participante assinalar.

lado, entre os alunos de Medicina e Engenharia, predominam as faixas superiores a quatro e três mil reais (na ocasião correspondia a mais de 12 salários mínimos). Se somarmos a elas a dos que têm renda de mais de cinco mil reais, somam-se 52% deste grupo de estudantes, colocando no contrapé do grupo anterior, como pode visualizar-se facilmente no contraste entre os gráficos.

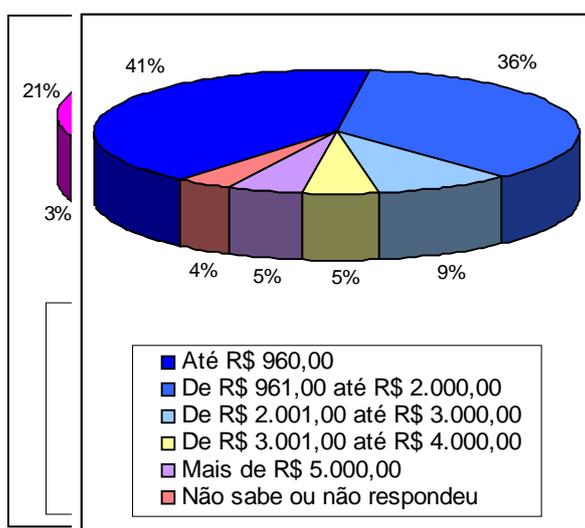


Gráfico 3 – Distribuição da renda familiar mensal dos estudantes de Medicina e Engenharia
Gráfico 2 – Distribuição da renda familiar mensal dos estudantes de Serviço Social, Pedagogia e Enfermagem

A pesquisa de Saarinen (1973) chamou a atenção para a tendência que os sujeitos tinham de construir mapas mentais tendo seu local de origem como referência, o que foi denominado princípio de proximidade. A maior parte dos participantes nasceu no Pará (83%), o que, à luz da idéia de proximidade, pode influenciar em destaques específicos para a região Norte.

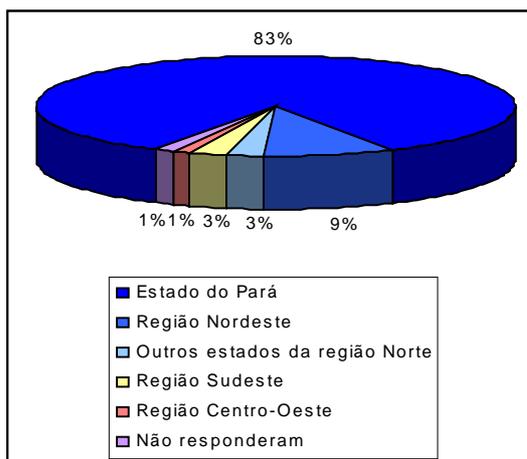


Gráfico 4 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento

Os locais de nascimento dos pais também podem ser fatores que influenciam a construção de mapas mentais, uma vez que algo das vivências específicas da família ligado ao seu lugar de origem costuma ser transmitido nas comunicações cotidianas. Majoritariamente, os pais e mães dos nossos sujeitos nasceram no estado do Pará (72% dos pais e 80% das mães). Em seguida os maiores índices são de pais oriundos da região Nordeste (15% dos pais e 12% das mães) sugerindo tratar-se de migrantes chegados à Amazônia no quadro da política de colonização e de expansão da rede viária nos anos 70-80, que levou à criação da estrada Belém-Brasília e do ramal que partia do Nordeste.

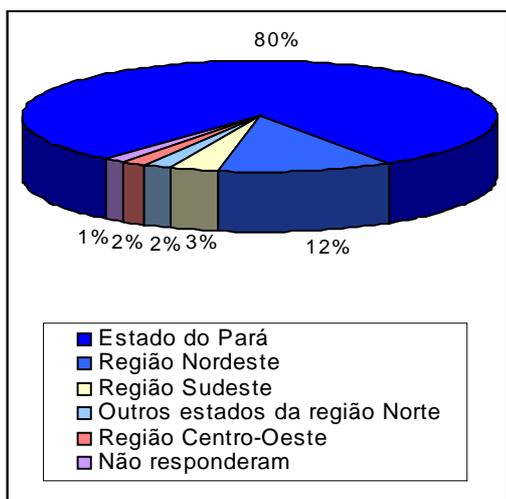


Gráfico 5 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento do pai

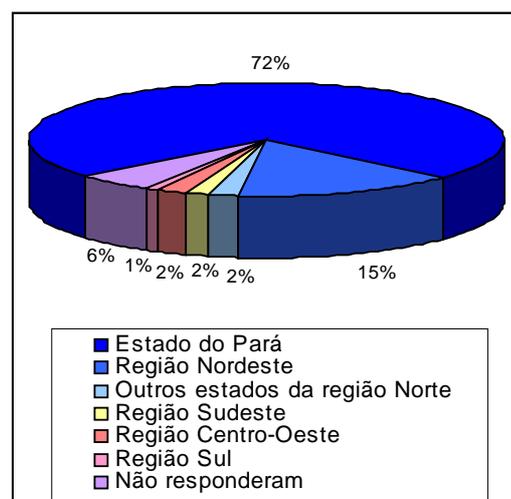


Gráfico 6 – Distribuição dos estudantes de acordo com o local de nascimento da mãe

4.4 Metodologia de análise dos dados

4.4.1 O paradigma indiciário

É a partir da descrição de detalhes que se pretende atingir a construção da realidade social observada por meio do estudo das representações sociais do Brasil para esse grupo estudado. A análise dos dados do desenho se dará por meio de metodologia qualitativa, recorrendo-se ao paradigma indiciário, proposto pelo historiador Ginzburg (1989). Esse modelo epistemológico, segundo o autor, já existia na prática da cultura ocidental desde a Antiguidade, porém se firmou silenciosamente nas ciências humanas no final do século XIX com base na semiótica. Ginzburg mostra como três figuras ilustres elaboravam o conhecimento com base nesse paradigma, usando um método investigativo centrado na análise dos pormenores, das minúcias e dos detalhes reveladores. São elas: o crítico de arte Giovanni Morelli, que fazia investigações sobre autorias de obras de arte baseado na observação minuciosa dos signos pictóricos; o médico e literato Arthur Conan Doyle criador do personagem Sherlock Holmes, um detetive que desvendava crimes por meio da busca de pistas, de indícios imperceptíveis para a maioria; e Freud, médico e criador da psicanálise, que fundamentou muito de suas conclusões na observação de sintomas. O indiciarismo é um método que busca pistas, que se firma na busca dos detalhes mínimos e aparentemente insignificantes para que se possa atingir um aprofundamento dos dados e fundamentar hipóteses e conclusões.

Esse paradigma não oferece uma técnica predefinida com passos rígidos a serem seguidos, mas passa pela realização de algumas etapas: 1) a busca de indícios; 2) a seleção de indícios; 3) a organização dos indícios selecionados em um trabalho de articulação; 4) a inferência sobre o fenômeno.

Ginzburg, que caracteriza esse método como artesanal, considera que para a realização desse trabalho de busca de pistas, o pesquisador deve possuir um saber especializado, um olhar treinado, o domínio da técnica de examinar dados com um método e um compromisso com a averiguação (não em um sentido positivista, mas sim no de articulação entre os indícios e esforço de perceber suas conseqüências e desdobramentos na articulação com outros dados que eles vão sugerir). O rigor flexível, a sensibilidade, a intuição, a criatividade e a técnica são os ingredientes que permitem chegar até um ponto em que se podem estabelecer elos coerentes entre o que é observado. Durante a minha participação no projeto⁶ do qual essa dissertação se origina, além de ter acumulado leituras sobre o tema, pude acompanhar a aplicação de outras metodologias de análise e muitas incursões não só no material recolhido no estado do Pará como nos outros seis estados brasileiros. Dessa forma, pude desenvolver grande familiaridade com o material selecionado e desenvolvi a capacidade de reconhecer nele especificidades.

A primeira etapa do trabalho analítico é a busca de indícios. Ginzburg afirma que os indícios são elementos perceptíveis do caso a ser estudado. Nesta dissertação, tal busca foi possível por meio do levantamento extensivo e detalhado dos traços que caracterizavam os desenhos e a produção textual, a fim de que esses pudessem ser traduzidos em elementos significativos. Para isso procedeu-se da seguinte forma: primeiramente foi feito um trabalho de leitura flutuante da totalidade do material, de forma que alguns traços que saltassem aos olhos fossem organizados em uma espécie de protocolo. Tendo o protocolo como referência, todos os mapas foram revistos e alguns indícios foram selecionados para orientar o trabalho da análise mais fina. Segundo esse paradigma, tal escolha pode ser feita pelo pesquisador, que decide o que lhe parece relevante para a exploração do objeto estudado e para responder à pergunta da pesquisa. No nosso caso, a percepção de que os mapas se organizavam em dois

⁶ Ingressei no grupo de pesquisa “Imaginário e Representações Sociais do Brasil” em 2003, ficando por dois anos seguidos como bolsista CNPq e após isso mais um ano, até meu ingresso no curso de Mestrado em 2006.

tipos (alguns tomavam a divisão – geralmente geográfica - do território como base da sua estruturação e outros não) foi o que orientou a primeira separação do material em blocos de análise. Nas etapas seguintes, cada uma das partes separadas para análise passa por sucessivas decomposições, de forma que o foco de análise se direcione cada vez mais para partes menores do material, os elementos significativos. Tomemos o caso dos mapas que priorizavam o território para explicar a seqüência dos procedimentos metodológicos. Nesse tipo de mapa, foram selecionados quatro tipos de indícios ligados a essa visão: a presença de uma divisão do mapa em um eixo Norte-Sul, a presença da floresta nas imagens, a presença do litoral e a presença de aspectos particulares da região Norte. Em seguida, procedeu-se à análise fina de cada um desses indícios. Por exemplo, dentre os mapas que apresentavam uma organização Norte-Sul, foram buscados elementos que evidenciassem a presença dessa separação e em seguida foi feito um estudo detalhado e sistemático dos componentes figurativos e verbais desses elementos.

Na etapa final, foi feita a articulação das informações reunidas após a análise fina dos traços que compunham cada indício. A esse respeito, Ginzburg aponta que são diversas as relações de articulação entre os elementos que podem ser encontradas, pois esse modelo de conhecimento não supõe que os dados tragam em si uma verdade. Por outro lado, não se pode considerar que a posição do pesquisador seja de neutralidade, e não pretende ser. Por exemplo, percebeu-se uma relação afetiva com o material, algumas imagens nos pareciam mais atraentes e interessantes, despertando, portanto, mais interesse. Entretanto, qualquer que seja o critério de cientificidade escolhido, sua escolha deve ser justificada.

O critério escolhido para essa etapa final tem como referência algumas reflexões de Moscovici (1978) acerca do pensamento natural. Grizé (2000) distinguiu a lógica formal (matemática) da lógica natural (aquela que se produz espontaneamente durante os discursos), destacando que esta última possui características particulares. Segundo ele, estudando-se as

operações discursivas que envolvem esse tipo de raciocínio seria possível visualizar suas esquematizações. Moscovici também entende que as representações sociais são sistemas de pensamento natural e que podem ser vistas tanto como uma situação social quanto como um sistema puramente cognitivo. Sendo consideradas uma situação social, elas se caracterizam por possuírem certos fatores que condicionam sua produção: a dispersão das informações; a focalização de grupos e indivíduos em relação a um centro de interesse; e a pressão para a inferência. Como um sistema cognitivo, apresentam certos atributos tais como o formalismo espontâneo, o dualismo causal, a preeminência da conclusão e a pluralidade dos tipos de raciocínio (polifasia cognitiva). Assim, o trabalho de articulação das pistas está relacionado com a esses fatores e atributos descritos por Moscovici, porém acrescentando também sempre que possível indicações sobre o peso da afetividade no entendimento do pensamento natural. Foi partindo deles que se executou o trabalho de descrição reconstrutiva que nos permitiu fazer inferências sobre as representações sociais do Brasil para o grupo estudado.

4.4.2 A análise das imagens

Parte do nosso *corpus* de dados foi composta por desenhos. Eles também foram analisados à luz do paradigma indiciário, porém algumas outras considerações se fazem necessárias. Não foram encontradas referências bibliográficas que nos fornecessem caminhos metodológicos já percorridos. Muitas referências disponíveis sobre a análise de imagens em estudos da área da Psicologia não contemplavam características do nosso tipo de desenho, conforme será apresentado ao longo do texto. Dessa forma, neste item serão retomados alguns estudos que utilizaram e pensaram a imagem como ferramenta metodológica. Ao final serão indicados alguns pressupostos que embasaram o olhar que se voltou para as imagens desenhadas.

Na Psicologia, há vasta utilização de técnicas gráficas que propõem um estudo simbólico do desenho com a finalidade de avaliar fatores cognitivos, criativos e emocionais e de propor diagnósticos. É o caso dos testes projetivos e expressivos. Falando de forma bem sintética, tais técnicas pressupõem uma ligação entre a produção gráfica e as características psicológicas do sujeito que a produziu. O desenho é considerado um veículo de projeções conscientes ou inconscientes, de auto-conceitos, atitudes, tonalidades emocionais, entre outros aspectos. Enfim, o desenho possui um significado simbólico que permite o conhecimento do indivíduo (ANZIEU, 1978). Trata-se de uma forma de produção que contempla apenas estudos do indivíduo, motivo pelo qual tem servido de ferramenta útil para atuação na área clínica, mas não para o entendimento do sujeito em sua dimensão social.

Arnheim (2001) fez da análise da imagem um instrumento de interpretação do homem universal desconsiderando os aspectos históricos e sociais dessa produção. Ele entendia a imaginação visual como um processo básico da mente humana que nos permitia transformar qualquer objeto da experiência visual ou qualquer proposição abstrata em imagem. Considerava que a pessoa ao desenhar se vê obrigada a criar novos meios de representar um objeto e também a formular pensamentos. Pretende aplicar a teoria da *gestalt* na interpretação de obras de arte, por meio de estudos das formas da linguagem visual e a partir da observação de um conjunto de relações (localização, formato, orientação, disposição, tamanho, cor, luminosidade etc.) dentro de um contexto de totalidade. Entretanto, o entendimento de uma imagem está sempre apoiado na exploração do sistema perceptivo humano.

Há outro tipo de produção material e visual de natureza imagética que também interessou e interessa à Psicologia: a da publicidade. Esse campo de estudo começou a ser explorado quando a indústria do *marketing* sentiu a necessidade de descobrir o que motivava as pessoas a consumirem. Já no início da década de 1920, mediam-se em laboratório a atenção, a memorização, a percepção, a sensação e os sentimentos que certas imagens e

mensagens despertavam, com a finalidade de adequar a organização gráfica e textual das campanhas publicitárias aos desejos e necessidades de seu público-alvo (MUCCHIELLI, 1978). Embora estivesse tratando de estudar a imagem atrelada a um fenômeno de dimensão social, seus métodos e conclusões estavam voltados para a compreensão de processos em uma dimensão individual.

De Rosa (2005) e Sen & Wagner (2005) estudaram o impacto que as imagens que têm ampla circulação na sociedade geram nos grupos, funcionando como um lugar de suporte de memória e de construção de identidades. Esses estudos discutem o quanto representações pictóricas estão ligadas à dinâmica de certas representações sociais. Apesar de utilizarem imagens como ferramenta de pesquisa, esses estudos se diferenciam da nossa proposta, pois neles foram usadas fotos e imagens que não foram produzidas pelos sujeitos estudados. Seu interesse era usar a imagem material produzida na sociedade como estímulo para fazer emergir as imagens componentes do pensamento dos sujeitos.

Também De Rosa (2001) desenvolveu uma pesquisa utilizando desenhos criados por crianças e adultos com o propósito de estudar a gênese e o desenvolvimento das representações sociais da doença mental. Apesar de trazer resultados interessantes, nessa pesquisa não foi descrita nem desenvolvida uma metodologia específica para o estudo das imagens.

Assim, para voltarmos nosso olhar sobre os desenhos, partimos do pressuposto sintetizado por Mamali: “As imagens visuais produzidas (desenhos, ícones, imagens figuradas ou não, imagens concretas ou abstratas, mapas mentais etc.) são parte dos processos de socialização e de formação cultural e como tais expressam conteúdos centrais das representações sociais” (2006, p.3.2). Esquemas gráficos podem fornecer informações sobre certos esquemas representacionais.

As imagens foram entendidas como compostas por signos icônicos, segundo a

definição de ícone de Peirce, que o entende como algo que possui semelhança e reproduz relações reais com o objeto a que se reporta (ECO, 1976). Segundo essa concepção, os signos icônicos que constituem os esquemas gráficos reproduzem algumas condições da percepção do objeto. Entretanto, no nosso caso, trata-se de uma percepção apoiada nos modelos coletivos, nos valores e normas dos grupos a que os sujeitos pertencem.

É importante também considerar que os desenhos, durante sua construção, passam por processos de convenções gráficas, de forma que possam ser comunicados aos seus leitores. Assim, é necessário considerar que as imagens em muitas ocasiões são registradas sob formas iconotípicas (DARRAS, 1998), isto é, como esquemas gráficos repetidos que podem ser facilmente compreendidos dentro da cultura em que são produzidos.

Ainda assim, essa convenção nem sempre permite a leitura imediata da imagem, pelo fato delas serem, em geral, polissêmicas, ou seja, de que subjacente a seus significantes exista uma “cadeia flutuante” de significados (BARTHES, 1964, p. 44). É por esse motivo que a imagem pode ser entendida como simbólica, pois ela sempre representa mais que o seu significado imediato e óbvio percebido em uma primeira leitura. Foi por considerar essa propriedade da imagem que se adotou como procedimento metodológico a necessidade de que ela fosse sempre analisada acompanhada de suas explicações verbais.

A leitura das imagens não foi feita de forma separada do material textual. Nem o texto nem a imagem dos mapas foram lidos de uma só vez. Eles passaram por sucessivas leituras, de acordo com as pistas a serem aprofundadas. É a integração final dessas diversas leituras que compõem os resultados da análise que serão agora apresentados.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Uma visão geral

Na primeira etapa da análise, cada um dos 177 mapas foi cuidadosamente examinado de forma que alguns traços que caracterizavam os desenhos e produção textual pudessem ter suas regularidades observadas e registradas. O registro foi feito em um protocolo com forma de tabela (anexo C), em que as colunas traziam a identificação do sujeito e as linhas traziam itens sobre vários aspectos dos desenhos a serem observados. A tabela funcionou como uma espécie de protocolo contendo as categorias cujas presenças deveriam ser registradas. Foi a leitura flutuante e em seguida a observação atenta e repetida dos mapas que permitiu estabelecer as primeiras categorias de registro. A cada nova inclusão de uma categoria, todos os mapas que já haviam sido analisados eram revistos. Tal sistematização contribuiu para o processo inicial de aproximação aos desenhos, que já forneceu indicativos para estes serem pensados enquanto indícios da representação social do Brasil, mostrando aspectos da face figurativa desta.

Após esse levantamento, percebeu-se a possibilidade de separar os mapas em dois grandes grupos de acordo com a lógica de construção do desenho. Essas lógicas foram observadas a partir do material icônico que compunha os desenhos e sua relação ou não com o espaço territorial do Brasil. A primeira foi denominada lógica de apreensão por regiões, identificada quando as cinco regiões geográficas funcionaram como eixo organizador do desenho. O reconhecimento desse tipo de mapa foi possível, pois os desenhos expressavam conteúdos que podiam ser facilmente relacionados ao local em que haviam sido registrados

dentro do contorno do mapa. Esse tipo de lógica parece estar mais relacionado com processos do campo da informação que subjazem à elaboração das representações sociais. O quadro 1 traz um mapa que exemplifica essa tendência.

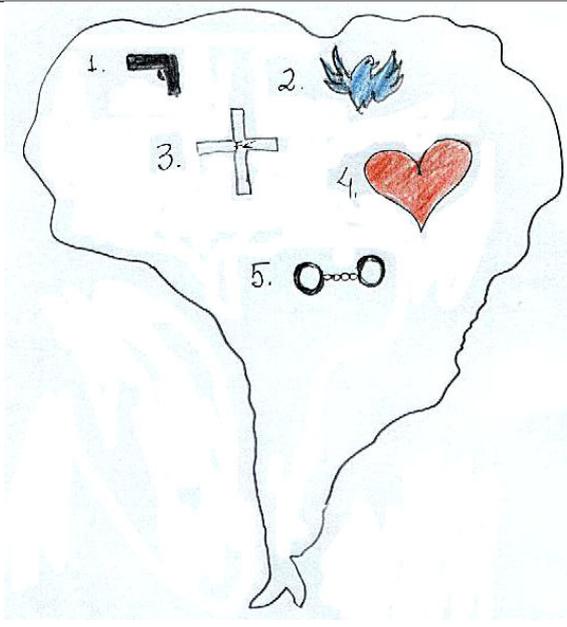


Descrição dos elementos desenhados no mapa		
Nº	O quê?	Por quê?
1	Uma canoa	Para representar a população ribeirinha
2	Uma barra de ouro	Para representar as riquezas minerais
3	Uma arma	Para representar a violência que ocorre nessa região onde há riquezas minerais
4	O Congresso	Para representar o centro político administrativo do Brasil
5	Um cacto	Para representar as condições climáticas hostis ao Nordeste brasileiro
6	Um guarda sol	Para representar as belas praias do Nordeste
7	Vários prédios	Para representar a maior metrópole brasileira: São Paulo
8	Uma favela	Para representar a exclusão social nessa mesma região
9	A floresta	Representa a imensidão da mata da Amazônia
10	Um jacaré	Representa o Pantanal

**Quadro 1 – Exemplo de mapa com lógica de apreensão por regiões
(Estudante de Engenharia, universidade pública)**

A outra, denominada lógica de apreensão geral, foi usada para caracterizar os mapas em que as pessoas tenderam a desenhar o Brasil em seu conjunto, enumerando aspectos que o definiam como um todo. Nesse tipo de mapa não foi observada relação entre a localização dos

desenhos e as divisões geográficas do território. Também nesses mapas foi comum que uma mesma figura fosse repetida em diversos pontos, com o intuito de mostrar que certa característica estava disseminada pelo país. O mapa mostrado no quadro 2 exemplifica esse tipo de lógica.



Descrição dos elementos desenhados no mapa		
Nº	O quê?	Por quê?
1	Violência	Porque em nosso país, a violência está em cada canto.
2	Paz	Não querendo ser contraditória, mas se relacionarmos o nosso país com outros países, nós não temos guerra.
3	Fé	Somos um país cheio de esperança e muita fé.
4	Amor	Somos um povo bastante nacionalista e amamos muito o nosso país.
5	Impunidade	Existem muitas injustiças no nosso país, que geram a impunidade.

**Quadro 2 – Exemplo de mapa com lógica de apreensão geral
(Estudante de Serviço Social, universidade privada)**

Conforme ilustra o gráfico 7, a construção dos desenhos com base em uma lógica de apreensão mais geral foi a tendência dos dois cursos da área de ciências humanas: Serviço Social e Pedagogia. Os cursos de Medicina e Engenharia tenderam a organizar os mapas com base na lógica por regiões, elaborando um mapa que à primeira vista parece ser influenciado pelas informações transmitidas pela escola, sobretudo por se tratar de carreiras em que a

preparação para o ingresso à faculdade costuma ser bastante reforçada. Já o curso de Enfermagem teve distribuição quase igual para as duas lógicas.

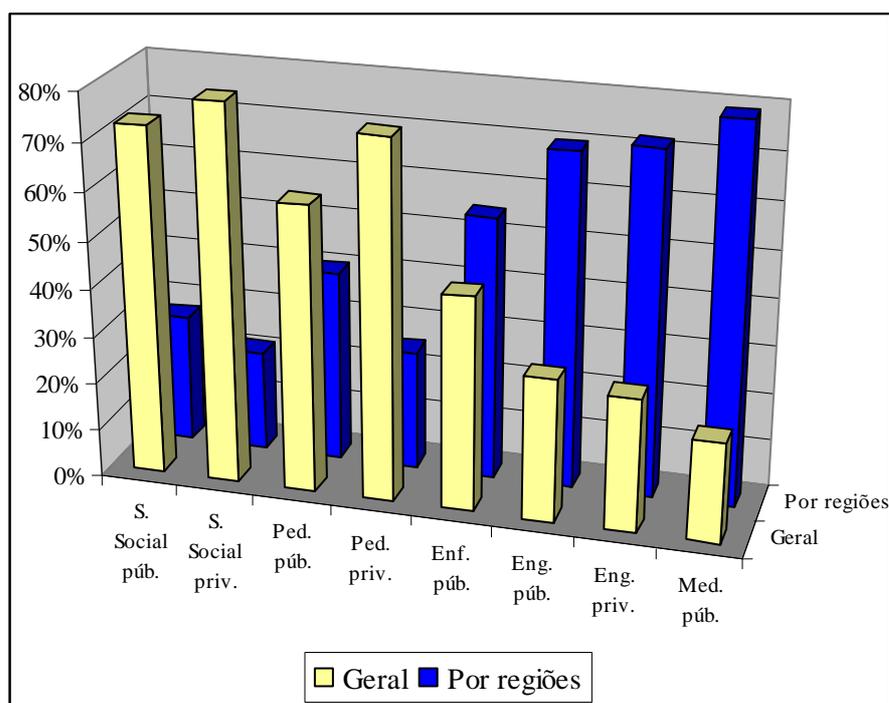


Gráfico 5 - Distribuição dos cursos segundo a lógica de apreensão

Durante a elaboração dos mapas, foi solicitado que os sujeitos numerassem os desenhos à medida que os fossem fazendo. Cada desenho acompanhado de um número compõe o que denominamos cena. Cada cena de cada mapa foi classificada de acordo com o tipo de signo do desenho. Nessa etapa não foram consideradas as respostas escritas (a não ser para esclarecimentos quando não compreensível à primeira vista). Foram encontrados 4 tipos principais de elementos (exemplificados na figura 1): elementos da natureza; humanos/humanizados; construídos e simbólicos. Os elementos da natureza incluíram desenhos de paisagens, fauna, flora e geografia. Os elementos humanos/humanizados englobaram imagens de pessoas ou de partes do corpo humano e também figuras antropomórficas. Os elementos

construídos eram, sobretudo, produtos histórico-culturais, tais como prédios, indústrias, ruas, carros, armas, casas, etc. Foram considerados elementos simbólicos imagens como bandeiras, cruz, cifrão etc.

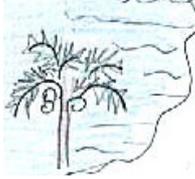
Elemento Construído	Elemento Natural	Elemento Humano/ Humanizado	Elemento Simbólico
			

Figura 1 – Exemplos de tipos de elementos identificados nas cenas

O gráfico 8 mostra a prevalência dos elementos construídos nos desenhos, seguido dos elementos naturais. Teria isso alguma relação com o fato de todos os sujeitos viverem no meio urbano ou teria uma imagem de Brasil urbanizado maior força simbólica? Somente pesquisas mais amplas voltadas para essa questão conseguiriam aprofundá-la. Já a presença de imagens da natureza pode ser facilmente compreendida, uma vez que muitas narrativas sobre o país costumam se apoiar, desde o início da colonização até os tempos atuais, em descrições de suas paisagens naturais, e também pelo fato de o estado no qual vivem estes jovens ser marcado pela presença da floresta. Os desenhos de figuras humanas ficaram na terceira posição entre todos os cursos. No curso de Medicina os elementos naturais tiveram maior destaque, enquanto para os alunos de Serviço Social, sobretudo da instituição pública foram os elementos humanos os mais presentes. Já os estudantes de Pedagogia não deram tanto destaque aos elementos humanos, ao contrário, nota-se que dentre os de instituição

privada a maior frequência foram os elementos construídos. Esses dados apontam para algumas tendências associadas à carreira.

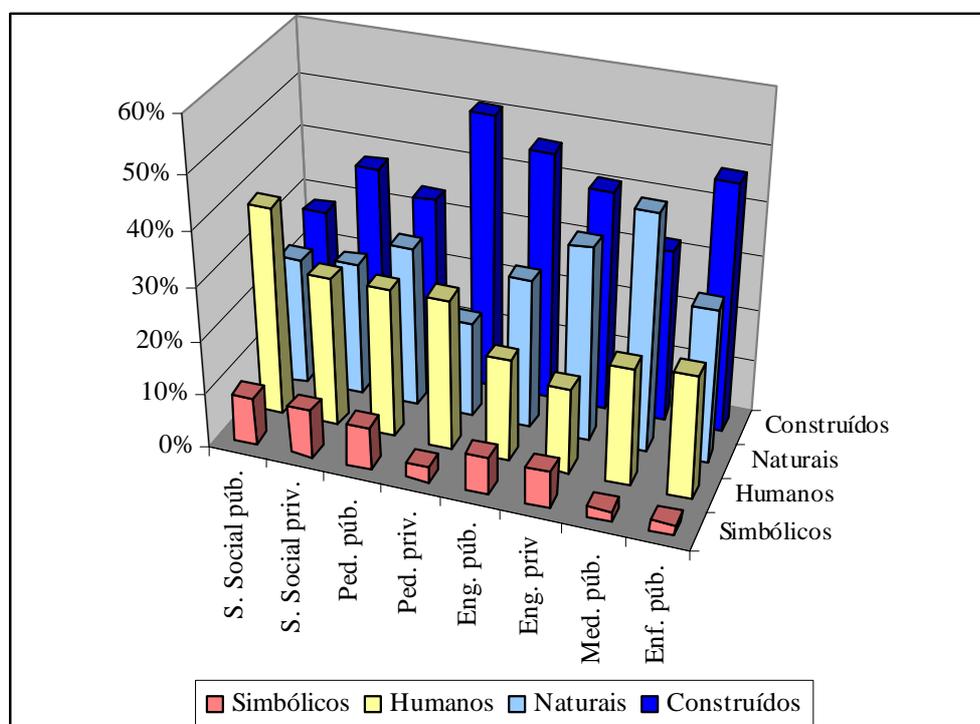


Gráfico 6 - Distribuição dos tipos de elementos desenhados segundo o curso

Dessa forma, verifica-se que a dualidade natureza-sociedade está contida nas imagens dos mapas mentais do Brasil. Se considerarmos a separação feita por Guerrero (2006) – que realizou pesquisa semelhante no México –, apenas em mundo natural e mundo humano (para ele, junção de elementos humanos mais elementos construídos), observamos que este último se impõe sobre o primeiro. Ao contrário do que foi encontrado nos mapas do México – um “equilíbrio” imaginário entre a natureza e o mundo humano –, nos mapas do Brasil elaborados por universitários paraenses, se concedeu maior importância ao mundo humano. Há ainda outra diferença com relação aos resultados mexicanos. Lá, o mundo humano é mais o mundo das pessoas do que o mundo construído pelas pessoas. Aqui, a relação é inversa. Os signos que ilustram o mundo construído pelas pessoas prevaleceram como elementos

imagéticos que definem o Brasil.

O levantamento dos temas abordados nas cenas também indica que a natureza não predomina (tabela 2). Cada cena desenhada acompanhada de sua descrição/explicação foi classificada de acordo com o tema de que tratava. Os temas foram reunidos em categorias bem gerais, de forma que os aspectos socioeconômicos/políticos, por exemplo, abarcam respostas tanto sobre riqueza, como sobre pobreza, violência urbana entre outros.; a categoria aspectos naturais contém tantas respostas sobre “praias belas” como sobre “floresta desmatada” etc. Mesmo assim, algumas categorias são bastante uniformes. É importante destacar que a categoria aspectos socioeconômicos/políticos é basicamente composta por problemas.

Conforme se observa (tabela 2), os dados que englobam também os temas abordados indicam que as questões socioeconômicas/políticas são mais desenhadas do que as relacionadas à natureza. As relações entre o elemento desenhado e sua temática apresentaram amplo leque de variações. Assim, por exemplo, um desenho classificado como elemento natural podia ter como tema o destaque a um aspecto cultural, conforme mostra a resposta a seguir em que se desenhou um rio: “Rio – é um meio de transporte que caracteriza a vida dos ribeirinhos” (Estudante de Pedagogia, universidade privada).

Tabela 2 – Distribuição dos temas presentes nos desenhos e em suas descrições/explicações (n=cenas)

TEMAS	PRESENÇA DA TEMÁTICA	
	n	f (%)
Aspectos socioeconômicos/políticos	452	36%
Aspectos naturais	342	27%
Aspectos econômicos	215	17%
Aspectos culturais	128	10%
Aspectos socioafetivos	61	5%
Aspectos étnicos e raciais	43	3%
Símbolos regionais	13	1%

Outros	14	1%
TOTAL	1268	100%

A observação dos desenhos nos deu indícios da existência de uma lógica de estruturação baseada nas noções de natureza e de sociedade. Contudo, a análise em conjunto com a parte textual nos permitiu perceber que não se trata de uma relação de separação, visto que muitas vezes os desenhos tratavam de condições simultaneamente naturais e sociais como exemplifica a resposta do estudante de Enfermagem, universidade pública: “Floresta sendo queimada – Para atender ao interesse de poucos, todos nós podemos sofrer as conseqüências”.

Os aspectos econômicos reuniram respostas como: indústrias, criação de gado, plantações de soja, produção de vinhos, portos, plataformas de petróleo etc. O fato de estar na terceira posição dos temas dos desenhos evocados, indica que a economia está entre os aspectos que ganham mais destaque na seleção do que define o Brasil. Em curto intervalo de tempo, mudamos diversas vezes de moeda e passamos por vários projetos de políticas econômicas. A população brasileira em geral sentiu o impacto dessas mudanças em sua vida cotidiana. Era necessário sempre se informar sobre a economia do país. Atualmente, também se dá bastante destaque ao assunto nos meios de comunicação, o que pode ter relação com a sua pregnância nos desenhos.

Outros aspectos de menor freqüência, mas igualmente importantes foram: a cultura (em desenhos sobre o futebol, festas, dança, culinária, religião etc.), os aspectos socioafetivos que caracterizam o brasileiro (alegria, tristeza, persistência, fé etc.) e os aspectos étnicos/raciais (sobretudo o destaque ao índio e a menção à miscigenação). Esses aspectos estão mais ligados a explicações sobre quem é o brasileiro, como ele é e quais são os seus costumes.

A visão geral dos mapas nos permite considerar que os elementos definidores do Brasil foram significados na seguinte ordem de conceitos: 1) suas produções histórico-

culturais (sobretudo aspectos socioeconômicos/políticos, mas também economia), 2) sua natureza e 3) sua gente.

Passemos agora para a análise de como a presença desses aspectos recortados para compor uma visão de Brasil se expressam nos mapas organizados segundo diferentes lógicas. Na primeira parte, serão apresentados alguns resultados dos mapas em que os aspectos do Brasil foram organizados em função da sua posição territorial. Na segunda parte serão apresentados os mapas que têm seus desenhos organizados de acordo com características do Brasil como um conjunto. Por último será apresentada a análise dos desenhos das figuras humanas, feita nos dois tipos de mapa.

5.2 Território

O Brasil como um objeto imaginário possui uma forma cartográfica para esta amostra. Embora tenhamos solicitado que se desenhasse o contorno do mapa, o que talvez tenha inibido outras possibilidades de dar forma ao objeto, foram pouquíssimos os sujeitos que não reproduziram algo próximo do protótipo da forma do território brasileiro que costumamos assimilar como experiência coletiva. Analisarmos a questão do território é muito importante, pois foi ele que definiu a forma e os limites do nosso objeto logo na primeira questão do questionário e, conforme já explicado anteriormente, alguns sujeitos utilizaram o território como referência, pode-se até dizer, como lógica orientadora para a construção do desenho.

A concepção de território pode ser tomada a partir da noção de espaço, a porção de espaço apropriado e organizado por uma sociedade. De acordo com Giménez (2000), essa seria uma dimensão instrumental-funcional do espaço, ligada às necessidades econômicas, sociais e políticas do grupo que o ocupa. Ele, entretanto, chama a atenção para uma outra característica: o fato de que o território é produzido e sustentado por relações sociais, ou seja,

de que é igualmente composto por uma dimensão simbólico-expressiva. Nesse sentido “o território funciona como um espaço de sedimentação simbólico-cultural, como objeto de investimentos estético-afetivos ou como suporte de identidades individuais e coletivas (GIMÉNEZ, *ibid.*, p.23)”. A esse respeito, completa Jodelet: “o espaço, longe de ser neutro, é suporte de indicadores simbólicos e projeções sociais que orientam a seleção das informações e as formas de apropriação (1989, p.33)”. Dessa forma, as representações espaciais são também socioespaciais porque os lugares mudam de atrativo ou significação de acordo com o grupo que os ocupa (JODELET, 1989).

Alguns trabalhos da psicologia ambiental que tratam dos vínculos afetivos que os humanos tendem a estabelecer com o lugar destacam a ligação territorial como peça importante, mas não única, na construção de identidades, lembrando-nos que a idéia de estrutura social é sensível aos efeitos da organização espacial (VALERA, 2002; BROWN, 1987; BOMFIM; URRUTIA, 2005). O território brasileiro como dimensão simbólico-cultural foi sendo dividido em categorias espaciais pela difusão de termos específicos e de classificações advindas, sobretudo, dos conhecimentos históricos, geográficos e antropológicos sobre o país e das imagens criadas pela literatura, pelas artes visuais e pelos meios de comunicação, que muitas vezes apenas ajudavam a propagar recortes dos saberes coletivos já em circulação. Outra dissertação de mestrado, também vinculada ao projeto do qual essa pesquisa faz parte, já pôde verificar que algumas categorias espaciais delineadoras de representações do Brasil, tais como litoral, floresta, campo, cidade e sertão parecem funcionar como referências geográfico-simbólicas significativas na constituição dos mapas mentais do país (CRUZ, 2006).

Tomando como referência a idéia de região sócio-cultural desenvolvida por Giménez (2000), podemos entender essas categorias espaciais definidoras do Brasil como geossímbolos, ou seja, elementos geográficos que são transformados em símbolos ideais ou

materiais compartilhados, que estruturam a territorialidade, orientam e qualificam o espaço de uma comunidade. Um geossímbolo é um símbolo territorial que possui algumas funções tais como: sustentar a identidade de um grupo enquanto “centro mnemônico” da memória coletiva; possibilitar que o território seja interiorizado e integrado ao sistema cultural de um grupo; e marcar visivelmente a apropriação de um determinado território por ocupação ou conquista.

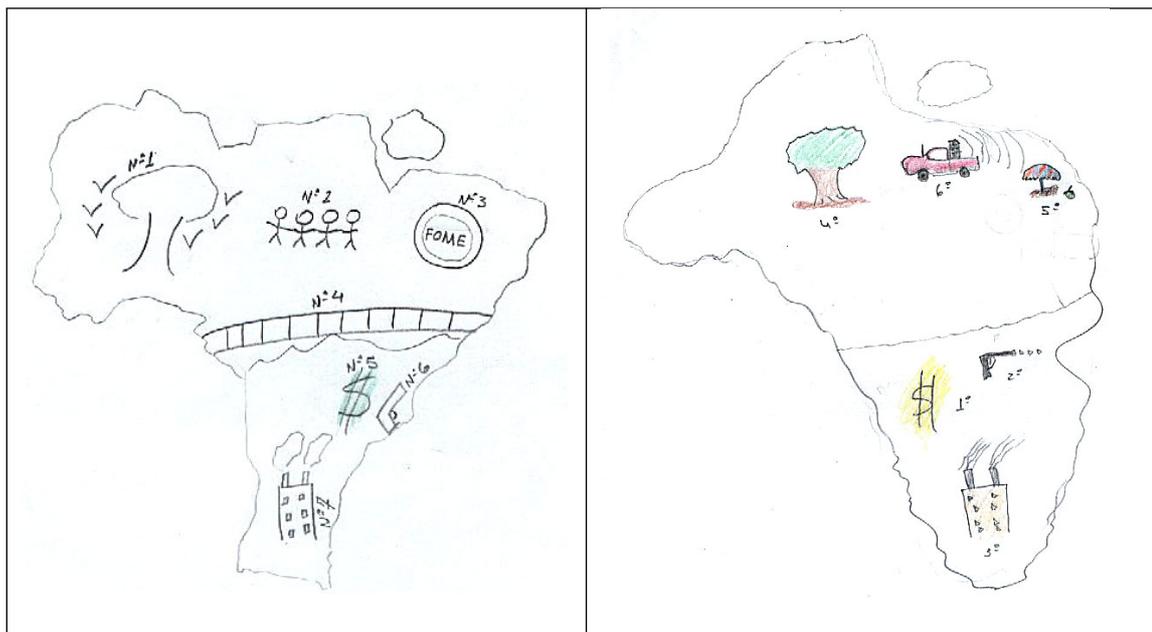
Considerando que ao evocar a imagem de Brasil muitos desses processos acima descritos foram ativados, vejamos algumas dessas categorias territoriais que nortearam as representações dos nossos jovens estudados.

5.2.1 O Brasil de baixo e o Brasil de cima

Tudo o que procuro acho.
Eu pude vrê neste crima
Que tem o Brasi de Baxo
E tem o Brasi de Cima.

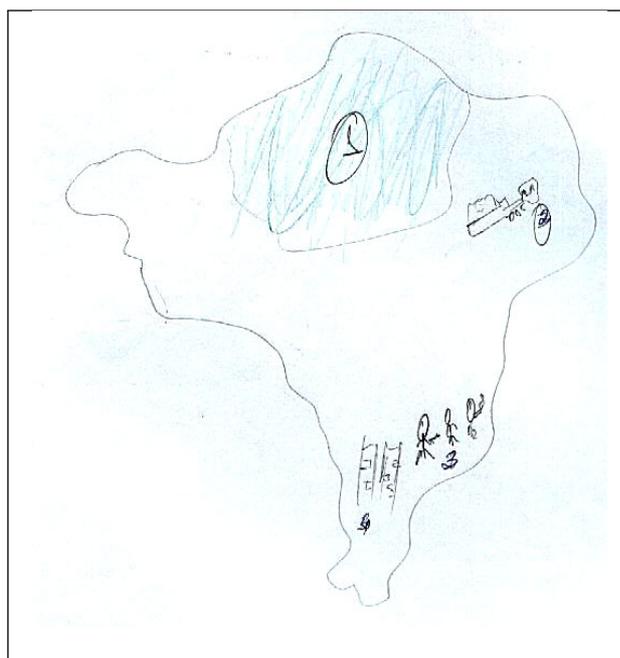
(PATATIVA DO ASSARÉ apud PORTELLA, 2006, p. 271)

Alguns estudantes dividiram o Brasil em duas grandes metades – o Norte e o Sul. São várias as pistas que podemos juntar para compor esse indício de representação. A primeira pista reúne os mapas em que se desenhou uma linha real, concreta, cortando o território em dois extremos, conforme ilustram os mapas da figura 2. Como se vê, não se trata de dividir o país em uma metade boa e outra ruim. A única diferença é que acima da linha a riqueza é a natural e abaixo é a financeira. Mostra assim, que a riqueza de qualquer forma é uma das dimensões que estruturam essa visão a respeito do Brasil. Nessa segregação, a extremidade Norte é ampliada, sendo a ela somadas a região Nordeste e parte da região Centro-Oeste. Da mesma forma, a região Sul é composta também pelo Sudeste e por parte do Centro-Oeste.



**Figura 2 – Exemplos de mapas com barreira física entre Norte e Sul
(Ambos estudantes de Engenharia, universidade privada)**

Uma outra forma de separação explícita foi o delineamento das fronteiras de sua própria região ou estado, exemplificado na figura 3.



**Figura 3 – Exemplo de mapa com separação da própria região
(Estudante de Engenharia, universidade privada)**

Embora não tracem uma linha real, outros mapas registram as diferenças socioeconômicas de forma bastante explícita, traçando uma espécie de barreira imaginária. No exemplo da figura 4, sem que seja feita leitura da parte textual, pode-se perceber que são duas realidades diferentes e distantes que estão sendo figuradas.

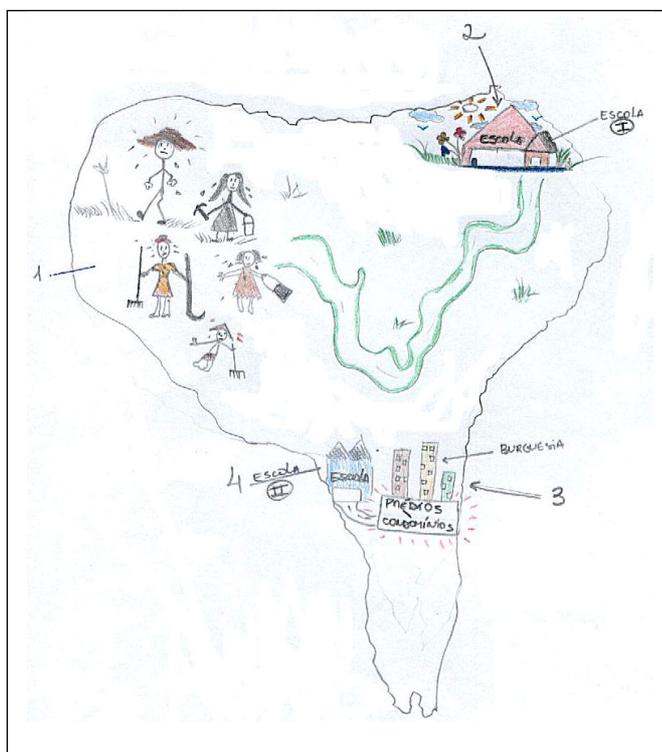
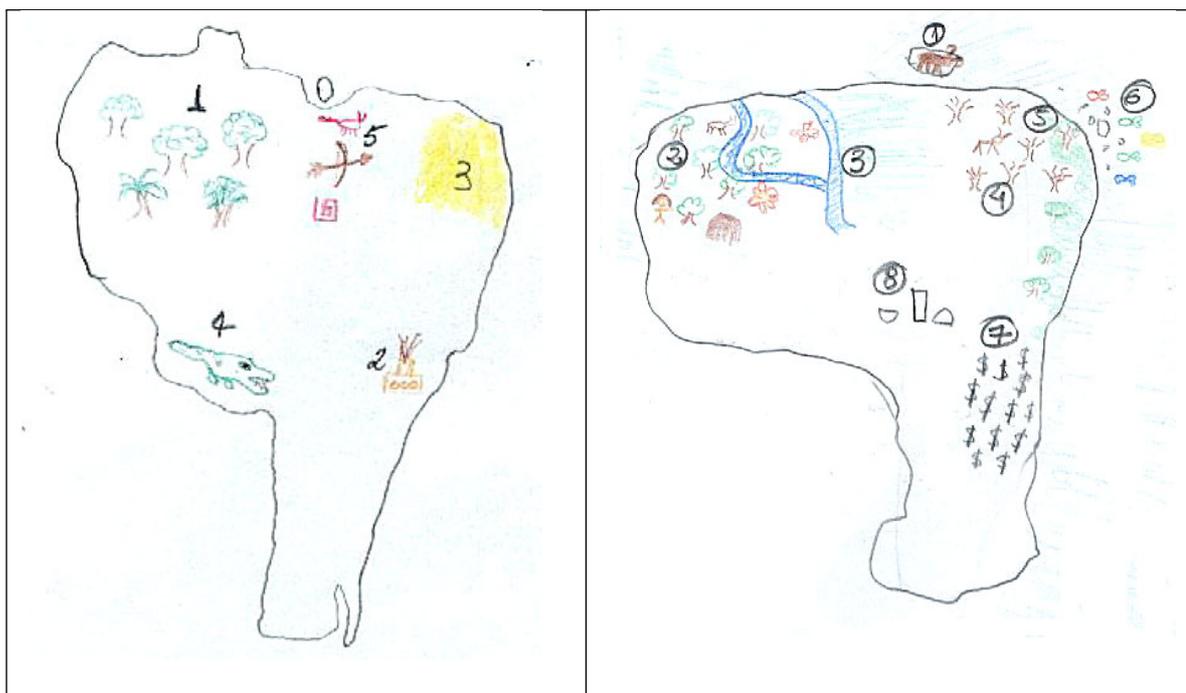


Figura 4 – Exemplo de mapa com separação Norte-Sul explícita no conteúdo do desenho (Estudante de Pedagogia, universidade privada)

A última indicação que será acrescentada a essa organização de indícios não é composta de mapas organizados na relação dual Norte-Sul até então apontada. Trata-se de outro detalhe observado apenas no desenho e, em muitas ocasiões, não verbalizado, que diz respeito à exclusão da região Sul dos desenhos. As imagens nos dão a sensação de que o desenho foi abandonado a certa altura (figura 5). Gould (1973) já havia observado que a distância em relação ao ponto de percepção não havia afetado a inclusão de áreas distantes em

mapas mentais. Ao contrário, Saarinen (1973) observou que devido ao fator de proximidade, áreas adjacentes ao local de residência dos indivíduos eram preferencialmente incluídas em mapas desenhados de memória e que as características e distorções ocorriam progressivamente conforme a distância do local de origem aumentava. Ele também observou que extremidades de países e continentes mesmo que remotos eram com bastante frequência incluídos em mapas mentais, assim como as regiões que possuem formas peculiares (por exemplo o formato de bota com que se percebe a Itália). Os limites da região Sul são desenhados, ou seja, não há grande distorção no formato da fronteira, entretanto não se completa o espaço com conteúdos. Estaria esse fenômeno relacionado com pouca quantidade de informação ou com sentimento de distância cultural?



**Figura 5 – Exemplos de mapas com a região Sul “vazia”
(Ambos estudantes de Engenharia, universidade privada)**

O Norte e o Sul são os dois pontos extremos das representações ligadas ao território. A região Nordeste é entendida como apresentando uma realidade muito próxima da Norte. O

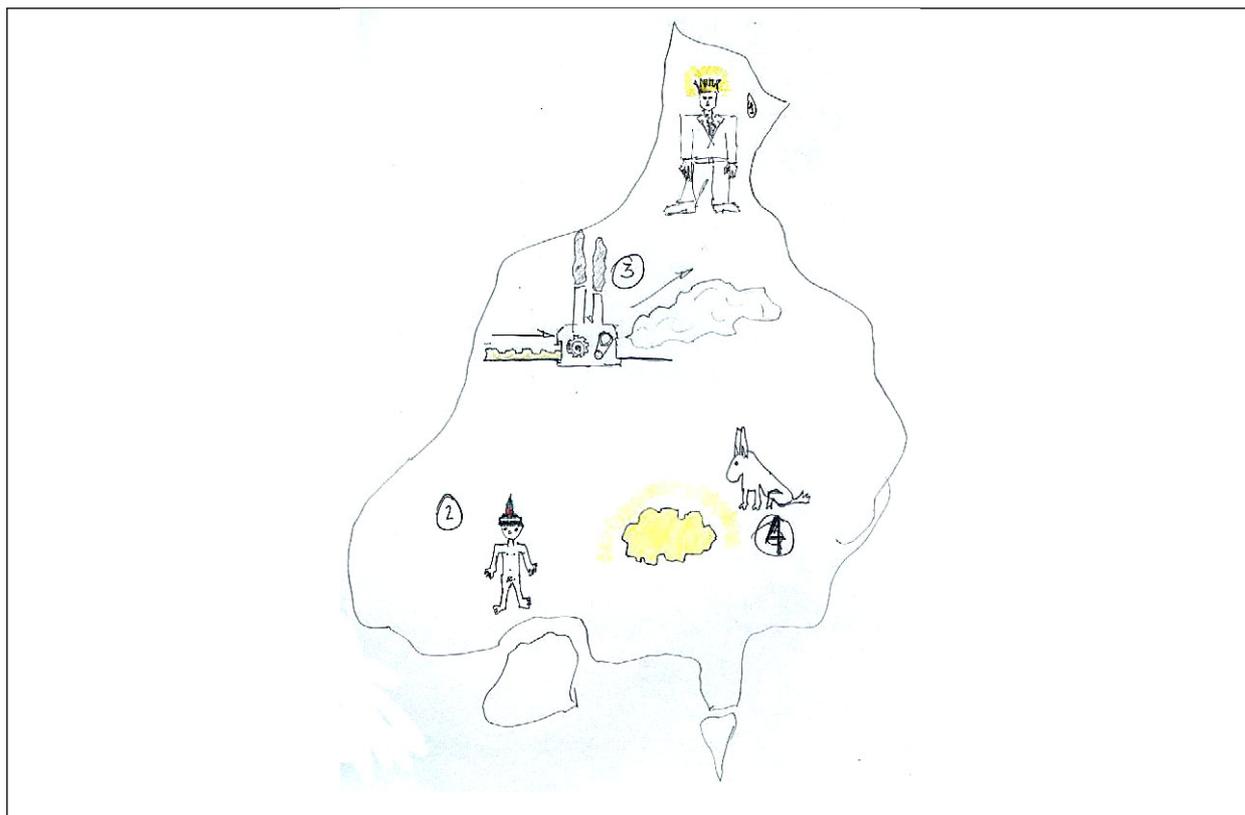
Centro-Oeste é desenhado como espaço ambíguo, pois possui o Pantanal, atividades econômicas tais como a pecuária, algumas poucas características culturais e ao mesmo tempo é onde está o maior número de políticos corruptos. A região Sudeste, apesar de ser entendida como rica e desenvolvida, sofre com as conseqüências ambientais da concentração industrial, com a alta concentração de pessoas e os altos índices de violência. Também recebe destaque por suas características naturais e culturais. A questão é que problemas atribuídos ao país em geral como o desemprego, a fome, o analfabetismo, a exclusão social são desenhados em todas as regiões exceto na Sul. O Sul é uma região à parte no país.

Suas diferenças se expressam nos três aspectos definidores do Brasil explicados anteriormente. O Sul possui características socioeconômicas, naturais e humanas peculiares. Sua natureza possui características que se destacam pela vegetação composta de pinheiros e araucárias, pelo clima frio, pela existência de serras e campos. Também se ressaltam características culturais, sobretudo a culinária e o tipo gaúcho, mas esses não são os principais fatores que compõem o coração de sua representação como região e sim a sua situação dentro do quadro socioeconômico do país.

É uma região imaginada como urbanizada, “mais civilizada” (estudante de Medicina, universidade pública), “parte desenvolvida e rica do Brasil” (estudante de Engenharia, universidade privada). Junto com a região Sudeste, é o lugar que mais acumula a riqueza financeira do país, pelo fato de ambas concentrarem atividades econômicas mais ligadas à tecnologia. Todavia, se destaca da região Sudeste quando o assunto são índices sociais. O Sul é o lugar onde mais se desenharam escolas funcionando, desenharam pessoas jogando lixo no lixo, pessoas alfabetizadas. As descrições a seguir ilustram o que se expressa nos desenhos com relação à vida na região: “Escolas/faculdades – A região Sul foi uma das primeiras capitais com um grande número de faculdades e escolas” (estudante de Serviço Social, universidade privada); “Intensa colonização italiana e alemã, Região Sul (cerrados e

planícies) – Parte do Brasil onde o índice de expectativa de vida é elevado e o analfabetismo é quase 0%” (estudante de Serviço Social, universidade pública).

Conseqüentemente, as pessoas do Sul são diferentes: “Pessoas mais ‘felizes’” – A região onde moram não apresenta tantos conflitos” (estudante de Pedagogia, universidade pública). São pessoas imaginadas como bonitas, altas, loiras, brancas, felizes, organizadas e frias, mas há uma relação de afastamento delas: “Sul – eles nem se acham brasileiros” (estudante de Engenharia, universidade pública); “Sul – xerox ultrapassada de europeu, pois se acham mais brasileiros que do Norte” (estudante de Engenharia, universidade pública). Os jogos dos sistemas de representações das regiões estabelece nas relações entre os brasileiros valências afetivas. A relação entre os sujeitos paraenses da pesquisa e os sujeitos sulistas imaginados se assemelha a uma relação com o “outro-semelhante” (JODELET, 1998). Os sulistas como esse “outro-semelhante” funcionam como mediadores que refletem e dão sentido ao que os paraenses de alguma forma ressentem sem perceberem, pois quem vive no Sul não enfrenta problemas e ao que parece, para esse grupo, o brasileiro é representado como aquele que o faz (a representação do brasileiro será exposta em outro item). O mapa (quadro 3) exemplifica esse jogo de relações.



Descrição dos elementos desenhados no mapa

Nº	O quê?	Por quê?
1	Um habitante da região Sul (rico e desenvolvido)	Talvez por conta da forma como o país foi colonizado.
2	Um índio perto do ouro e pobre materialmente	Por causa da desorganização que ainda ocorre no país (política, histórica e cultural)
3	Indústria de pulverização de riqueza	Extrai nossas riquezas e a transformam em fumaça.
4	Um jumento de guarda	Nossos minérios sendo vendidos, negociados a preço de banana

**Quadro 3 – Exemplo de mapa que mostra diferenças entre o Norte e o Sul
(Estudante de Engenharia, universidade pública)**

Não se pode afirmar que a visão de um país repartido em dois eixos horizontais seja exclusividade desse grupo em particular, nem que essa seja apenas uma divisão imaginária. As produções teóricas e empíricas sobre a economia, a educação e a saúde nas diferentes regiões do país e os índices de desigualdade sociais divulgados anualmente constataam e nos relembram que de fato existe uma severa cisão Norte-Sul. Porém o que é intrigante nesses mapas é a presença da barreira física existir registrada em algumas imagens. Trata-se de um

caso em que a imagem parece superar a dimensão informativa lingüística. O desenho da linha provavelmente foi feito tendo-se em conta a história das relações entre a região Norte e o restante do país. Aspectos relacionados com a memória coletiva certamente suscitaram uma predisposição significativa que resultou em mapas separados.

5.2.2 A floresta

Referências às florestas do Brasil estão presentes em mais de três quartos dos mapas, sendo quase todas especificamente à floresta Amazônica. As matas amazônicas são o 1º ou 2º desenhos na ordem de elaboração também em três quartos dos mapas que desenharam a região, o que indica que se trata de uma imagem saliente na memória associada ao território brasileiro.

A floresta amazônica é sintetizada na imagem de uma árvore ou de um conjunto de árvores (figura 6), somente acompanhada de rios em alguns casos. Alguns sujeitos chegam a explicar que desenharam uma árvore “porque é o que ilustra a floresta em si” (estudante de Medicina, universidade pública). A biodiversidade, tema que mais justifica a evocação da natureza, quase não é ilustrada nos desenhos. Nota-se um esforço em desenhar diferentes espécies de árvores em apenas 3 mapas. A floresta como um cenário contendo mais elementos e se aproximando da idéia de um ecossistema, é tentativa de registro em apenas 10 mapas. A figura 6 exemplifica esses casos. Não há como saber se tal ocorrência não se deve apenas a limitações das habilidades gráficas ou pelo fato de ocorrerem processos cognitivos de simplificação de imagens. Contudo, se essas não forem as causas, pode ser que a importância da biodiversidade faça parte do discurso, porém não seja referenciada na imagem, indicando que a projeção de antigos mitos sobre a realidade muito lentamente cede lugar à objetivação de conhecimentos mais recentes associados à difusão de uma consciência

ecológica.

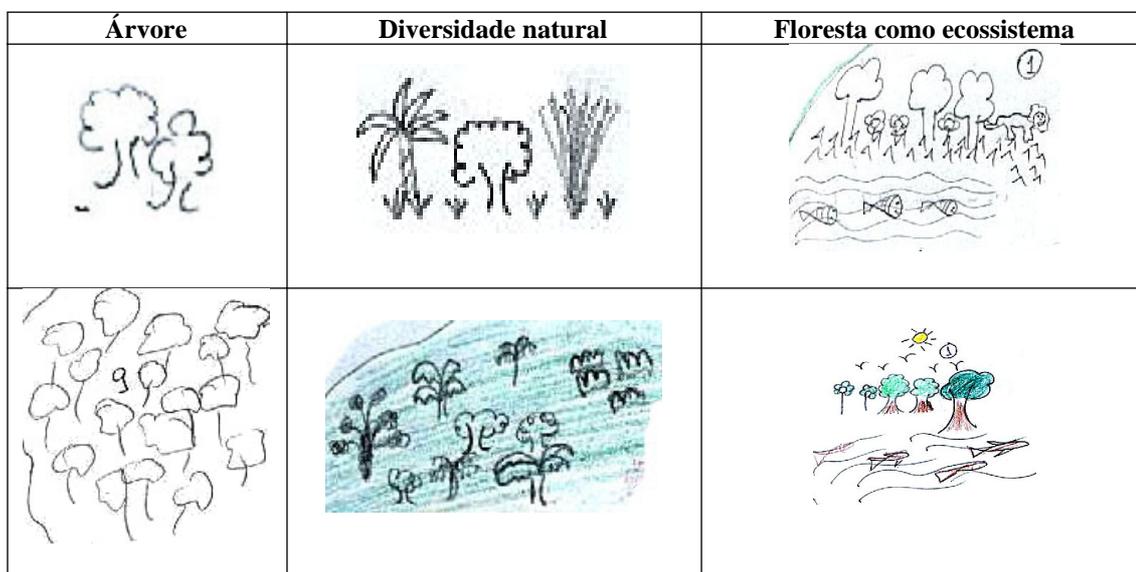


Figura 6 – Exemplos de desenhos da floresta

Os mapas que expressam uma visão absolutamente positiva e tendendo à valorização da floresta predominam (68%), embora existam em boa proporção os que expressam um posicionamento mais crítico com relação à floresta (32%).

Para os que tendem a ser somente positivos em suas respostas, a Floresta Amazônica é descrita como local da biodiversidade e da riqueza natural na grande parte das respostas, sendo a “maior riqueza natural do mundo” (estudante de Engenharia, universidade privada). Foi muito freqüente a utilização de expressões superlativas, tais como bastante verde, maior riqueza, maior floresta, maior rio, maior hidrografia, o lugar mais diversificado, muito rica, muito grande etc. A floresta é também destacada por ser um lugar de permanência da natureza, por ser a última fronteira natural do país: “a maior concentração de mata virgem” (estudante de Engenharia, universidade privada); “o Brasil possui ainda uma área verde que faz inveja aos outros países”(estudante de Enfermagem, universidade pública). É também destacada pela sua beleza, sendo “símbolo de beleza e uma fonte de vida” (estudante de

Pedagogia, universidade pública) e “símbolo dos lugares lindos do país” (estudante de Serviço Social, universidade privada). Essa é a representação hegemônica da floresta, presente com frequência alta em todos os cursos. As imagens são apenas compostas por árvores, rios e animais, assim como marcadas pela forte presença da cor verde.

Ainda dentro dessa visão valorizante da floresta, há outra vertente. Ela é entendida como fonte de riquezas econômicas: “identifica as potencialidades deste país em diversas escalas econômicas” (estudante de Medicina, universidade pública); “esperança para o desenvolvimento do país” (estudante de Engenharia, universidade pública); “A floresta pode dar muito retorno: ecoturismo, minério” (estudante de Medicina, universidade pública). Em muitas dessas respostas persiste a idéia de que a natureza é um recurso infinito. Notou-se também que quando foi ressaltada a necessidade de preservação da natureza, para muitos sujeitos, o motivo não era seu valor intrínseco, mas sim o pragmatismo: a irracionalidade de desperdiçarmos recursos naturais destruídos sem que deles se pudesse tirar algum proveito. Também certa indignação por se sentirem excluídos da divisão das riquezas lá produzidas: o Pará e a região Norte são entendidos como “um lugar de riquezas, mas ‘excluído’ do Brasil” (estudante de Engenharia, universidade pública), “uma região pouco desenvolvida” (estudante de Engenharia, universidade pública), “Porque é uma das regiões mais ricas em minérios que ao invés de ser aproveitado é exportado” (estudante de Medicina, universidade pública). O grupo que mais apresenta essa visão são os estudantes de Engenharia e em seguida, porém em proporção menor, os de Medicina. As imagens apresentam uma diferença em relação às outras. Junto às árvores, se repetem imagens em que o ouro e outros minérios são destacados (exemplo no quadro 4).

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Engenharia, universidade pública		Norte	Fornecer as riquezas. Sudeste cresce às custas das riquezas do Norte.

Quadro 4 – Exemplo de desenho da floresta associada à visão econômica

Dentre os mapas que ressaltam os problemas, o tema principal é a destruição da floresta com queimadas, desmatamento, poluição e desinteresse em preservar. Ainda assim, a biodiversidade e a riqueza não deixam de ser mencionadas, indicando que a diversidade é uma dimensão da representação fortemente associada à natureza: “Apesar de estar sendo degradada a cada ano, é uma grande variedade de biodiversidade” (estudante de Serviço Social, universidade pública); “Apesar da imensa área verde que temos, estamos destruindo” (estudante de Engenharia, universidade privada); “A Amazônia, apesar da devastação ainda apresenta uma imensa flora” (estudante de Serviço Social, universidade privada).

Outros problemas são também mencionados: drogas na fronteira, biopirataria, grilagem, retirada de matéria-prima. Alguns sujeitos atribuem a causa desses problemas a uma abordagem predatória, ao predomínio capitalista, às empresas que só pensam em lucrar. As respostas expressam críticas ao paradigma ocidental do progresso econômico, em que as políticas públicas agressivas contra a floresta não são controladas. No entanto, fica claro, na denúncia de degradação sócio-ambiental, um sentimento que se refere a algo muito mais grave: a exploração selvagem das florestas não lhes forneceu melhores condições frente às desigualdades socioeconômicas. A cobiça sobre a região amazônica vem, sobretudo, dos outros países, sendo citado especificamente os Estados Unidos da América. Apesar disso, a

Amazônia é “uma questão internacional” (estudante de Serviço Social, universidade pública), o que mostra que é de opinião de alguns a necessidade de um compromisso ético mundial para a implementação de políticas para a área. Uma grande parte dos mapas críticos com relação à questão da floresta é composta de mapas organizados por regiões (37 em 41 críticos), que parecem ter uma visão de território mais politizada. O curso que foi mais expressivo nessa visão da floresta foram os estudantes de Serviço Social e em seguida, porém em proporção menor, os de Enfermagem.

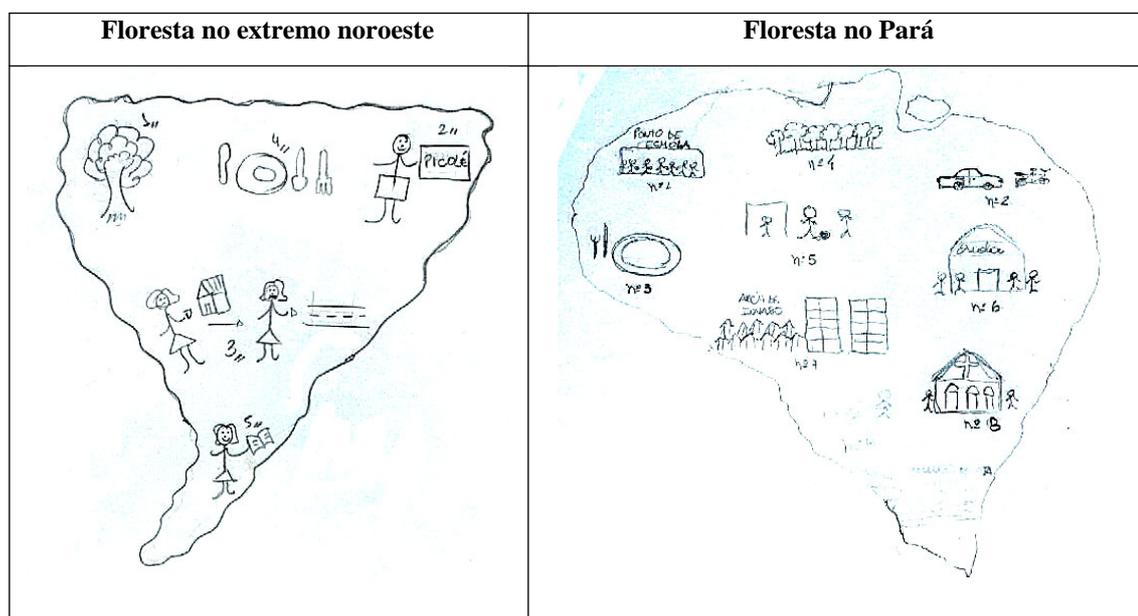
Mesmo nos mapas que criticam e levantam problemas da região, a imagem da árvore comum e intacta é o que predomina (24 dos 41 mapas críticos). No entanto há registro também de imagens de árvores degradadas, cortadas, tombando ou pegando fogo (em 14 dos 41 mapas críticos; exemplo no quadro 5). Ainda que a existência de conflitos seja admitida verbalmente, modificações na imagem da floresta verde e intocada ainda parecem difíceis de serem desenhadas. Os desenhos apontam para uma imagem fortemente associada aos motivos edênicos.

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
<p>Estudante de Enfermagem, universidade pública</p>		<p>1) Destruição gradativa da Amazônia através das queimadas.</p> <p>2) Países ricos levando as riquezas de nossa fauna e flora. E o grande apoio que recebem dos próprios habitantes.</p>	<p>1) Porque esse é um grave problema atual, se não há floresta, não há Amazônia.</p> <p>2) Para enfatizar que os países ricos cada vez mais enriquecem às nossas custas, graças, às vezes, ao próprio governo.</p>

Quadro 5 – Exemplo de desenho da floresta associada a uma visão crítica

A maior incidência dos desenhos da Floresta Amazônica ocorre na área do extremo

noroeste do país (quase três quartos), conforme ilustrado na figura 7. Em seguida predomina o desenho da árvore na área correspondente ao território do Pará e também em outras áreas da região amazônica. Alguns deslocam a floresta para a Região Nordeste, desenhando-a próxima à faixa litorânea. São raros os mapas em que a Floresta Amazônica tem uma extensão que se aproxime da sua real dimensão no território e apenas 1 pessoa indicou a existência da floresta para além do território brasileiro. A localização predominante da floresta dentro do território indica que ela se encontra acantonada, empurrada pelo avanço da fronteira agrícola e da destruição.



**Figura 7 – Exemplos de localização da floresta Amazônia
(Estudantes de Pedagogia, universidade privada e Engenharia, universidade pública)**

A inclusão de pessoas na floresta quase não ocorre, porém é possível identificar que a tensão da ambigüidade da floresta é estendida para os humanos que por ela transitam. Por um lado temos as pessoas que fazem parte da floresta, que são desenhadas entre as árvores, mas que não são citadas na resposta escrita. Elas não estão fazendo especificamente nada lá. Em alguns casos são índios ou figuras como o Curupira. Esse tipo de desenho ocorreu nos mapas

que apresentam uma visão positiva da floresta, descrita como lugar de beleza e riqueza abundante. Por outro lado, nos mapas mais críticos, os personagens estão: levando as riquezas, envolvidas no narcotráfico, explorando a borracha ou destruindo. Isso mostra como os diferentes posicionamentos fazem evocar imagens distintas. Mostra também alternativas diferentes da associação humana com a natureza. Estaria o humano que aparece nos mapas mais positivos, ausentes das respostas escritas, totalmente amalgamado ao ambiente natural, indicando harmonia com ele? E neste caso seria este um indício de uma representação da região diferente da que retrata os humanos em associação negativa com a natureza? Ou seja, seria a forma de associação um diferencial na representação da floresta e da região? (ARRUDA, 1981).

A floresta é representada como uma parte ambígua do território, em que o conflito se faz presente. Por um lado, é o símbolo do Brasil, motivo de orgulho, resquício da visão selvagem que inaugurou o país e uma das últimas fronteiras da natureza no território. Natureza dadivosa que é transformada em patrimônio, artifício de uma engenharia social que lhe confere valor e significado. A floresta é um patrimônio a ser preservado, processo alimentado por símbolos que concorrem para a criação de uma “mitologia retrospectiva” (HOBSBAWM, 1997), segundo a qual é confortável figurar a floresta como um lugar intocado, um lugar de permanência. É a representação predominante, que atravessa a visão dos quatro cursos. Nesse sentido, ela funciona como um espaço simbólico em que se investe afetivamente e é destacado no espaço territorial como um dos suportes da identidade brasileira. É do país e é o nosso símbolo para o mundo.

A floresta recebe também investimentos afetivos de outro teor. Ganha imagens que expressam não o orgulho, mas a indignação, a preocupação e a denúncia. São os sujeitos que demonstram sua tristeza por assistirem à destruição da floresta. Os desenhos expressam ainda de forma discreta imagens de destruição, indicando que pode se tratar de elementos muito

recentemente assimilados à representação hegemônica da floresta como lugar da riqueza e da beleza.

Por último, há quem entenda a floresta como uma riqueza que pode dar retornos econômicos, fonte de desenvolvimento para a região e o país. É uma visão que destaca a sua dimensão instrumental-funcional expressada nos desenhos.

5.2.3 O litoral

O litoral do Brasil, de certa forma, reveste-se de uma dimensão simbólica que alimenta representações associadas à identidade brasileira. Ele foi a via de chegada do colonizador; ponto de partida da colonização; local estratégico para operações comerciais; palco de invasões, de lutas e de conquistas; cenário de práticas econômicas, sociais e culturais (SÁ; OLIVEIRA; PRADO, 2005).

Nossos participantes da pesquisa não estão muito distantes do mar. No entanto, o estado não é um estado litorâneo e as cidades onde moram – Belém e adjacências – possuem apenas “praias de rio”. E se a relação com o mar não é de muita proximidade é pelo menos de alguma familiaridade. O litoral – claramente denominado nas respostas como litoral, oceano, mar, porto, praia ou visivelmente identificado como faixa de água oceânica nos desenhos - foi desenhado em 49 dos 177 mapas (cerca de 28%). Majoritariamente é a praia que figura o litoral. Trata-se de um lugar de extrema beleza, “forma de contemplar o país”(estudante de Medicina, universidade pública), “lugar maravilhoso onde é possível encontrar um pouco de paz” (estudante de Pedagogia, universidade pública) e, de forma complementar, “símbolo de riqueza dos nossos pólos turísticos”(estudante de Engenharia, universidade privada).

O desenho da praia é um iconotipo, isto é, um esquema gráfico que se repete por funcionar como um recurso rápido, de fácil manipulação e que produz efeito comunicativo

dentro da própria cultura (DARRAS, 1998). A produção iconotípica da praia envolve, com frequência, desenhos de: água, sol, guarda-sol e coqueiro/coco (figura 8), sendo rara a inclusão de figuras humanas. Figuras de pessoas só aparecem no litoral em cenas que tratam especificamente da praia relacionada a atividades de lazer (figura 8). As imagens indicam a praia como um lugar agradável, do descanso e da diversão, entendida por muitos como um lugar de refúgio.

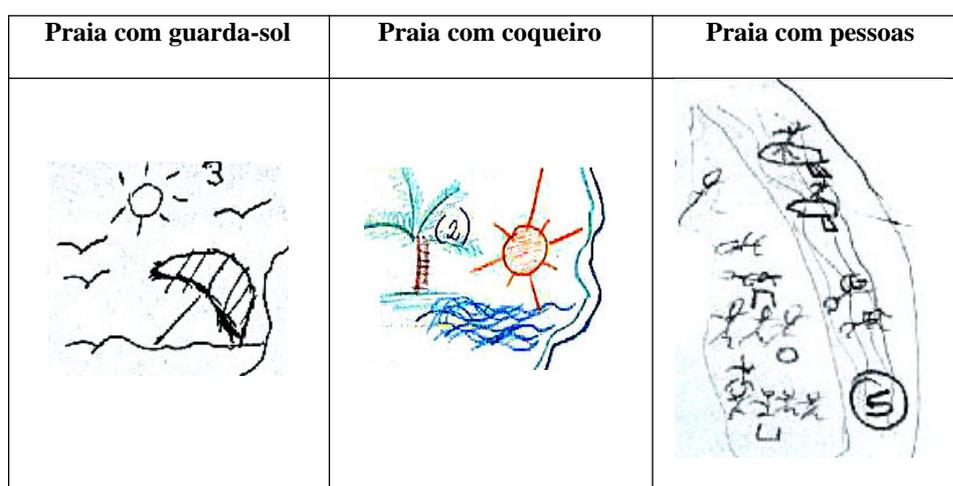


Figura 8 – Exemplos de desenhos de praia

Nos mapas organizados por regiões, a imagem do litoral (sobretudo praia) se objetiva especificamente na região Nordeste (26 de 49 mapas), sendo inclusive comum que o mar seja desenhado exclusivamente nessa parte da costa. A região Sudeste, embora não receba destaque em igual proporção é o outro ponto especificamente recortado (10 de 49 mapas). Os desenhos da figura 9 ilustram esse destaque.

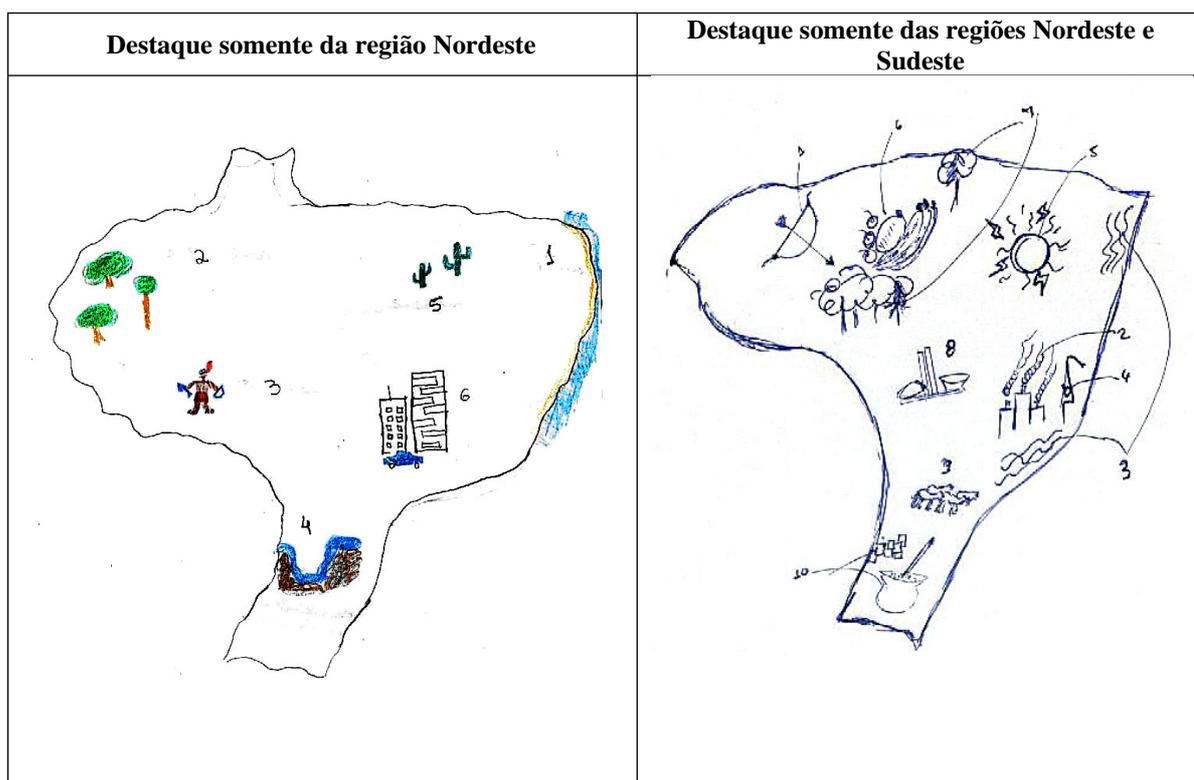


Figura 9 – Exemplos de destaques específicos do litoral
(Estudante Enfermagem, universidade pública e de Medicina, universidade pública)

Os mesmos sujeitos que destacam a região Nordeste como litoral, estabelecem igual relação em duas outras partes dos questionários. A quase totalidade dos sujeitos destaca estados da região Nordeste como seus lugares preferidos (por terem conhecido suas belas praias) ou como lugares que gostariam de conhecer (por imaginarem sua beleza). Encontra-se também alguma correlação entre o desenho do litoral no mapa imaginado e enumeração do Nordeste como primeiro local mais importante para a história do Brasil (23 dos 49 sujeitos), por ser “o início de tudo” ou o “local por onde chegaram os descobridores”, marco temporal e espacial do início do Brasil e norteador das representações sobre o território.

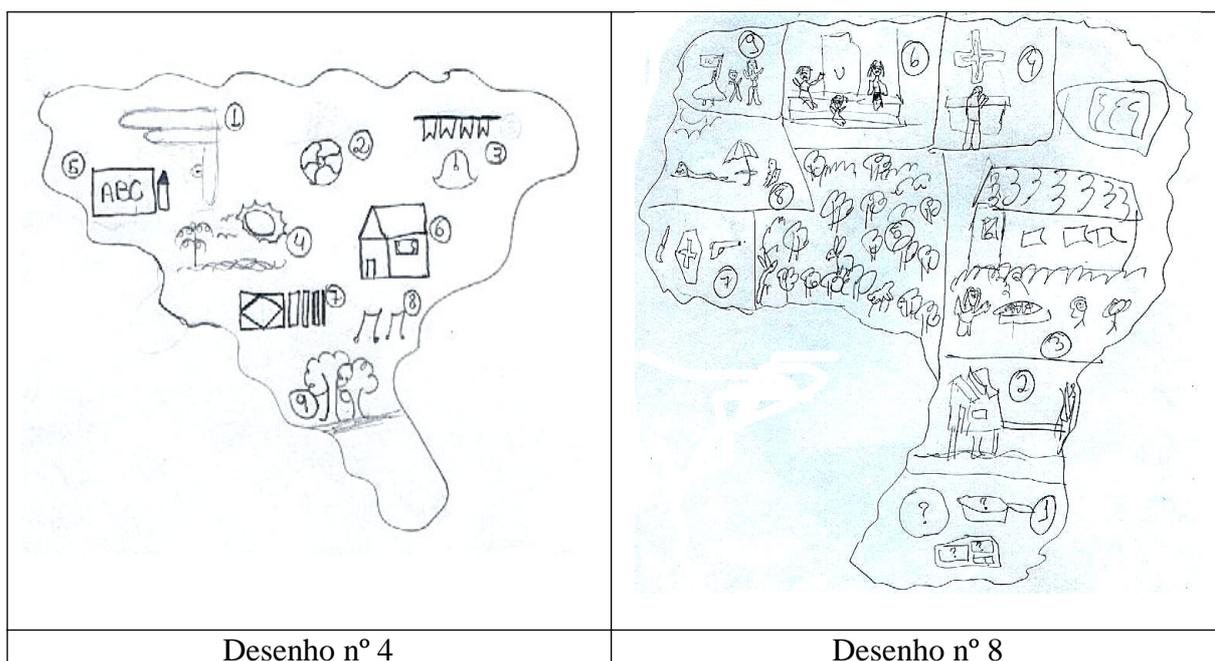
Inicialmente a construção do litoral brasileiro como símbolo parece ter atendido à função de marcar uma ocupação territorial. Durante todo o século XVI, a colonização portuguesa estendeu-se apenas pelo litoral brasileiro. O Brasil, aliás, era pouco mais do que isso, de acordo com o tratado de Tordesilhas (ABREU, 2000). Em quase todo esse litoral, o pau-brasil e a cana-de-açúcar floresceram, fazendo com que os portugueses permanecessem por muito tempo como “caranguejos contentando-se apenas em andar arranhando ao longo do mar” (SALVADOR, 1627). Vários foram os fatores relacionados à concentração no litoral, entre eles a extensão da costa que coube a Portugal na partilha com a Espanha, o que obrigou o início da colonização em vários pontos do litoral simultaneamente para uma ocupação e defesa eficientes. O povoamento pelos colonizadores só começa a penetrar o interior propriamente no segundo século, e mesmo assim de forma tímida (PRADO JR., 2000). A seleção do Nordeste em especial, e do Sudeste, como referências sobre o litoral pode estar relacionada com duas das funções indicadas por Giménez (2000). São os pontos do litoral depositários de uma memória associada ao início das narrativas sobre o Brasil e ao início da ocupação territorial. Igualmente funcionam como pontos referenciais que facilitam a apropriação do território, provavelmente por serem as regiões que mais exploram a divulgação de suas praias como pontos turísticos.

O litoral durante bom tempo foi entendido como a faixa de terra próxima ao mar, conhecida, delimitada, colonizada ou em processo de colonização, dominada pelos brancos – embora existissem outras etnias – espaço da cristandade, cultura e civilização (FREYRE, 1992). Apareceu como o espaço por excelência da construção *do que somos*, associado à idéia de *desenvolvimento*. Era a partir dessa região que a civilização se estenderia ao país como um todo, tratando de endireitar “nossos rudes patrícios” (CUNHA, 2002, p.96), pois “se estávamos condenados à civilização, ou progredíamos ou desaparecíamos” (CUNHA, id., p.65). Esse desenvolvimento esteve sempre associado à chegada do homem branco, ao

processo civilizatório, à urbanização e à implantação bem sucedida de uma atividade econômica.

A associação entre costa litorânea e atividades econômicas, apesar de ocorrer em relativamente poucos mapas (em 13 dos 49 que desenhavam o litoral), vem reforçar a mesma idéia de litoral como início, pois o início esteve também relacionado com a instalação de atividades econômicas. A principal atividade econômica citada na praia foi o turismo. As outras referências à economia são os portos e as plataformas de petróleo.

Um fato curioso é que foi comum que o litoral fosse desenhado “terra adentro” (figura 10), ou seja, no espaço interno do contorno do mapa e, em alguns casos, longe da área beira-mar.



**Figura 10 – Exemplos de praia desenhada “terra adentro”
 (Estudantes de Pedagogia, universidade privada e de Serviço Social, universidade pública)**

Ele estaria dessa forma desatrelado de sua vinculação espacial no território, de forma que pôde ser registrado até na altura do Acre. Esse foi o registro feito nos mapas de apreensão

geral (22 dos 49 mapas). Tal evocação só reforça a sua compreensão como geossímbolo, pois, mesmo que sejam praias de rio, indica que a praia funciona como um elemento territorial de forte valência afetiva, pois permanece como região em mapas de apreensão geral. É, por isso, possivelmente um outro espaço territorial de grande investimento afetivo e que sustenta identidades.

5.2.4 O Pará e a região Norte

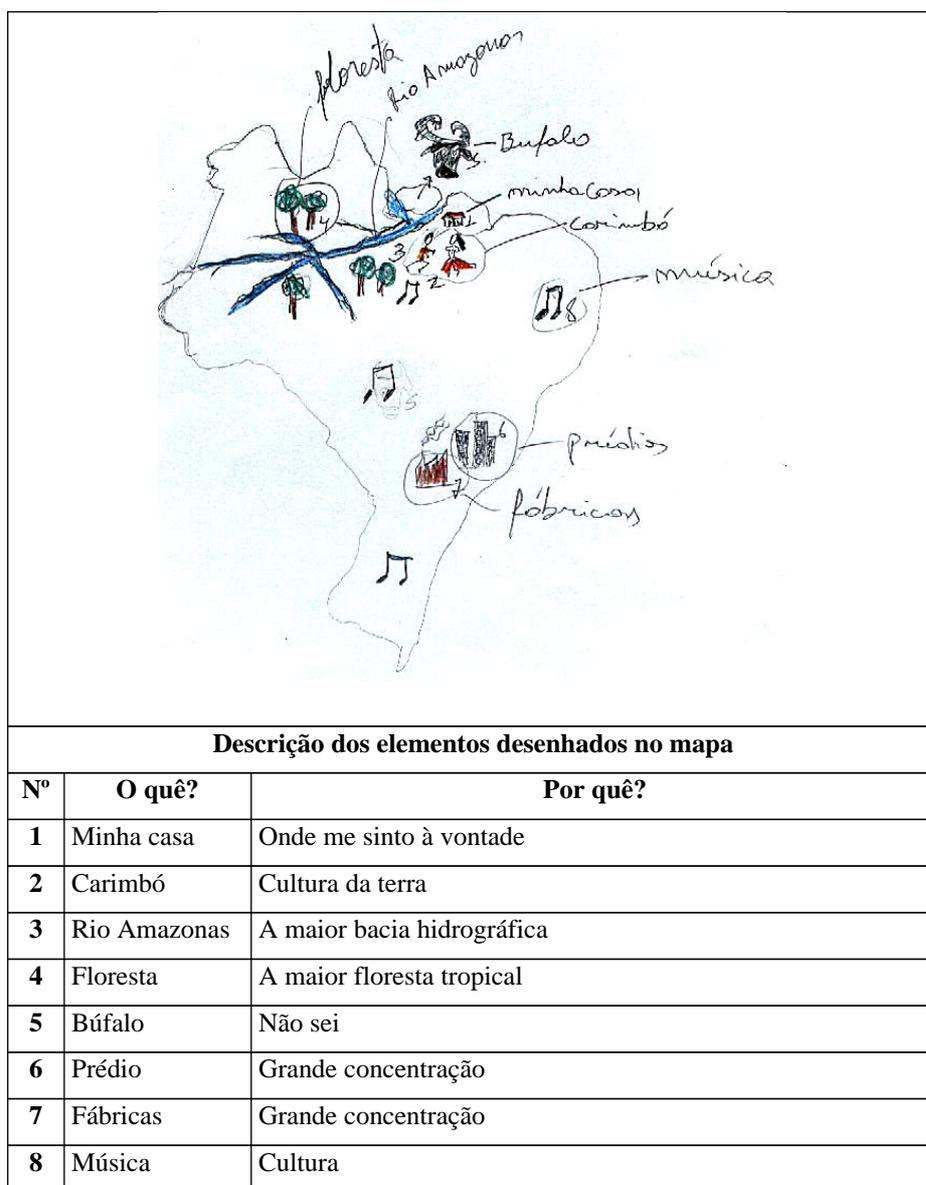
A região Norte é a que mais aparece no maior número de mapas (tabela 3). Embora a quantidade de desenhos da floresta Amazônica contribua para o alto índice, desenhos que tratavam da região Norte ou do estado do Pará (o estado que mais foi desenhado) revelam facetas de um Brasil particular.

**Tabela 3 – Distribuição das regiões geográficas presentes nos mapas
(n=total de cenas que destacavam regiões)**

REGIÃO DESENHADA	PRESENCIA DA REGIÃO	
	n	f (%)
Norte	193	35 %
Nordeste	113	21%
Sudeste	103	19%
Centro-Oeste	63	11,5%
Sul	63	11,5%
Centro-Sul	12	2%
TOTAL	547	100%

Conforme já apontado em outro ponto da dissertação, o princípio de proximidade (SAARINEN, 1973), indica a tendência dos indivíduos tomarem como ponto de referência seu local de origem no momento da elaboração do mapa mental. Como se manifestou esse fenômeno nos mapas imaginários? Pelo destaque dado à região Norte em alguma cena, pela grande concentração de cenas desenhadas nessa região, pelo fato de a região ter sido

desenhada em primeiro lugar em muitos mapas (mesmo a floresta Amazônica sendo o 1º desenho, os seguintes se concentravam também na região Norte), pelos desenhos com auto-referência (minha casa, minha cidade etc.) e pelos desenhos em que a região Norte foi ampliada (ocupando também partes das regiões Centro-Oeste e Nordeste). O quadro 6 contém um mapa que exemplifica bem essas características.



Quadro 6 – Exemplo de mapa em que se observa o princípio de proximidade
(Estudante de Engenharia, universidade pública)

O destaque dado à região originária nos remete à questão do regionalismo. As

discussões sobre o regionalismo costumam estar mais tradicionalmente vinculadas a aspectos político-econômicos, sobretudo com a consideração do fenômeno da globalização. A questão regional não tem recebido a devida atenção em estudos psicossociais, principalmente no Brasil, onde a cultura lhe atribui substancial importância. Se nos compararmos ao México, país em que a etnicidade indígena é fundamental para as discussões sobre identidade nacional e sobre regiões culturais (GUERRERO, 2006), percebemos que para nós a questão étnica quase não tem importância. Classificações como “gaúcho”, “paulista” ou “nordestino” possuem mais valor.

No Brasil, foram várias as manifestações em prol de movimentos regionalistas, com especial contribuição de antropólogos, que sob a noção de “região cultural”, pretenderam capturar traços e padrões culturais relevantes de regiões (ZARUR, 2000). Sob a égide de diversos projetos políticos, tanto dos que tendiam à centralização quanto dos que tendiam à descentralização, a relação nação-região foi sempre discutida. No entanto, Oliven (2000), citando Freyre, conclui que o único modo de ser nacional em um país de dimensões continentais como o Brasil é sendo primeiro regional.

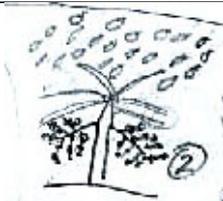
O regionalismo está relacionado ao estabelecimento de vínculos com o local de origem, no qual se reconhecem referências e diacríticos. As ditas culturas regionalistas são por nós reconhecidas e reproduzidas. É possível detectar a existência de regionalismo nos mapas do Brasil elaborados por paraenses. O regionalismo aparece como lógica que influencia recortes de certas imagens do Brasil. Condição, experiência, cultura, história e paisagem regionais adquirem expressões nítidas na evocação dos temas nacionais.

As cenas em que a região Norte e o estado do Pará receberam destaque serão agora apresentadas. Os desenhos e seu temas podem ser vistos na tabela 4, acompanhados de exemplos das respostas de cada categoria.

Tabela 4 – Distribuição dos temas dos desenhos da região Norte e do estado do Pará (n=cenas em que a região/o estado foram localizados)

TEMAS DAS CENAS SOBRE A REGIÃO NORTE/ SOBRE O ESTADO DO PARÁ	n	f (%)
Natureza (riqueza de: floresta, minérios, rios, terra/solo fértil, fauna, lagos, frutas, açai símbolo do Pará)	120	38%
Problemas socioeconômicos (violência rural e urbana, conflitos agrários, entrada ilegal de drogas, fome, saúde precária, desigualdade, casas do Norte, pobreza, efeitos da migração nordestina, índio expulso, prostituição, exploração do trabalho)	56	18%
Problemas ambientais (riquezas “roubadas”; degradação; queimadas; poluição dos rios; avanço de plantações de soja; pesca predatória)	35	11%
Cultura (modo de vida do índio, do ribeirinho, do caboclo; Boi Bumbá; carimbó; açai; religião/círio; Cobra-grande; Curupira; Teatro da Paz)	31	10%
Economia (minérios, plantações de soja, búfalo, Zona Franca, indústria, boi, borracha)	22	7%
Índio	21	7%
Urbanização (estradas, rodovias, cidades, prédios, shopping, torres de transmissão)	10	3%
Fronteira/geografia (fronteira com Colômbia; muita chuva; Serra Pelada)	8	3%
Auto-referência (Belém, minha cidade; eu descansando em uma rede; minha casa; meu carro; Ver-o-Peso – ponto importante da minha cidade)	5	2%
Outros (isolamento da região; região Norte é a esperança de desenvolvimento do país; mulheres; político negativo)	4	1%
TOTAL	312	100%

A concentração dos temas está na mesma visão contrastante natureza x problemas socioeconômicos, que estrutura a representação do Brasil em geral, como já apresentado antes. Contudo, breve leitura dos exemplos já nos permite perceber a apropriação de elementos peculiares de um Brasil nortista/paraense. A natureza rica é figurada em ícones como os rios, os minérios, as frutas (principalmente o açai) e animais (principalmente o búfalo). Ícones que diferem dos que figuram a natureza de outros lugares.

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Os açaizeiros e as freqüentes chuvas paraenses	São os destaques paraenses
Estudante de Engenharia,			Rica em jazidas

universidade pública		Carajás	minerais
----------------------	---	---------	----------

Quadro 7 – Exemplos de desenhos da natureza no Pará/Norte

Os desenhos indicam forte relação desses elementos naturais na vida cotidiana. Um bom exemplo disso são os rios (exemplo no quadro 8).

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Pedagogia, universidade privada		No Norte. São as crianças indo para a escola de canoa	Porque a cidade é cheia de ribeirinhos

Quadro 8 – Exemplo de desenho de rio associado à vida cotidiana

A relação de proximidade com os rios pode ser também avaliada pelo fato de o Rio Amazonas ter sido situado no território de forma bem próxima da posição geográfica que ele ocupa no território (o Amazonas nasce no Peru, atravessa o Norte do país e desemboca no Atlântico, na Baía de Marajó) – exemplo na figura 11.

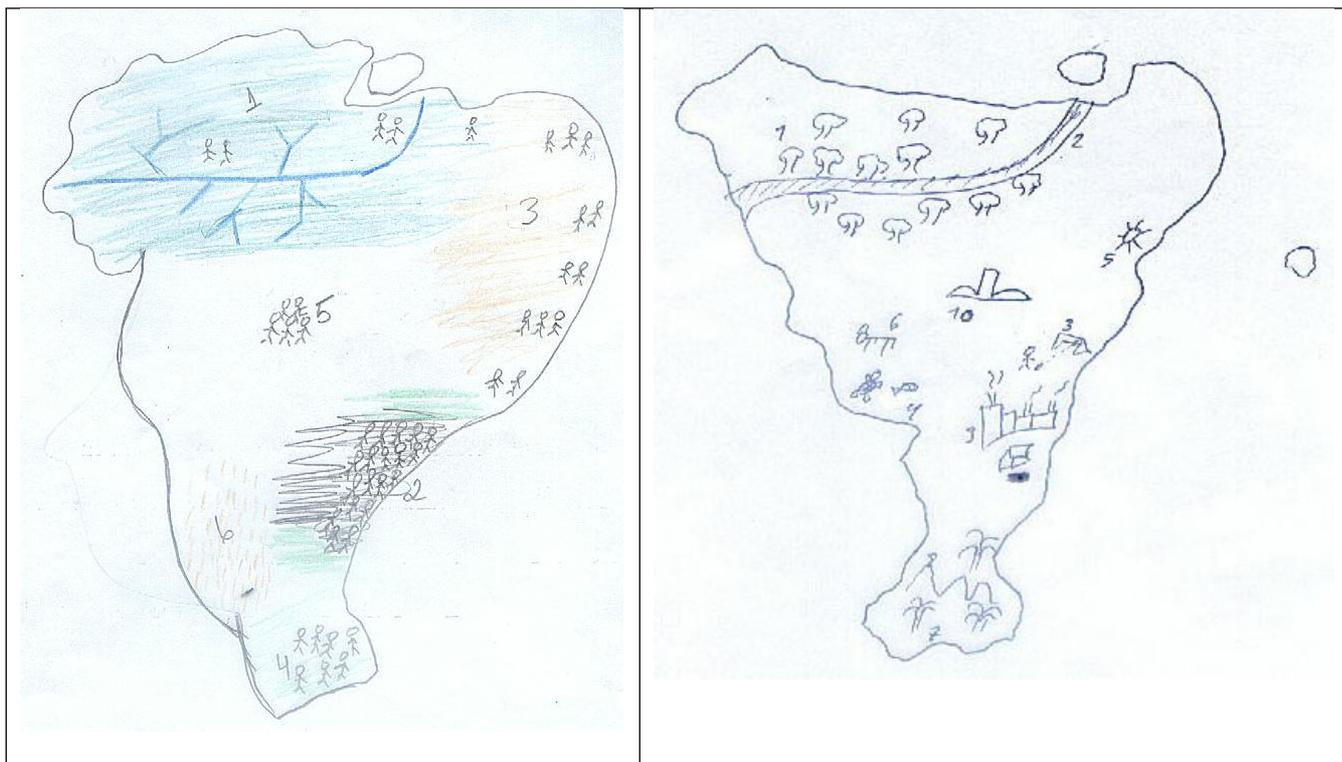


Figura 11 – Exemplos de desenhos do Rio Amazonas (Estudantes de Medicina, universidade pública)

Dentre os problemas ambientais, o mais destacado foi a preocupação com as riquezas levadas do estado, o uso abusivo dos recursos, a degradação por consequência do avanço das plantações de soja.

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Engenharia, universidade pública		Plantação de soja	Extração de recursos naturais

Quadro 9 – Exemplos de desenhos de problemas ambientais do Pará/ Norte

Já os problemas socioeconômicos enfatizados foram a questão dos conflitos agrários, da luta pela terra e da violência daí resultante e também decorrências da existência da fronteira com um país produtor de drogas (Colômbia), além de outros temas já apontados como grandes questões referentes à região (prostituição, exploração do trabalho,

conseqüências da migração nordestina etc.) – exemplos no quadro 10.

Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade privada		As casas do Norte	Porque mostra o nível de vida social dos nordestinos
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Garota se prostituindo	A prostituição é outro grande problema

Quadro 10 – Exemplos de problemas socioeconômicos do Pará/Norte

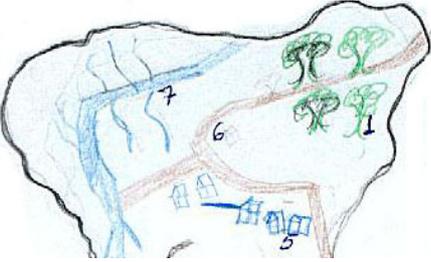
Percebem-se tendências de acordo com o curso. Para os estudantes de Serviço Social e Enfermagem, os desenhos de problemas ultrapassam os de natureza rica. Os socioeconômicos ocupam a primeira posição na distribuição da frequência e os ambientais, a terceira (a natureza rica está em segundo lugar). Em seguida, ambos os cursos enfocam temas humanos, sendo que para Serviço Social aparece o destaque do índio e para Enfermagem, da cultura. Os estudantes de Pedagogia destacam como tema mais freqüente a natureza em primeiro lugar, na seqüência estão a cultura, o índio e os problemas socioeconômicos. Dessa forma, nota-se que o recorte efetuado está mais ligado a posicionamentos críticos e a assuntos humanos. Mesmo assim, o curso de Pedagogia destoa um pouco da visão dos outros dois cursos.

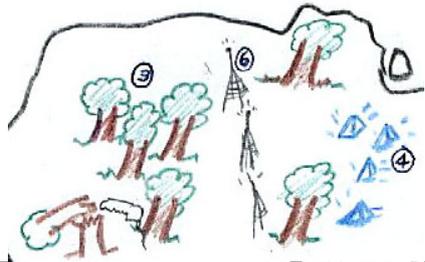
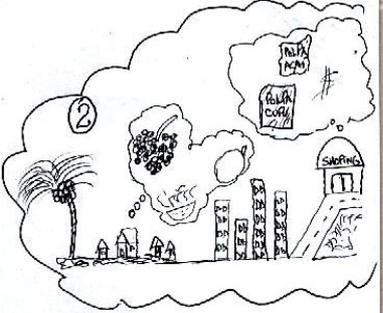
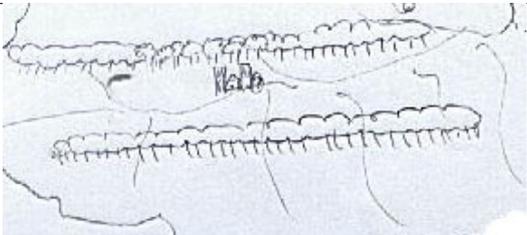
Os estudantes de Engenharia e Medicina concentram tantas respostas na temática da natureza, que a quantidade de respostas sobre os outros temas, além de ser pequena aparece pulverizada, distribuída em proporções próximas umas das outras. Todavia, as respostas com o tema Economia foram mais desenhadas por sujeitos desses dois cursos, mantendo relativa

distância das frequências dos outros três cursos. Como os temas da natureza e economia são basicamente neutros ou valorizantes, pode-se dizer que, de forma geral, os dois cursos tenderam a expressar aspectos positivos da região.

O índio só foi desenhado na região Norte. O fato de que mais da metade da população indígena esteja hoje presente na Amazônia legal (regiões Norte e Centro-Oeste) parece ter sido o fator que influenciou a localização exclusiva. O curioso é que os desenhos falam bastante de origem. Com essa temática, a figura do índio poderia ter sido desenhada em qualquer outro lugar do Brasil. Todavia, o índio parece ter sido tomado como uma espécie de elemento-símbolo da tradição regional.

Um outro registro bem particular diz respeito à urbanização. Os exemplos do quadro 11 mostram como a idéia de integração e desenvolvimento, noções que fundamentaram a implementação de políticas na região Norte, tais como a abertura de rodovias, hidrovias, hidrelétricas, entre outros, nos dão a noção da região Norte entendida como um espaço ainda em colonização. A questão da distância é também registrada: “O avião – um meio de transporte bastante utilizado, fazendo “encurtar” as distâncias entre povos” (estudante de Serviço Social, universidade pública).

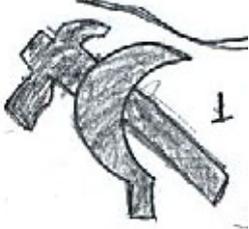
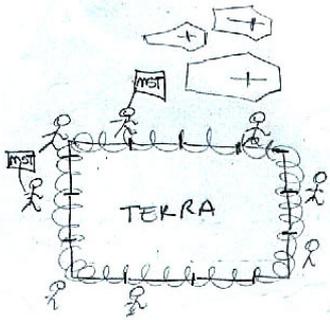
Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade privada		Estradas (desenho nº6)	A integração das capitais através das estradas
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Torres de transmissão elétrica (desenho nº 6)	Tentativa de englobar mais áreas distantes ao acesso ao progresso e oportunidades

			
Estudante de Enfermagem, universidade pública		O Pará e suas faces	Representação do Pará que floresce em meio do seu crescimento econômico.
Estudante de Medicina, universidade pública		Manaus	Centro urbano no meio do mato. Um contraste

Quadro 11 – Exemplos de desenhos sobre a urbanização na região Norte

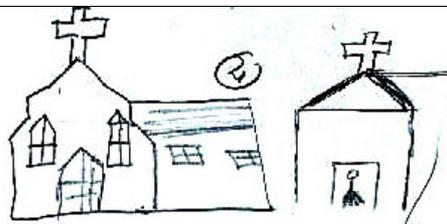
Outro tema importante foi a questão da terra: a concentração latifundiária, os conflitos e a necessidade de reforma agrária. Muitos desenhos transmitem claramente a noção de luta. As principais imagens evocadas foram ferramentas do trabalho agrícola (foice, ancinho, enxada, martelo – exemplo 1, quadro 12), armas (terçado e revólver) e caixões. Em quase todos, a dinâmica conflituosa pode ser observada na imagem, conforme mostram os exemplos 3 e 4 do quadro 12. Em outras, há apenas o registro do trabalhador rural, contra quem a violência é sempre exercida (exemplo 4, quadro 12). As conseqüências dessa violência, a morte, é simbolizada. O que pode ser percebido é que a questão da terra não é associada a uma etnia. Quem luta pela terra são trabalhadores rurais e pequenos proprietários.

	Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Ex. 1				

	Estudante de Serviço Social, universidade privada		A foice e o martelo	Simboliza os conflitos fundiários no Pará.
Ex. 2	Estudante de Pedagogia, universidade pública		Conflitos no Sul e Sudeste do Pará (terra)	Os mais prejudicados são os pequenos proprietários.
Ex. 3	Estudante de Enfermagem, universidade pública		Os conflitos fundiários	No Brasil existem grandes conflitos pela posse da terra que geram a morte de pessoas nas regiões.
Ex. 4	Estudante de Enfermagem, universidade pública		Representa pessoas que desejam trabalhar p/ viver e o alto grau de violência no Norte	Para enfatizar os trabalhadores rurais massacrados, e na maioria das vezes por policiais militares.

Quadro 12 – Exemplos de desenhos relacionados à questão da terra

Por último, a religião e a fé se destacaram como aspectos caracterizadores do brasileiro, porém as imagens foram em diversas ocasiões situadas na região Norte. Segundo as respostas, também são aspectos por meio dos quais nossa diversidade pode ser expressa (exemplo 3, quadro 13). Talvez já pudéssemos supor que imagens da festa do círio de Nazaré seriam evocadas nesse grupo. No entanto, embora imagens da santa e referências à festa tenham sido registradas, o que predominou foram desenhos de igrejas, cruzeiros e outros símbolos religiosos (exemplos 1 e 2, quadro 13). A fé religiosa é destacada como uma estratégia frente às dificuldades (exemplo 1, quadro 13).

	Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Ex. 1	Estudante de Serviço Social, universidade pública		Alguém orando ou rezando sobre um altar	Em nosso país há uma grande fé em todos aqueles que almejam alguma melhora
Ex. 2	Estudante de Enfermagem, universidade pública		Igreja	Apesar das dificuldades que o nosso povo passa, ele ainda é muito religioso.
Ex. 3	Estudante de Serviço Social, universidade pública		Igrejas ou templos sagrados	Diversidade nas crenças

Quadro 13 – Exemplos de desenhos relacionados à religião e à fé

O que define a região Norte atende à mesma lógica do que define o país: os conceitos de natureza-sociedade, que atravessados pela dimensão do contraste estruturam a criação das imagens. A região Norte é formada por uma natureza rica e exuberante, porém que sofre gradativo processo de destruição e usurpação. Por outro lado, o homem tanto produz desigualdades, lutas e miséria como festas, culinária e lendas. Mais uma vez, os conteúdos recebem recortes específicos de acordo com os cursos, mas há elementos que comparecerem em todos, expressando questões que atravessam todas as visões: a proximidade com a natureza, certo sentimento de isolamento e distanciamento, a convivência também muito próxima com conflitos e a questão da fé. Ao mesmo tempo, os temas que aparecem na região Norte não são exclusivos, aparecem igualmente em outras regiões e também em mapas desenhados por sujeitos de outras regiões (RELATÓRIO PROJETO IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL, 2005). Falando de questões do Norte estão

também falando de Brasil. A diferença está nos conteúdos e nas imagens utilizados para tratar dos temas. Tal relação, indica que de fato no Brasil a nacionalidade parece passar primeiramente por aspectos regionais.

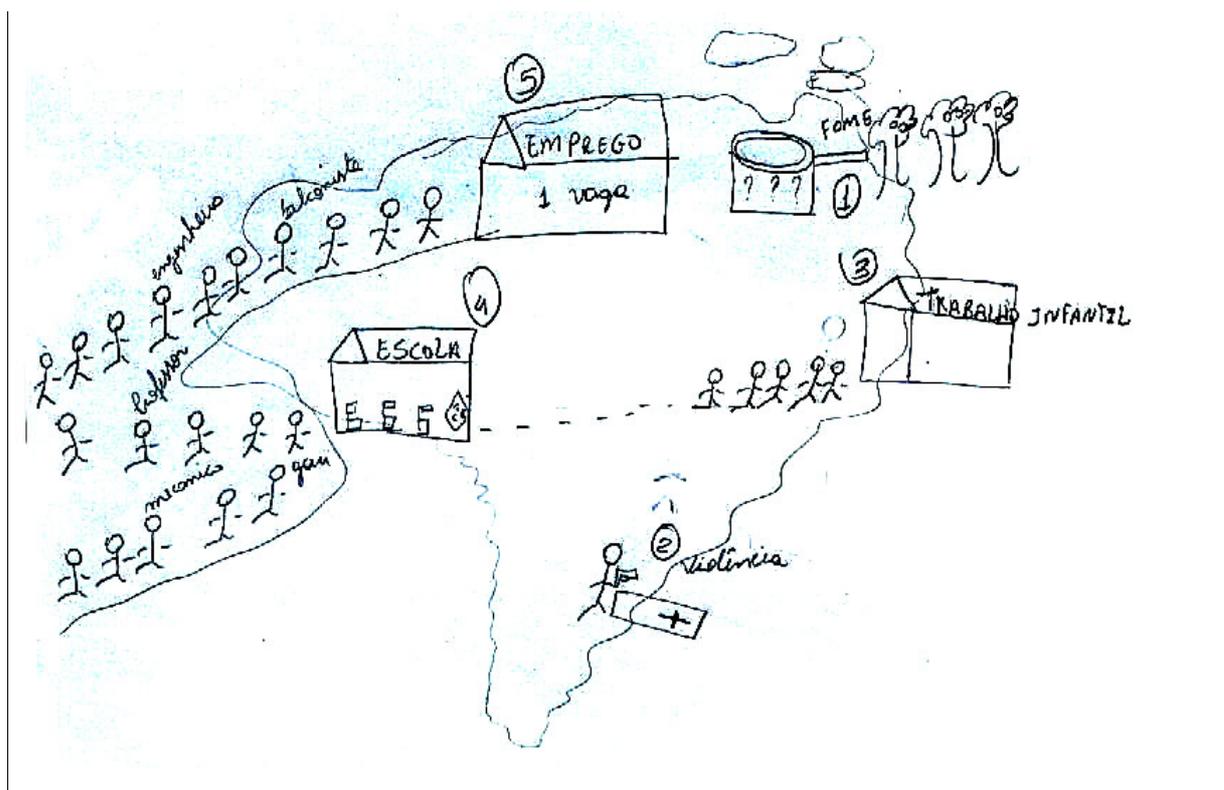
5.3 Os mapas gerais

Conforme já foi explicado, uma parte dos mapas apresentava uma lógica de organização por características do Brasil em geral, sem que seus desenhos e conteúdos tivessem uma ligação com o espaço territorial. Neste item, serão apresentados dados desse tipo de mapa. O intuito de analisar tais mapas de forma isolada deveu-se ao interesse em investigar se eles traziam elementos novos, que escapassem das representações de Brasil mais convencionais ligadas ao território.

Dos 177 mapas, foram separados apenas aqueles em que nenhum dos desenhos apresentavam ligação com regiões geográficas, resultando em 44 mapas para passarem por um processo de análise mais refinado.

Na etapa seguinte, esses 44 mapas foram divididos de acordo com suas tendências de tonalidades afetivas: 1) mapas que tendiam a ser mais críticos e a ressaltar problemas (N=15); 2) mapas ambivalentes, em que tanto se abordavam problemas como se ressaltavam qualidades (N=19); 3) mapas que tendiam a valorizar o país (N=10). Exemplos dos três tipos de mapas estão contidos nos quadros a seguir. É interessante observar que a vertente valorizante é minoritária, o que talvez ressalte a presença de um olhar realista ou crítico sobre o país pela maior parte dos participantes deste grupo.

TONALIDADE CRÍTICA

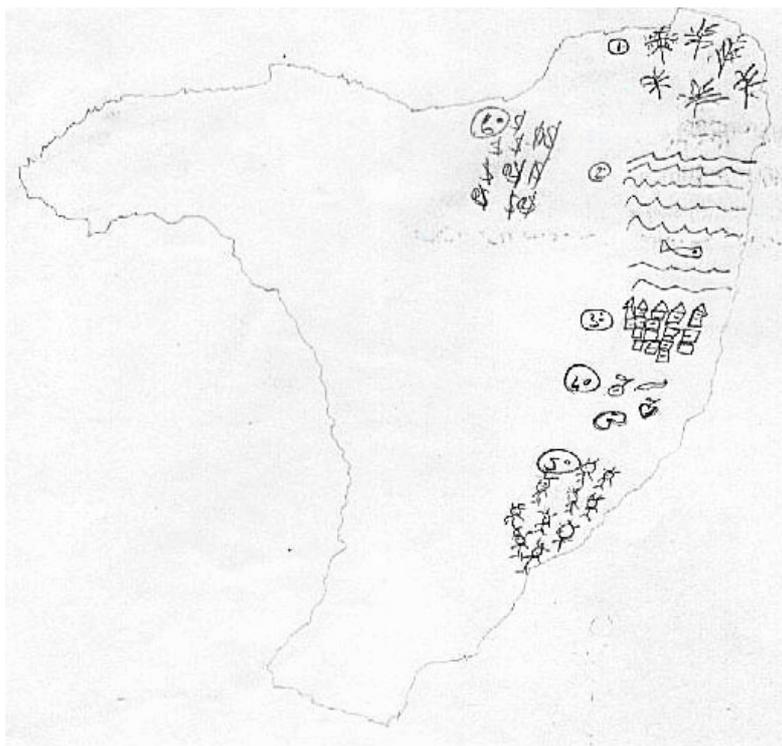


Descrição dos elementos desenhados no mapa

Nº	O quê?	Por quê?
1	panela vazia	Porque existe muita fome e miséria.
2	uma pessoa com um revólver e um caixão	Pela existência e aumento da violência em todo país.
3	crianças correndo para trabalhar	Este desenho foi devido a escolha de muitas crianças em trabalhar para ajudar e muitas das vezes sustentar a família.
4	escola vazia	Ausência de crianças nas escolas devido terem que trabalhar
5	desemprego	Muitos atrás de emprego, profissionais independentes da profissão.

**Quadro 14 – Exemplo de mapa com tonalidade crítica
(Estudante de Pedagogia, universidade pública)**

TONALIDADE AMBIVALENTE



Descrição dos elementos desenhados no mapa

Nº	O quê?	Por quê?
1	Muito verde	Pela riqueza da Amazônia
2	Rios	Pela riqueza dos rios
3	Favelas	Falta de interesse dos governos
4	Alimentos	O Brasil tem muito alimento, mas a fome ainda predomina
5	Crianças	Crianças sem escolas
6	Rico	O Brasil é um país muito rico mas ainda temos vários problemas sociais

**Quadro 15 – Exemplo de mapa com tonalidade ambivalente
(Estudante de Serviço Social, universidade privada)**

Descrição dos elementos desenhados no mapa		
Nº	O quê?	Por quê?
1	Uma multidão atrás de um carro som	Porque no Brasil tem muita festa
2	Várias pessoas	Porque o Brasil é uma mistura de raças que torna-o único
3	Engarrafamento	É reflexo do crescimento desordenado das cidades brasileiras
4	Vários animais (cobra, mico-leão, cachorro, gato, borboleta)	Mostra a biodiversidade do mundo animal brasileiro
5	Dinheiro	Mostra a grande soma de dinheiro que o país possui e sua distribuição desigual
6	Cara sorrindo	Felicidade do povo brasileiro
7	Ilha	As belíssimas praias que o Brasil possui
8	Coração	O amor que todo cidadão tem pelo país e seus compatriotas
9	Pratos de comida	Mostra a variada culinária brasileira

**Quadro 16 – Exemplo de mapa com tonalidade valorizante
(Estudante de Medicina, universidade pública)**

Os sujeitos que elaboraram mapas mais críticos parecem ter um perfil destacado. São principalmente alunos de Serviço Social e de Pedagogia que declararam ter renda familiar de

até R\$ 960,00, cujos pais têm baixíssima escolaridade (alguns nunca freqüentaram a escola) e que moram em regiões onde faltam água encanada e calçamento nas ruas. As duas outras tendências de tonalidade reúnem pessoas que declararam possuir renda familiar em geral maior que R\$ 960,00, maior que R\$ 2.000,00 ou maior que R\$3.000,00. Apesar de haver novamente o predomínio dos cursos de Serviço Social e Pedagogia, concentram maior número de sujeitos dos outros cursos. No entanto, dentre os que possuem visão ambivalente, há também estudantes que declararam morar em regiões onde não há calçamento. A tabela 5 aponta os temas dos desenhos contidos nos 44 mapas.

Tabela 5 – Distribuição dos desenhos e seus temas entre as três tendências de tonalidade (n=cenas)

TEMAS	TONALIDADE CRÍTICA (N=15)		TONALIDADE AMBIVALENTE (N=19)		TONALIDADE VALORIZANTE (N=10)	
	n	f (%)	n	f (%)	n	f (%)
Problemas socioeconômicos	68	82%	45	40%	7	14%
Natureza valorizada	0	0%	25	22%	14	28%
Natureza (ressalta problemas)	10	12%	9	7,8%	1	2%
Economia	0	0%	9	7,8%	10	20%
Cultura/carnaval/futebol	1	2,4%	8	7%	7	14%
Pessoas	0	0%	7	6%	0	0%
Religião/fé/esperança/amor	1	1,2%	2	1,7%	1	2%
Miscigenação	0	0%	2	1,7%	4	8%
Alegria do povo	1	1,2%	2	1,7%	1	2%
Amor à pátria/pacifismo do brasileiro	0	0%	1	0,8%	1	2%
Política visão crítica	1	1,2%	0	0%	0	0%
TOTAL	83	100%	115	100%	46	100%

Embora muitos desenhos e temas se repitam, as três tendências apresentam nuances

nos indícios de representações do país. Conforme se observa, os desenhos mais freqüentes nos mapas mais críticos e nos de visão ambivalente são os de problemas socioeconômicos (exemplos no quadro 17). Embora em menor freqüência, também aparecem nos mapas com visão valorizante. Há uma pequena diferença nos desenhos dos problemas socioeconômicos dos três grupos. Os mapas críticos possuem maior presença de pessoas neste tipo de cena (das 68 cenas, há pessoas em 40, o que representa 60%). Como pode ser observado nos exemplos (quadro 17), são desenhos de um “homem” e de “uma criança” que passam por uma realidade específica (desemprego e trabalho infantil). A ênfase é no que vivem essas pessoas. Talvez essa seja a explicação para a seleção desse tipo de imagem e não de outros para a elaboração dos desenhos. Além disso, a dimensão da vivência pode ser um aspecto diferencial nesse grupo, o que promove o tema da desigualdade a imagens de pessoas. Os mapas ambivalentes (das 45 cenas, há pessoas em 10, aproximadamente 20%) e os mapas valorizantes (das 7 cenas, há pessoas em apenas 1, o que representa 14%) apresentam proporção bem menor de figuras humanas.

TONALIDADE CRÍTICA			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?

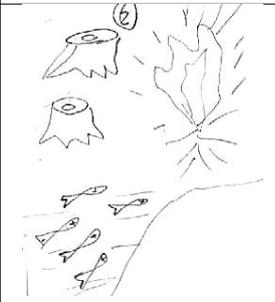
Estudante de Serviço Social, universidade privada		Homem	Desespero, desemprego
Estudante de Pedagogia, universidade privada		Uma criança	A dura vida de crianças que tem a obrigação de trabalhar
TONALIDADE AMBIVALENTE			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade pública		Desigualdade social, o contraste favela e as casas	Um dos problemas maiores é a desigualdade que faz com que pessoas sejam marginalizadas
Estudante de Serviço Social, universidade privada		Desigualdade social	Hoje a desigualdade social é um problema social sem fim.
TONALIDADE VALORIZANTE			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade pública		Violência	Fato, realidade
Estudante de Serviço Social, universidade pública		Comida	No Brasil tem muita fartura, só que é mal distribuída.

Quadro 17 – Exemplos de desenhos cujos temas são os problemas socioeconômicos segundo as três tonalidades

A natureza, elemento presente nas representações hegemônicas a respeito do Brasil,

aparece associada a diferentes posicionamentos e também provavelmente a diferentes experiências práticas (quadro 18). O grupo que tende a ter visão mais crítica é o que desenha menos elementos naturais, enquanto o que tende a ter visão valorizante é o que desenha mais. Os desenhos do primeiro grupo também trazem questões ambientais que possuem implicações sociais, tais como ilustram os exemplos do quadro 18. No pólo oposto, o grupo com visão valorizante desenha mais cenas em que a natureza do Brasil é atravessada pelas dimensões da beleza, da riqueza e da diversidade e em que também ganha conotação mais econômica. O grupo de tonalidade ambivalente também inclui nos mapas bastantes cenas que tratam da natureza e têm seus conteúdos mais próximos da visão valorizante, mas que não apresentam conotação econômica. Por outro lado, se aproximam dos críticos por também darem destaque às questões ambientais em cenas com imagens de natureza.

TONALIDADE CRÍTICA			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?

Estudante de Pedagogia, universidade pública		A destruição da natureza	Demonstram a péssima educação do homem brasileiro.
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Queimadas	Para urbanizar também ainda queimam as florestas, poluindo o ar também.
TONALIDADE AMBIVALENTE			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Florestas	O Brasil mesmo com seus desmatamentos ainda é considerado um país com grandes reservas.
Estudante de Engenharia, universidade pública		Árvores cortadas, fogo (fumaça), peixes mortos	O descaso do nosso meio ambiente.
TONALIDADE VALORIZANTE			
Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade pública		1) Terra 2) Floresta 3) Rios	1) Fértil 2) Diversidade 3) Recursos
Estudante de Serviço Social, universidade privada		Rios	Pela presença de vários rios, sendo estes de importância econômica.

Quadro 18 – Exemplos de desenhos cujo tema é a natureza segundo as três tonalidades

As questões abertas dos questionários também complementam o que os desenhos já

sugerem. A questão “Por que você acha que tudo isso é Brasil?”, funcionou como uma questão que ajudou os respondentes a compor respostas mais estruturadas sobre os temas escolhidos para a composição dos desenhos. O quadro 19 traz respostas dos três grupos.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE TUDO ISSO É BRASIL?	
	“O Brasil é um país de contrastes, poucas pessoas vivem bem, com conforto e tranqüilidade. A pobreza é muito grande e nem empregos há para o povo viver com dignidade”. (Estudante de Engenharia, universidade privada)
	“O Brasil é um enorme território onde quem manda é a minoria”. (Estudante de Pedagogia, universidade privada)
	“Porque é a nossa realidade. Basta olharmos a nossa volta, lermos jornais e tudo o que eu citei está aí bem perto”. (Estudante de Serviço Social, universidade privada)
	“O Brasil é lindo, terra maravilhosa, mas cheio de corrupção que acarreta desigualdade social levando à violência”. (Estudante de Serviço Social, universidade privada)
	“Porque o Brasil é um país de contraste. De um lado suas belezas e potências. Do outro suas mazelas e injustiças”. (Estudante de Serviço Social, universidade pública)
	“Porque isso mostra um pouco da realidade que vivemos. O Brasil não é um país somente de maravilhas. Há muita violência nas ruas, muitos analfabetos que não têm como estudar, mas também têm coisas lindas para serem lembradas como as praias, as festas etc”. (Estudante de Pedagogia, universidade privada)
TONALIDADE VALORIZANTE:	“Porque é um país de grande diversidade cultural, em que existe de tudo um pouco”. (Estudante de Pedagogia, universidade pública)
	“Porque ele é um país com culturas diferentes e por sua miscigenação como foi formado, pelo seu clima e sua localização favorece”. (Estudante de Serviço Social, universidade privada)
	“O Brasil sem dúvida é composto por uma grande variedade; seja racial, cultural e intelectual. Por isso a grande representação desse país é a raça, a flora e a fauna”. (Estudante de Serviço Social, universidade pública)

Quadro 19 – Exemplos de respostas à primeira questão aberta segunda as três tonalidades

As respostas acima transcritas ilustram as diferenças existentes entre os três grupos. O grupo que tende a uma visão crítica ressaltava apenas aspectos negativos do país. Utiliza expressões tais como “o Brasil vai mal”, “no Brasil falta...”, “aqui as pessoas sobrevivem”, “sem dignidade” e também acrescenta que “no Brasil é a minoria que manda”, “a riqueza é monopolizada”, “as políticas são para a elite”, “poucos vivem bem”. Em suma, tudo isso é Brasil “porque o Brasil atual está assim”, passando por sérios problemas sociais vividos ou vistos bem de perto, pois este é o único grupo que indica nas respostas que “é a realidade

perto de nós”, “é o que eu vejo na mídia”, “é a realidade dos jornais”.

O grupo de visão ambivalente tem em suas falas o contraste bem marcado, o que é observado no uso constante da palavra “contraste” e de estruturas frasais contendo “apesar” ou “mas”. Uma visão bem polarizada: de um lado estão riquezas, belezas, potências, orgulhos, desenvolvimento, maravilhas, cultura e fé; do outro estão mazelas, injustiças, pouco desenvolvimento, dificuldades, miséria, acomodação, descaso e exclusão.

Já o grupo que tende a valorizar o Brasil, possui visão bem particular. Ressalta apenas aspectos como: diversidade cultural, religiosa, racial e natural; miscigenação; natureza homogênea; e identidade cultural como definidores do que é o Brasil.

As dimensões do contraste e da diversidade estruturam o pensamento expresso sobre o Brasil e revelam formas de vê-lo. Por um lado, o grupo que é mais crítico apresenta uma visão fortemente atravessada pela dimensão do contraste, porém sobressaem apenas aspectos problemáticos do país. Para o grupo de visão ambivalente, a dimensão do contraste tem mais tonalidade de oposição entre problemas e belezas. Já entre os os de visão valorizante, a dimensão da diversidade dá a tonalidade positivada aos conteúdos (aspectos naturais, culturais e econômicos). Poderíamos pensar que este último corresponde a uma visão de Brasil mais antiga, a das representações hegemônicas sobre o país de natureza exuberante e bela, e as que se formaram em período histórico mais recente, quando se tenta resgatar a miscigenação e a diversidade.

A outra questão aberta “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” amplia mais ainda a diferenciação dos posicionamentos entre as três tonalidades afetivas.

TONALIDADE	O QUE, PARA VOCÊ, DIFERENCIA O BRASIL DOS OUTROS PAÍSES? POR QUÊ?
	“O Brasil diferencia-se dos outros por ser totalmente dependente do capital estrangeiro, além

TONALIDADE AMBIVALENTE	de possuir muitas riquezas acaba direcionando seus produtos para exportação”. (Estudante de Serviço Social, universidade pública)
	“O descaso do governo para com o país, porque nos outros países podemos perceber investimentos de verbas para setores de fundamental importância para o crescimento do mesmo e mesmo que haja existência de problemas esses estão em número muito reduzido”. (Estudante de Enfermagem, universidade pública)
	“O Brasil caracteriza pela alegria de um povo sofrido, mesmo diante de intensa dificuldade, sorri. É um povo solidário, que sempre ou quase sempre está disposto a ajudar o próximo”. (Estudante de Serviço Social, universidade pública)
	“A diferença é que nosso povo é unido, nacionalista e cheio de fé, tornando-se para muitos um país abençoado e rico em belezas naturais”. (Estudante de Serviço Social, universidade privada)
TONALIDADE VALORIZANTE	“O Brasil apresenta um povo altamente sofrido, mas que ainda tem vontade de esquecer os problemas que enfrenta. Para mim, o diferencial é o “povo”, que ainda sofrendo com a fome, violência, corrupção, esquece de todos os problemas quando a seleção brasileira ganha a Copa do Mundo”. (Estudante de Engenharia, universidade pública)
	“Nos outros países existem programas inteligentes para combater a fome e miséria. Por que todo o dinheiro que o Brasil arrecada tem outro destino”.
	“O povo é o principal aspecto diferenciador do Brasil. A população do país é única, exclusiva. Em nenhum outro lugar a mistura de raças pôde resultar em belezas tão exóticas”. (Estudante de Medicina, universidade pública)
	“O Brasil é diferente não só pela imensidão de problemas que enfrenta, mas pela dignidade e até mesmo alegria desse povo diante de tantas adversidades. É diferente por ser um país muito miscigenado, de gente bonita... O país do carnaval, dos craques do futebol, enfim, por ser BRASIL”. (Estudante de Medicina, universidade pública)
	“O Brasil se diferencia dos outros países tanto na raça, devido a mistura de índios, negros e brancos e também na cultura que esses povos acabaram introduzindo no país”. (Estudante de Serviço Social, universidade pública)

Quadro 20 – Exemplos de respostas à segunda questão aberta segundo as três tonalidades

O que diferencia o Brasil, segundo os sujeitos do grupo mais crítico é a falta de educação, de investimento em diversas áreas, de preocupação com diversos setores, a dependência externa, o descaso do governo e a injustiça. Apesar de responsabilizarem as autoridades e o governo pelas dificuldades por que o país passa, apontam que o caminho para a solução é o povo se unir, manter a esperança e a solidariedade e aprender a usar bem tudo aquilo de que dispõe. A solução está no povo porque ele é descrito como lutador, alegre, esperançoso e solidário.

O grupo da visão ambivalente, apesar de manter um pouco de sua posição dilemática, tendeu a reforçar aspectos positivos do país como diferenciadores: povo unido, otimista,

cordial, resistente; natureza exuberante e cultura em que não temos guerra, não há discriminação racial nem religiosa.

Já o grupo que tendeu a valorizar, deu ênfase absoluta ao fato de considerar que a diferença está em seu povo miscigenado e com culturas diferentes que é também acolhedor e trabalhador. Além disso, ressaltou a existência de paz, diversidade e aspectos culturais como o carnaval e o futebol.

Independente do posicionamento, o que diferencia o Brasil dos outros países é o povo brasileiro, cujas características socioafetivas foram descritas pelos três grupos. A diferença entre os três posicionamentos é que nas respostas mais críticas a ação do povo é pontuada para superar os problemas que também tornam o país diferente. Tanto os de visão ambivalente como os de visão valorizante destacam também a cultura como diferencial e a existência da paz.

Parece haver um continuum entre as 3 posições. A valorizante estaria mais vinculada a representações hegemônicas mais antigas, vinculadas a natureza e às raças. A ambivalente estaria mais ligada a representações hegemônicas posteriores, que valorizam a mistura, a cultura e as qualidades do povo mas apresentam críticas, que não se filiam completamente a estas representações, embora aqui e ali elas ainda apareçam, parecendo ter ancorado sua visão do país em ensinamentos baseados numa racionalidade analítica, de alcance macro. Observa-se, então, a resistência e a mudança de algumas representações hegemônicas: numa região em que a floresta tropical domina o imaginário e a vida da população, a representação proto-edênica é minoritária, a representação do contraste de polaridades é a mais freqüente, e a visão crítica se situa entre as duas. Seria justamente a proximidade com a floresta que leva a afastar-se da visão que idealiza a natureza? Esta distribuição estaria indicando que as representações polêmicas – críticas – têm um papel nesta mudança? Será a ambivaência a marca da passagem de uma a outra, reunindo freqüentemente aspectos das duas em

contraposição ? Estas questões não podem ser respondidas aqui, mas merecem a atenção de estudos para aprofundá-las.

5.4 Quem são os personagens brasileiros?

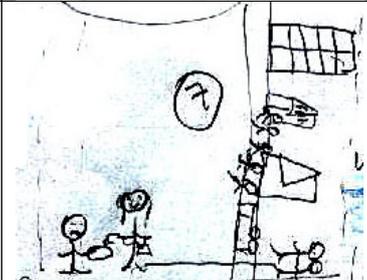
Uma análise pormenorizada dos personagens foi também realizada na totalidade dos mapas (N=177). Seguiu-se a mesma análise por cenas (cada desenho numerado é uma cena). Pessoas foram desenhadas em 279 cenas. Um mesmo sujeito pode ter desenhado pessoas em todas as cenas, somente em algumas ou em nenhuma. Com o intuito de melhor visualizar as imagens que simbolizam as gentes do Brasil, em que locais foram desenhadas (quando o mapa assim estava orientado), que tipo de ação praticavam e que condições de suas vidas eram descritas, entre outros aspectos observados, foi utilizado um protocolo de análise (anexo D) em que tais regularidades foram registradas.

Se os mapas forem considerados em uma perspectiva territorial, a concentração de figuras humanas por região segue a seguinte ordem decrescente (N=279 cenas): Norte (35%), Nordeste (24%), Sudeste (15%), Centro-oeste (14%) e Sul (12%). O fator proximidade parece ter influenciado a maior concentração de personagens em primeiro lugar na região em que os respondentes vivem e em segundo lugar nos seus vizinhos mais próximos.

5.4.1 Os descendentes dos tapuios?

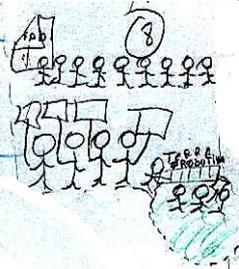
A característica mais nítida nos desenhos de figuras humanas foi o fato de possuírem um pano de fundo temático: a questão da desigualdade social e o poder. Grande parte dos personagens escolhidos pretende revelar um drama na paisagem humana do Brasil. Os desenhos de pessoas especialmente mobilizaram conteúdos afetivos, bastante evidentes nas

imagens. Duas são as polaridades que puderam ser percebidas. Por um lado, o país abriga uma multidão de condenados à fome, ao desemprego, à miséria e ao crime, entre outros problemas (exemplos 2 e 3, quadro 21), pessoas de corpos curvados ou caídos, que trazem no rosto o choro, o sofrimento e a tristeza. No outro pólo, uma minoria de personagens poderosos, desenvolvidos, urbanizados, das classes dominantes e felizes – de feições alegres e despreocupadas -, que são ao mesmo tempo culpados, pois detêm a hegemonia sobre a solução dos problemas, porém não se preocupam, não se escandalizam, permanecem indiferentes frente à dificuldade vivida pela maioria (exemplos 4 e 5, quadro 21). Esse contraste, dimensão que atravessa a temática da desigualdade, ganha visibilidade na expressão corporal dos personagens. O primeiro exemplo do quadro 21 mostra um caso em que a presença dessa dimensão só pode ser percebida na observação da cena. No exemplo 4 do quadro 21, a expressão facial de desprezo e arrogância do personagem funciona como reforçador sobre o texto que trata da sua postura de descaso.

	Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Ex. 1	Estudante de Serviço Social, universidade privada		Corrupção	Interesses individuais
Ex. 2	Estudante de Serviço Social, universidade pública		A fome, onde as famílias não tem o que comerem	A fome é um problema que afeta muito os brasileiros em geral
Ex. 3	Estudante de Serviço Social, universidade privada S27		Mendicância, desemprego	Continua a falta de empregos e há cada vez mais exclusão social
Ex. 4	Estudante de Serviço Social, universidade pública		Homem poderoso	O Brasil está cheio de homens assim que não se preocupam em melhorar o país.
Ex. 5	Estudante de Enfermagem, universidade pública		Político com mansão se divertindo	No Brasil há muitos políticos que extraviam o dinheiro público e não investem o dinheiro em educação.

Quadro 21 – Exemplos de desenhos de pessoas mais freqüentes

A junção das pistas nos permite vislumbrar o desenho de uma estrutura político-social em que o poder é exercido em causa própria (exemplos 1, 4 e 5, quadro 21). Também se pode perceber que a associação principal é entre Estado (corrupto) e poder (exemplos 1, 2 e 3, quadro 22), embora os ditos “desvalidos” travem uma luta em busca de seu espaço nessa dinâmica (exemplo 4, quadro 22). Os detentores do poder aparecem em termos de alteridade, excluídos das identidades sociais em que os entrevistados se consideram enquadrados. Percebe-se a utilização constante de um “eles” coletivo, “os políticos”, que aparecem numa espécie de associação constitutiva com figuras como latifundiários e empresários (detentores de poder econômico). Também se recorre à imagem redutora do poder com o desenho do “chefe” (exemplo 3, quadro 22).

	Identificação do sujeito	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Ex. 1	Estudante de Engenharia, universidade pública		Ações do governo que esmagam o povo	Desigualdade social
Ex. 2	Estudante de Medicina, universidade pública		Políticos ladrões	Devido a enorme presença de políticos não engajados com o bem do "Brasil" e sim com a vontade de se beneficiarem
Ex.3	Estudante de Enfermagem, universidade pública		O chefe do Brasil: dinheiro e os governantes, como robôs chefiados pelo dinheiro	A ilustração objetiva demonstrar a grande corrupção no Brasil concentrada em Brasília
Ex. 4	Estudante de Serviço Social, universidade privada		Desemprego, luta	Continua mais uma vez o desemprego gerando movimentos de classe

Quadro 22 – Exemplos de desenhos de personagens poderosos e de personagens lutadores

Talvez a presença da luta nos desenhos seja uma forma de mostrar que se trata de uma realidade mutável. Todavia, não é o único caminho de enfrentamento. A união, o amor, a esperança e a fé são soluções destacadas, provavelmente por estarem situadas em um pólo oposto ao da concorrência pelos interesses individuais travada pelos poderosos. A presença desses sentimentos nas imagens se constata pelos desenhos de pessoas de mãos dadas, conforme ilustrado no quadro 23.

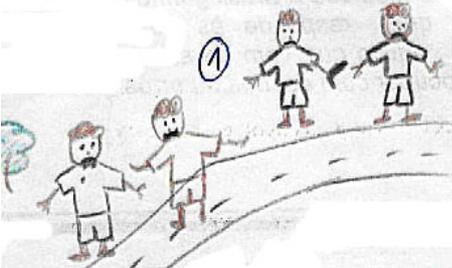
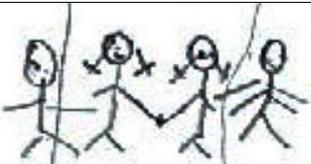
	Identificação do suj.	Cena desenhada	O quê?	Por quê?
Ex. 1	Estudante de Enfermagem, universidade pública		Pessoas unidas em busca de paz: campanhas	No Brasil devido ao crescimento da violência, pessoas clamam por paz fazendo campanhas.
Ex. 2	Estudante de Pedagogia, universidade pública		Professores e alunos	Esperança. Perseverança para uma vida melhor.

Quadro 23 – Exemplos de personagens que se unem, buscam paz e mantêm a esperança

Boa parte dos desenhos humanos constitui cenas em que se retrata a questão da luta pelo poder, fortemente permeada pela dimensão do contraste. Os personagens ocupam polaridades distantes. De um lado, a minoria de “donos do poder”. De outro, a maioria de pessoas pobres, miseráveis, famintas, desempregadas, analfabetas, enfim, “deserdadas”, porém resistentes e persistentes. Seria esse o povo descendente dos tapuios?

5.4.2 O passado, o presente e o futuro

Na maior parte das cenas, os personagens não têm uma identificação detalhada (não há como saber se são homens, mulheres, crianças, negros etc.). No entanto, dentre os personagens identificados, a prevalência é das crianças. Em sua quase totalidade essas crianças vivem em péssima situação social (exemplo 1, quadro 24), mas também são destacados por representarem as possibilidades futuras do país. Traços da juvenildade de um povo que, ainda na minoridade, corre contra o tempo para se refazer. É nos desenhos das crianças que aparece a preocupação com o destino nacional (exemplo 2, quadro 24).

	Identificação do sujeito	Cena do desenho	O quê?	Por quê?
Ex. 1	Estudante de Pedagogia, universidade privada		Crianças trabalhando na rua	Em consequência da falta de emprego, moradia, crianças trabalham na rua ao invés de irem pra escola.
Ex. 2	Estudante de Engenharia, universidade pública		Crianças	São as nossas sementes e devemos cultivá-los como nossa esperança que o Brasil pode ser diferente.

Quadro 24 – Exemplos de desenhos de crianças

Após a criança, o índio é o personagem que ganhou mais destaque. Todos foram desenhados na região Norte. Sua imagem é estereotipada (cocar, flecha, oca etc.), no entanto a sua importância é reconhecida. O que justifica a sua presença nos desenhos é o fato de que ele representa a origem do brasileiro, é visto como depositário da cultura, mas que vem sendo discriminado e desvalorizado. Este elemento talvez seja um indício de diferencial com relação a outras respostas, majoritárias no conjunto do material, que identificam na Bahia o início de tudo. Seja como for, só aqui se encontra esse destaque dado ao índio e ao seu papel de fundador da nação.

Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Estudante de Pedagogia, universidade pública		Os nossos índios	Porque foram eles que passaram essa cultura que possuímos e que é tão importante.
Estudante de Medicina,		Um índio	Eles existem e não podem ser

universidade pública		negligenciados.
----------------------	---	-----------------

Quadro 25 – Exemplos de desenhos de índios

As pessoas são incluídas também nos desenhos cujos temas são a miscigenação ou a diversidade étnica e cultural. Um aspecto interessante é que as imagens destacam diferenças nas feições e nos cabelos e dão pouco destaque às diferenças de cor. As representações das raças que, segundo os estudantes, constituíram a nação brasileira não são de desenhos de personagens das três raças. Os personagens não têm cor, fugindo uma vez mais à representação hegemônica, no caso, a do casamento das raças. Talvez seja difícil representar o mosaico de combinações imaginadas ou a negritude tenha objetivação no dito cabelo “ruim”. Vale lembrar que boa parte da nossa amostra não se auto-declarou branca (apenas 21%), sendo composta em sua maioria por pardos (58%). Mesmo assim, a presença de personagens negros é bastante discreta, praticamente ínfima.

Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Estudante de Serviço Social, universidade pública		Pessoas	Representa a mistura de raça no Brasil.
Estudante de Medicina, universidade pública		Miscigenação, mistura de raças	Não há uma etnia definida no Brasil e essa é uma das características mais marcantes dessa nação.
Estudante de Pedagogia, universidade pública		A miscigenação	É um povo que possui uma mistura de raças ou gens, onde vejo que a raça humana deveria ser mais importante
Estudante de Serviço Social, universidade pública		Etnias diversificadas	Pois o Brasil acolheu muitos imigrantes que acabaram se relacionando, dando origem a culturas diferentes

Quadro 26 – Exemplos de desenhos de pessoas cujo tema é a miscigenação

Podemos verificar o registro de três temporalidades. No passado, encontramos a ênfase dada ao elemento indígena na formação racial brasileira. A consideração da miscigenação que deu origem à nação não parece registrar a união das três raças, tal como foi difundido como um dos nossos mitos fundadores. Seria essa uma nova visão atualizada da

miscigenação? A miscigenação de pessoas já miscigenadas? Os desenhos nos intrigam, porém limitam as afirmações, embora continuem parecendo indicar uma mudança em curso nas representações do Brasil. No presente a questão não tem relação com a raça, mas sim com a concentração do poder: os desvalidos e os bem providos. Como projeção futura, destaca-se a ênfase no destino das crianças, já comprometido pelas condições de vida a que estão submetidas.

5.4.3 Outros destaques: cultura, região, ação, condição

Dentre os desenhos destacaram-se também os tipos regionais. São formas objetivadas de algumas representações de regiões brasileiras que se ancoram nos seus aspectos culturais. Assim, o gaúcho, a prenda, os dançarinos de carimbó, a baiana e a sambista são desenhados com seus trajes típicos, por vezes acompanhados de alguma comida, o caboclo amazônico é desenhado usando chapéu e junto à sua cesta de palha ou perto de alguma figura mitológica, o nordestino toca algum instrumento ou tem seu modo de vida no sertão destacado.

Identificação do sujeito	Cena	O quê?	Por quê?
Estudante de Enfermagem, universidade pública		Gaúcho e prenda	Símbolos da região Sul
Estudante de Pedagogia, universidade pública		Uma baiana e seu acarajé	Típico da Bahia
Estudante de Pedagogia, universidade pública		Carimbó	Porque é regional da nossa terra (Pará)
Estudante de Medicina, universidade pública		Caboclo amazônico	Seu legado cultural está paulatinamente sumindo
Estudante de Medicina, universidade pública		Cobra-grande	Uma grande lenda que ainda sobrevive entre os ribeirinhos
Estudante de Engenharia, universidade pública		Um simples músico nordestino	A fim de mostrar o quanto temos de arte apesar de tudo
Estudante de Serviço Social, universidade privada		O carnaval	Porque o Brasil é um povo alegre e otimista apesar dos problemas.

Quadro 27 – Exemplos de desenhos de tipos regionais

Não houve registro da presença tão marcada destes personagens nos mapas de universitários do Rio de Janeiro (CRUZ, 2006), por exemplo. Seria o forte sentimento regional dos paraenses o vetor que orienta esta visão das figuras representativas das culturas do resto do Brasil?

Um olhar voltado para as ações dos personagens também mapeia diferenças regionais. Olhando o desenho acompanhado de sua explicação, foi possível identificar quando o personagem estava praticando alguma ação na cena em que aparecia. Em algumas ocasiões o próprio desenho permitiu a interpretação da ação por indicar algum tipo de movimento. Em outros casos, devido às limitações gráficas, as ações só puderam ser registradas por meio das respostas escritas. As ações reconhecidas e citadas foram em ordem decrescente de frequência: se divertindo, cometendo crime/ato violento, trabalhando, roubando (sentido de corrupção)/fazendo mal uso de poder, lutando, migrando, descansando, rezando, destruindo a natureza, indo à escola, jogando lixo no lixo. O que foi mais comum de acontecer não foi a identificação de uma ação específica do personagem, mas sim a descrição de uma condição (exemplos: vive na rua, passa fome, está desempregado, não tem acesso à educação), mas esse tipo de desenho já foi tratado no primeiro subitem (6.4.1), quando se falou dos personagens mais desenhados, aqueles que vivem em más condições sociais.

O cruzamento entre as ações, condições e regiões geográficas mostrou que as regiões Norte e Nordeste concentraram mais cenas em que as condições de exclusão já descritas

(desemprego, fome etc.) são identificadas, mas com relação à ação, as duas regiões se destacaram por concentrarem mais personagens que se divertem, trabalham (sempre no meio rural), roubam (políticos corruptos) e descansam. Na região Sudeste, a maior frequência são as cenas de crimes violentos (matando, morto, assaltando). Apenas na região Sul pessoas ricas e bonitas foram desenhadas.

A análise dos personagens permitiu a união de mais indícios sobre os recortes dados às diferentes regiões do Brasil. Os tipos regionais escolhidos para compor os mapas indicaram em que regiões do país a cultura é um elemento que possui força evocativa para o grupo estudado. A prevalência de personagens em cujas cenas se ressaltaram condições (ruins de vida) está nas regiões Norte e Nordeste e de personagens com descrições positivas está na região Sul, o que reforça os dados já apresentados sobre a percepção de um país dividido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil, em um sentido simbólico, já existia muito antes do descobrimento. Foi ao longo dos tempos se construindo e firmando raízes em um discurso centrado principalmente na natureza e na providência divina, embora com sucessivos movimentos de construção e reconstrução de semióforos que visavam satisfazer às exigências simbólicas de cada período histórico (CHAUÍ, 2000; ARRUDA, 2000). É por essa razão que falar de Brasil exige uma permanente atualização de suas problemáticas. É necessário considerar os objetos que estudamos inscritos em um contexto social e cultural e em um tempo histórico (JODELET, 2000). Dessa forma, como seriam as representações sociais de Brasil para jovens paraenses hoje, em um contexto de globalização? A natureza constantemente ressaltada nas descrições sobre o Brasil teria o mesmo peso? E as teorias sobre raça e povo permanecem? Há novos elementos?

Os dados nos permitem considerar que significações sobre o Brasil se organizaram em múltiplos planos que se sobrepõem e se interpenetram e por vezes constituem campos de tensões. Foram diferentes lógicas de construção, diferentes eixos orientadores, diferentes dimensões, que se combinaram com aspectos e tonalidades afetivas para compor nuances

representativas.

De forma sintética, o que principalmente organizou a representação do Brasil foi a dimensão do contraste. O contraste entre elementos, entre regiões, entre pessoas, que insinua uma visão do país e de sua gente, visão bipolar, dilemática, conforme já elaborado por DaMatta (1990). Tais indícios representativos já haviam sido apontados pelos dados encontrados no projeto de pesquisa que deu origem a essa dissertação e também pelos trabalhos de Novaes (2006) e Cruz (2006), desenvolvidos em outras dissertações ligadas ao mesmo projeto.

Com relação aos aspectos mais específicos definidores do Brasil, se destacaram, no conjunto dos mapas, nessa ordem: suas características socioeconômicas e políticas, sua natureza e sua gente. Porém a análise detalhada indicou a coexistência de variações das representações.

Com relação às diferenças de representações entre os cursos, a divisão inicial em dois grupos se demonstrou pela aproximação do pensamento dos estudantes de Medicina e Engenharia por um lado e dos estudantes de Serviço Social e Enfermagem por outro. O curso de Pedagogia ficou em uma posição intermediária. Os dois primeiros cursos, apresentaram uma representação que tendeu para a hegemônica, em que a natureza ocupou lugar central, porém permeada por forte teor econômico. Também observou-se menor ênfase em questões mais sociais e voltadas para questões humanas. O curso de Serviço Social se destacou por apresentar mais posicionamentos críticos e problematizadores, tendência acompanhada pelos estudantes de Enfermagem. Já entre os estudantes de Pedagogia, permaneceu o dilema, embora se possa verificar que tenderam a acompanhar o caminho dos estudantes do primeiro grupo.

A presença do regionalismo apontou para a consideração da influência de uma outra lógica em que modos de ver específicos de um grupo são projetados sobre o país. Forneceu

pistas sobre o lugar em que os paraenses se situam com relação ao país e um pouco sobre do que enxergam nas outras regiões. Tais relações mostram que de fato, os espaços socioculturais simbolizados permitem aos sujeitos organizar suas referências sobre a vida social (JODELET, 2000).

A utilização dos desenhos nos permitiu explorar o papel das imagens na construção das representações. Em alguns casos, elas funcionaram como elementos que nos permitiram visualizar objetivações, como, por exemplo, nos desenhos do litoral. Em outros, os desenhos nos forneceram informações detalhadas, que igualmente compunham os conteúdos representativos, como por exemplo, nas representações da floresta, em que a associação à economia influenciava o destaque aos minérios como elementos imagéticos inseridos nos esquemas sobre a floresta. Ainda, a imagem permitiu a exploração de relações não expressas explicitamente no discurso verbal, como por exemplo, de certas relações socioespaciais: a identificação de certos lugares destacados por seus aspectos culturais ou do litoral entendido como uma categoria territorial importante, da presença da floresta “empurrada” para a extremidade noroeste. O desenho também nos permitiu o acesso a idéias espaciais que possivelmente remanescentes da história: uma linha física separando o Norte e o Sul. Todos esse indícios parecem apontar para o importante papel que certas imagens ocupam na elaboração de representações.

A análise detalhada dos mapas de apreensão geral, nos permitiu observar que o desligamento de uma visão territorial de fato poderia nos fornecer pistas sobre processos representativos em curso. A análise detalhada segundo a tonalidade afetiva mostrou como cada uma das tendências influenciou nos recortes dados aos aspectos específicos definidores do Brasil e na existência do atravessamento pelas dimensões.

Os mapas apontaram para três tipos de representações sociais do Brasil, representações hegemônicas e polêmicas que convivem e se superpõem em um movimento

oscilante entre resistência e mudança. Representações hegemônicas mais antigas, bastante vinculadas à natureza e às raças, aparecem preservadas nos mapas de tonalidade valorizante. No âmbito dos desenhos, foram os mapas que possuíam menos registro de pessoas e mais de elementos naturais.

O outro grupo representativo, formado pelos mapas de tonalidade ambivalente, pareceu estar mais próximo de representações hegemônicas posteriores, em que a mistura e a cultura eram valorizadas, assim como as qualidades do povo. E ao mesmo tempo, apontaram problemas, de forma que entre eles permaneceu o dilema. Em seus desenhos, a presença de elementos naturais e humanos também tenderam ao equilíbrio.

O outro grupo, constituído pelo mapas de visão mais crítica, embora minoritário, foi o que trouxe representações polêmicas. Nesses mapas os desenhos de elementos humanos prevaleceram e os desenhos de natureza revelaram faces de sua relação negativa com a sociedade.

Dessa forma, percebemos que as representações hegemônicas e polêmicas coexistem e se entrecruzam, mas também estabelecem campos de luta, o que pode ser inferido pela existência de diferenças entre os grupos e pelo atravessamento constante de questões ligadas à tensão natureza-sociedade em todos eles. O grupo de posicionamento ambivalente guarda e reverbera essa tensão.

Dentre os mapas mentais recolhidos pelo projeto e já analisados, os do estados do Pará foram os que até o momento nos forneceram mais indícios de outras visões do Brasil. Justamente o grupo que mora na floresta não apresenta uma visão idealizada dela, o que talvez esteja relacionado com o grande volume de informações que circulam sobre ela, ao qual possuem acesso. Também o contato mais próximo de informações dos povos minoritários da floresta, devem contribuir para a constituição de um campo da informação de grande amplitude cuja repercussão afetiva pode ser imaginada, ao tocar um dos esteios da

marca de pertença desta população. A globalização e o olhar atento que o mundo passou a colocar sobre a floresta a partir do movimento organizado por Chico Mendes, a influência de intelectuais que passaram a problematizar questões da região, da atuação de ONGs que têm se manifestado como minorias ativas em defesa de questões amazônicas, seriam outros possíveis motores (embora não únicos) dessas representações contemporâneas que trazem problematizações e instigam a renovação das representações hegemônicas, contribuindo para caminhos de mudança.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. de. **Capítulos de história colonial**. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha. Grandes nomes do pensamento brasileiro, 2000.

AMARAL, R. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDERSON, B. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. 2 ed. rev. ampl. New York: Verso, 1992.

ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora - nova versão. 12 reimpr. 1 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ARRUDA, A. **Environnement, développement, sciences écologiques**: sur quelques représentations des relations techniques et scientifiques entre l'homme et son milieu. 1981. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, França. 1981.

_____. O Ambiente Natural e seus Habitantes no Imaginário Brasileiro: negociando a diferença. In: _____. (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Brasil e sua gente: representações sociais em 500 anos.** In: *Psicologia & Sociedade*, v. 12, n.1/2, 2000. p. 18-31.

BAUGNET, L. **L'identité sociale.** Paris: Dunod, 1998.

BAENA, A. L. M. **Ensaio coreográfico sobre a província paraense.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. Edições do Senado Federal, v. 30.

BARTHES, R. Rhétorique de l'image. **Communications.** École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Seuil, n.4, 1964.

BAUER, M. A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995. p. 229-257.

BOMFIM, Z.; URRUTIA, E. Affective dimension in cognitive maps of Barcelona and São Paulo. **International Journal of Psychology**, v. 40, n. 1, London, Psychology Press, 2005.

BRAGA, T. **Apostilas de história do Pará.** Theses propostas pela Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1913.

BROWN, B. B. Territoriality. In: STOKOLS, D.; ALTMAN, I. (Orgs.). **Handbook of environmental psychology.** New York: John Wiley & Sons, 1987. p. 505-532.

BUENO, M. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa.** 2002. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARDOSO, A. C.; CHAMBOULEYRON, R. Fronteiras da cristandade: relatos jesuíticos no Maranhão e Grão-Pará (Século XVII). In: DEL PRIORE, M.; GOMES, F. dos S. (Orgs.). **Os senhores dos rios.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 33-60.

CARVALHO, J. M. Brasil: nações imaginadas. **Antropolítica: revista de antropologia e ciências políticas**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, n. 1, 1994.

COLARES, A. **Colonização, catequese e educação no Grão-Pará.** 2003. 202 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CRUZ, A. C. D. **Representações sociais de universitários do Rio de Janeiro sobre o Brasil**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, E. da. **Os sertões**. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Publifolha. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro, 2000.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DARRAS, B. L'image, une vue de l'esprit. **Recherches en Communication**, n.9, 1998.

DE ROSA, A. S. The social representations of mental illness in children and adults. In: DOISE, W.; MOSCOVICI, S. (Orgs.). **Current issues in European social psychology**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1987. p. 47-138.

_____; FARR, R. Icon and symbol: two sides of the same coin in the investigation of social representations. In: BUSCHINI, F.; KALAMPALIKIS, N. (Orgs.). **Penser la vie, le social, la nature**. Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2001. p. 237-256.

_____. O impacto das imagens e a partilha social de emoções na construção da memória social: uma chocante memória flash de massa do 11 de setembro até a guerra do Iraque. In: SÁ, C. P. de (Org.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

ECO, U. **A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FONTES, E. O paraíso chama-se Pará: o álbum "Pará em 1900" e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, J. M.; GUZMAÑ, D. de A. (Orgs.). **Terra matura:**

historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-tatu, 2002. p. 257-271.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GIMÉNEZ, G. Territorio, cultura e identidades. La región socio-cultural. In: ROSALES, R. (Org.). **Globalización y regiones en México**. México: UNAM-Fcps-PUEC-Miguel Angel Porrúa, 2000. p. 19-52.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODELIER, M. **L'idéal et le matériel**. Paris: Fayard, 1984.

GRIZÉ, J-B. Lógica natural e representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 123-138.

GUERRERO, A. Imágenes de América Latina y México a través de los mapas mentales. In: ALBA, M.; ARRUDA, A. (Orgs.). **América Latina: imaginario y representaciones sociales**. Ciudad de Mexico: UNAM, 2006 (no prelo).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. **A invenção de tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**, versão 1.0. 2001.

GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GOULD, P. On mental maps. In: DOWNS, R.; STEA, D. (Orgs.). **Image and environment: cognitive mapping and spatial behavior**. Chicago: Adline Publishing, 1973. p. 182-221.

HOLANDA, S. B. de. Os franceses no Maranhão. In: _____. (Org.). **História geral da civilização brasileira**. v. 1. São Paulo: Civilização Brasileira, 1963.

_____. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**.

São Paulo: Brasiliense, 1992.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), **Indicadores sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

_____. Las representaciones sociales del medio ambiente. Cognición, representaciones y apropiación del espacio. Monografies Psico/Socio/Ambientals, Barcelona, Universitat de Barcelona – Universitat de les Illes Balears, n. 9, 1989. p. 29-44.

_____. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Representaciones sociales: contribución a un saber sociocultural sin fronteras. In: _____.; GUERRERO, A. (Orgs.). **Develando la cultura**. México, D.F.: UNAM, 2000.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17- 44.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOFFE, H. “Eu não”, “o meu grupo não”: as representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 297-322.

JOLY, M. **Introdução aos estudos da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: saberes sociais e polifasia cognitiva. **EDUCadernos – Série Estudos e Pesquisas**. Programa de Pós-graduação em Educação da FURB. Blumenau, set. 2001.

KOHLHEPP, G. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. **Estudos avançados**, São Paulo, v.16, n. 45, 2002. p. 37-61.

KOSSLYN, S. M. Graphics and human information processing. **Journal of the American Statistical Association**. v. 80, 1985. p. 499-512.

LAVAUD, L. **L'image**. Paris: Flammarion, 1999.

LOPES, J. R. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro. Fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações. **Revista de estudos da religião –REVER**, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 3, 2003. p. 1-29.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Estudos avançados**, São Paulo, v.16, n.45, maio/ago 2002. p. 107-121.

MAMALI, C. The value of images for exploring the functions of social representations: toward self-generated pictorial social representations. A comment on 'History, emotions and hetero-referential representations' by Sen and Wagner (2005). **Papers on Social Representations**, v. 15, 2006. p. 3.1-3.9.

MANSELL, D. Language in a image. **Criticism**, Spring, 1999. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m2220/is_2_41/ai_56913407/pg_8> Acesso em: 21 jul. 2006.

MARTINS, H. T. A fragmentação do território brasileiro: a fragmentação de novos estados no Brasil. **Caderno CRH**, Salvador: Universidade Federal da Bahia, v.14, n. 35, jul./dez. 2001. p. 263-288.

MELLET, E. Image(s) et psychologie. Bases neurales de l'imagerie mentale: apports de la neuroimagerie. **Actes de Premières Rencontres Inter-IUFM**. IUFM de Caen, 23, 24 e 25 mar. 2000.

MILGRAM, S.; JODELET, D. Psychological maps of Paris. In: PROSHANSKY, H.M.; ITTELSON, W. H. ; RIVLIN, L. G. (Orgs.) **Environmental psychology: people and their physical setting**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1976.

MOLINARI, L. & EMILIANI, F. What is in an image? The structure of mothers' images of the child and their influence on conversational styles. In: DUVEEN, G. & Lloyd, B. (Orgs.). **Social representations and the development of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MOLINER, P. **Images et représentations sociales**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1996.

MORBACH, M. R. A publicidade no período Médici: os efeitos da propaganda de ocupação

da Amazônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. Anais eletrônicos... Reposcom: 2001. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/4454>> Acesso em: 10 mar. 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, n.18, 1988. p. 211-250.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. & HEWSTONE, M. De la Science au Sens Commun. In: MOSCOVICI, S. (Org.), **Psychologie Sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

MUCCHIELLI, R. **Psicologia da publicidade e da propaganda**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

NOVAES, A. **Brasil: representações sociais de estudantes de pedagogia**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEN, R. G. Região e nação na identidade brasileira. In: ZARUR, G. (Org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Ed. Unb; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 65-80.

PÁDUA, J. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. **História, ciências, saúde: Manguinhos**, v.1, n.1, jul.-out. 1994. p.793-812.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PINTO, L. F. Eu sou amazônida e você? [Gramsci e o Brasil / La Insignia](http://www.lainsignia.org/2006/julio/ibe_008.htm). Brasil, 4 jul., 2006. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2006/julio/ibe_008.htm> Acesso em: mar. 2007.

PORTELLA, C. **Os melhores poemas de Patativa do Assaré**. São Paulo: Global, 2006.

PRADO JÚNIOR., C. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha. Grandes nomes do pensamento brasileiro, 2000.

RELATÓRIO DO PROJETO IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL, 2005.

RICCI, M. O fim do Grão-Pará e o nascimento do Brasil: movimentos sociais, levantes e deserções no alvorecer do Novo Império. In: DEL PRIORE, M.; GOMES, F. dos S. (Orgs.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 165-193.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____.; OLIVEIRA, D.; PRADO, L. As memórias coletivas do descobrimento do Brasil: imagem comum e juízos diferenciados nas populações portuguesa e brasileira. In: SÁ, C. P.; CASTRO, P. **Memórias do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 27-44.

SAARINEN, T. Students views of the world. In: DOWNS, R.; STEA, D. (Orgs.). **Image and environment**: cognitive mapping and spatial behavior. Chicago: Adline Publishing, 1973. p. 148-161.

SALES, M. O. I. **Imagens do mar a partir dos textos galego-portugueses – Séculos XIII a XV**. 2003. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SALVADOR, F. V. do. **História do Brasil: 1500 – 1627**. Meio eletrônico, 1627. Obra disponível em edição digital no site da Biblioteca Nacional. Disponível em : <www.bn.br/> Acesso em: 13 fev. 2006.

SAMPAIO, P. M. Administração colonial e legislação indigenista na Amazônia portuguesa. In: DEL PRIORE, M.; GOMES, F. dos S. (Orgs.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 123-139.

SANTAELLA, L. Palavra, imagem & enigmas. **Revista USP**: Dossiê Palavra/imagem, São Paulo, n. 16, dez. 1992, jan.- fev. 1993. p. 36-51.

SAUER, S. **Violação dos direitos humanos na Amazônia: conflito e violência na fronteira paraense**. Goiânia: CPT; Rio de Janeiro: Justiça Global; Curitiba: Terra de Direitos, 2005. 170p. Disponível em: < www.global.org.br/docs/relatorioparaportugues.pdf > Acesso em: jun. 2006.

SEN, R.; WAGNER, W. A comment on 'History, emotions and hetero-referential representations in inter-group conflict: the example of hindu-muslim relations in India. **Papers on Social Representations**, v. 14, 2005. p. 2.1-2.23.

SOUZA, M. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____. Afinal, quem é mais moderno neste país? **Estudos avançados**. Dossiê Amazônia Brasileira I, São Paulo, v.19, n.53, 2005. p. 87-96.

_____. Amazônia e modernidade. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, 2002. p. 31-36.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

UGARTE, A. S. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: DEL PRIORE, M.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 3-31.

VALERA, S. Medio ambiente y representación social. Una visita a la ciudad como representación social. In: GARCÍA-MIRA, R.; SABUCEDO, J.M.; ROMAY, J. (Orgs.). **Psicología y medio ambiente**. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos. La Coruña: Publiedisa, 2002. p.133-147.

VERÍSSIMO, J. As populações indígenas e mestiças da Amazônia. Sua linguagem, suas crenças e seus costumes. In: _____. **Estudos amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. p. 11-88.

VIEIRA, A. **Copia de huma carta para el rey N. Senhor. Sobre as missões do Seará, do Maranham, do Pará & do Grande rio das Almazónas...Escrita pello padre Antonio Vieira da Companhia de Iesu, pregador de Sua Magestade & Superior dos Religiosos da mesma Companhia naquella conquista**. Lisboa: Oficina de Henrique Valente Oliveira, 1660.

VIOLA, E. J. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. In: PÁDUA, J. A. (Org.). **Ecologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, IUPERJ, 1987. p. 65-68.

VIOLA, E.J. Os desafios do Brasil: da globalização segmentada à globalização integradora. **Século XXI**: uma revista de futuro. Millennium e Instituto de Política, Brasília, v.1, n.1, 1998.

ZARUR, G. Introdução. In: _____. (Org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Ed. Unb; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 65-80.

Anexo A – Questionário 1

Esta é uma pesquisa sobre o imaginário do Brasil. Queremos observar as formas que o Brasil ganha na imaginação das pessoas. Solicitamos que responda às questões com espontaneidade e respeitando aquilo que vem de sua imaginação e da sua memória, sem se preocupar com acertos ou erros.

Q1

Nome do aluno: _____

Instituição em que estuda: _____

Curso: _____

Município: _____ Estado: _____

1. Na folha em branco ao lado, desenhe o mapa do Brasil sem se preocupar com a exatidão. Faça somente o contorno do mapa, sem dividir por estados.
2. Desenhe nesse mesmo mapa o que você acha que existe espalhado pelo Brasil. Se quiser pode usar lápis de cor. Vá numerando os desenhos à medida em que os for fazendo (nº 1 o primeiro, nº 2 o segundo e assim por diante).
3. Dê um título ao seu desenho:

4. Conte-nos o que você desenhou e por que escolheu esses desenhos em seu mapa preenchendo o quadro a seguir, de acordo com a sequência que utilizou para identificar os seus desenhos. Não preencha, por enquanto, a coluna D.

A – nº	B- O QUÊ?	C- POR QUÊ?	D
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			

OBS: Descreva, até no máximo, 10 desenhos.

5. De tudo que você desenhou, escolha somente os 4 mais importantes para você. Numere esses 4 em ordem crescente de importância (1= o mais importante). UTILIZE A COLUNA D do quadro da questão anterior.
6. Responda:

6.1) Por que você acha que tudo isso é Brasil?

6.2) O que, para você diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

Essa etapa terminou. Entregue o seu questionário ao aplicador.

ANEXO B – Questionário de perfil

NOME DO(A) ALUNO(A):**1. Instituição em que você estuda**

Nome:

Município:

Estado:

2. Curso

(A) Medicina

(B) Engenharia

(C) Serviço Social

(D) Enfermagem

(E) Pedagogia

3. Período

(A) Manhã

(B) Vespertino

(C) Noturno

(D) Integral

(E) Outro. Qual?

4. Você está matriculado regularmente no

(A) 1º período

(B) 2º período

(C) 3º período

(D) Outro. Qual?

5. Você é do sexo

(A) masculino

(B) feminino

6. Qual é a sua idade?

(A) até 24 anos

(B) de 25 a 30 anos

(C) mais de 30 anos

7. Você se considera

(A) Branco

(B) Pardo

(C) Negro

(D) Amarelo

(E) Indígena

8. Onde seu pai nasceu?

Município:

Estado:

9. Onde sua mãe nasceu?

Município:

Estado:

10. Onde você nasceu?

Município:

Estado:

11. Onde você mora?

Município:

Estado:

12. Há quanto tempo você mora, sem interrupção, nesse município?

(A) Há menos de um ano

(B) Entre 1 e 5 anos

(C) Entre 6 e 11 anos

(D) Entre 12 e 17 anos

(E) Mais de 18 anos

13. Você mora:

(A) com seus pais e/ou outros parentes

(B) com esposo (a) e/ou filhos(as)

(C) com amigos(as)

(D) em pensionato

(E) sozinho(a)

14. Qual a escolaridade do seu pai?

(A) Nunca frequentou a escola

(B) Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série

(C) Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série

(D) Ensino Médio (2º grau) incompleto

(E) Ensino Médio (2º grau) completo

(F) Superior incompleto

(G) Superior completo

(H) Outra

(I) Não sei

15. Qual a escolaridade da sua mãe?

(A) Nunca frequentou a escola

(B) Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série

(C) Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série

(D) Ensino Médio (2º grau) incompleto

(E) Ensino Médio (2º grau) completo

(F) Superior incompleto

(G) Superior completo

(H) Outra

(I) Não sei

NOME DO(A) ALUNO(A):

16. Você tem uma religião ou culto?

- (A) Sim. Qual? _____
 (B) Não.

17. Qual é o ganho mensal de sua família?

ATENÇÃO: some os ganhos de todos de sua família que trabalhem e que estejam morando em sua casa. Inclua o seu ganho, caso você trabalhe.

- (A) Até R\$ 980,00
 (B) De R\$ 981,00 até R\$ 2.000,00
 (C) De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00
 (D) De R\$ 3.001,00 até R\$ 5.000,00
 (E) Mais de R\$ 5.000,00
 (F) Não sei

18. Você trabalha?

- (A) Não, não trabalho.
 (B) Trabalho, mas dependo do dinheiro de minha família.
 (C) Trabalho e não dependo do dinheiro de minha família.
 (D) Trabalho e sustento outras pessoas.

Obs. Se você não trabalha, passe diretamente para a pergunta 22.

19. Há quanto tempo você trabalha?

- (A) Há menos de 2 anos
 (B) De 2 a 5 anos
 (C) De 6 a 10 anos
 (D) De 11 a 15 anos
 (E) De 16 a 20 anos
 (F) Há mais de 21 anos

20. Você trabalha em Educação?

- (A) Sim.
 (B) Não.

21. Caso trabalhe em Educação, indique em que nível (a)

- (A) Educação Infantil (creche)
 (B) Educação Infantil (pré-escola)
 (C) Ensino Fundamental
 (D) Ensino Médio
 (E) Outro trabalho em educação. Qual? _____
 (F) Não trabalho em educação

Onde você mora existe:

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

		Sim	Não
22	Água encanada?	(A)	(B)
23	Eletricidade?	(A)	(B)
24	Calçamento?	(A)	(B)

25. Em sua casa trabalha alguma empregada doméstica? Quantas?

- (A) Nenhuma.
 (B) Uma, todos os dias úteis.
 (C) Duas ou mais todos os dias úteis.
 (D) Diarista (faxineira) 1 ou 2 X por semana.

26. Quantas pessoas moram com você?

- (A) Moro sozinho(a) ou com mais uma pessoa.
 (B) Moro com mais 2 pessoas.
 (C) Moro com mais 4 ou 5 pessoas.
 (D) Moro com mais de 6 pessoas.

Quantos dos seguintes itens há no lugar onde você mora?

(Marque a quantidade correspondente a cada item ou zero (0) quando não houver nenhum.)

ITENS	QUANTOS	0	1	2	3	4 ou +
27	Cozinha	0	1	2	3	4 ou +
28	Sala	0	1	2	3	4 ou +
29	Quarto	0	1	2	3	4 ou +
30	Banheiro	0	1	2	3	4 ou +
31	Televisão	0	1	2	3	4 ou +
32	Videocassete	0	1	2	3	4 ou +
33	Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
34	Freezer	0	1	2	3	4 ou +
35	Lava roupa	0	1	2	3	4 ou +
36	Aspirador	0	1	2	3	4 ou +
37	Computador	0	1	2	3	4 ou +
38	Automóvel	0	1	2	3	4 ou +

Vazios(imagem)	Pará													
	Trecho entre SE e S													
	NE													
	CO													
	Natureza													
	Contraste													
	Turismo													
	Economia													
	Pessoas													

ANEXO D – Protocolo de análise dos personagens

Identificação suj.- nº cena	Quem é o personagem	Expressão facial/ corporal	Ação	Estado/condição	Contexto/cenário	Onde	Resposta texto
--------------------------------	------------------------	----------------------------------	------	-----------------	------------------	------	----------------

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)